

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas
IP – Instituto de Psicologia
EICOS – Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social

**O investimento da mulher em uma carreira profissional
e seu impacto na vida conjugal**

Por: Franciny Freitas Azevedo

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Rio de Janeiro
Dezembro / 2012



**O investimento da mulher em uma carreira profissional
e seu impacto na vida conjugal**

Por: Franciny Freitas Azevedo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Rio de Janeiro
Dezembro / 2012

A994 Azevedo, Franciny Freitas

O investimento da mulher em uma carreira profissional e seu impacto na vida conjugal / Franciny Freitas Azevedo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

133f.

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS, 2012.

1. Mercado de trabalho – Mulheres. 2. Separação conjugal. 3. Família. 4. Casamento. I. Rocha-Coutinho, Maria Lúcia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 331.4

Franciny Freitas Azevedo

O investimento da mulher em uma carreira profissional e seu impacto na vida conjugal

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada em 11 de Dezembro de 2012 pela banca examinadora.

Maria Lúcia Rocha-Coutinho, Dr. (EICOS/UFRJ)

Leila Sanches de Almeida, Dr. (EICOS/UFRJ)

Leila Maria Torraca de Brito, Dr. (UERJ)

AGRADECIMENTOS

Aproveito este espaço para demonstrar a minha gratidão e carinho por todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

A Deus, pela constante presença em minha vida abençoando-me, e iluminando meus caminhos.

Aos meus amados pais, João e Iva, que me proporcionam amor, dedicação, investimento e carinho. Seus 54 anos de convivência, e 49 de casamento, estimulam entender um pouco esse percurso que sem dúvida parece ser difícil, mas vivenciado com muito amor e companheirismo. Sem o apoio de vocês esse projeto não seria possível.

Ao meu irmão Anderson que além do apoio e amizade incondicionais pode me ajudar nas horas em que eu mais precisava. Suas opiniões e orientações foram essenciais.

Ao meu irmão Jeferson que mesmo à distância se faz presente em todos os momentos me incentivando e auxiliando. Agradeço também pelo apoio técnico, sendo meu *help-desk*, “salvando” os computadores para que eu pudesse concluir o trabalho. Claudia, você também participou desse longo processo.

Aos meus queridos sobrinhos Vinícius e Giulia pelo carinho e pela torcida.

Aos meus amigos que compreenderam o meu afastamento e não deixaram de me proporcionar apoio para continuar na frente do computador ou para me tirar dele à força para os momentos de lazer, uma vez que a vida é feita disso tudo! Luciene e Vivi, o apoio e a motivação vinda de vocês me ajudaram muito durante todo o percurso. Obrigada! Edu agradeço pelo companheirismo e pela sua inspiração nos momentos certos. Érica, além da longa amizade, agradeço por ter me apresentado ao EICOS. Viu? Enfim, conseguimos ser também colegas de turma! Queridos amigos Shirley, Kelly, Marina, Elton, Aline, Camila, Eliana, Meily e Ana Paula agradeço a ajuda, os incentivos e palavras de apoio.

Aos meus amigos do curso agradeço a companhia e participação de todos, principalmente aos que mantive contato mais direto: Vania, em nossas longas conversas, dividimos nossas dúvidas, angústias e gratas descobertas. Gabriela, muito obrigada! Sua ajuda foi essencial. Vanessa e Juliana pelos conselhos e companheirismo desde o início.

À minha orientadora Maria Lúcia Rocha-Coutinho agradeço para além da orientação do trabalho, a total atenção dispensada. Suas palavras de apoio e incentivo foram fundamentais para a conclusão deste.

À professora Leila Brito que pode acompanhar um pouco do meu desenvolvimento acadêmico participando como orientadora de minha monografia de graduação e em conjunto

com a professora Leila Almeida participaram tanto da banca de qualificação como de defesa e puderam trazer contribuições valiosíssimas para o desenvolvimento do trabalho.

Aos demais professores e funcionários do Programa EICOS que ajudaram a contribuir para minha formação.

Agradeço também a todas as mulheres que participaram desse estudo e me confiaram um pouco de suas histórias de vida.

Por fim, agradeço à minha “grande família” que pode me proporcionar o terreno para que eu goste tanto de estudar este assunto.

RESUMO

AZEVEDO, F. F. (2012). **O investimento da mulher em uma carreira profissional e seu impacto na vida conjugal**. 133p. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Ao longo das últimas décadas, a estrutura da sociedade e a formação familiar nas grandes metrópoles vêm sofrendo os impactos de fatores sociais e econômicos, como a diminuição do poder da Igreja sobre a sociedade, a globalização, a modernização e urbanização do país, a revolução sexual e os movimentos feministas. Essas mudanças ocorridas na sociedade afetaram as famílias, especialmente as de classe média dos grandes centros urbanos, que vêm experimentando um aumento das taxas de separação e divórcio, de uniões estáveis e de novos arranjos familiares. Essas mudanças propiciam o surgimento de novos valores familiares e mudanças nos papéis atribuídos a homens e mulheres, bem como nas relações estabelecidas entre os membros da unidade familiar. Neste trabalho, objetivamos examinar e melhor entender se a inserção da mulher no mercado de trabalho influencia a dinâmica familiar e a vida do casal, em casos em que houve separação conjugal. Para tanto, foram entrevistadas seis mulheres brasileiras de classe média, sendo cinco delas residentes na cidade do Rio de Janeiro e uma na cidade de Niterói, com idades entre 31 e 49 anos. Todas as participantes da pesquisa passaram por um processo de separação conjugal, trabalhavam fora enquanto casadas e possuem nível superior completo. Fizemos uso de entrevistas semidirigidas, que foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Os textos daí resultantes foram submetidos a uma análise de discurso a partir das seguintes categorias: Casamento, Conflitos Familiares e Filhos; Investimento Profissional e Importância do Trabalho; e Separação Conjugal, Relacionamento com o Ex-cônjuge e Novas Experiências. A análise apontou para o fato de que uma série de mudanças, em conjunto, estão nos levando à quebra de paradigmas modernos e, assim, novos e antigos padrões de vida e comportamento parecem coexistir em nossa sociedade. Não podemos, contudo, afirmar que o aumento das separações conjugais está necessariamente associado a uma maior participação feminina no mercado de trabalho. Por outro lado, nossas entrevistadas apontaram que a emancipação feminina proporciona maior qualidade de vida ao casal e aos filhos e afirmaram que após um longo caminho para a conquista do espaço da mulher na esfera pública, atualmente, a maior mudança está sendo vivenciada pelos homens. Assinalaram, ainda, que, diante de tantas possibilidades e maneiras distintas de se relacionar, perceberam que não precisam estar vinculadas a um modelo de conjugalidade, desde que alguns pré-requisitos fundamentais - amor, respeito, confiança e admiração - estejam presentes. Parece, assim, que é nessa nova visão de conjugalidade que se situa parte das mudanças e rompimentos nos casamentos atuais.

Palavras-chave: mulher; investimento profissional; separação conjugal.

ABSTRACT

AZEVEDO, F. F. (2012). **Women's investment in a professional career and its impact on the marital life**. 133 p. Master Dissertation. Psychology Department, Psychosocial Studies on Community and Social Ecology Program, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil.

Over the last decades, social structure and family formation in great cities have suffered the social and economical impacts caused by the decrease of Church's power over society, globalization, Brazil's modernization and urbanization, sexual revolution and feminist movements. These changes in society affect especially urban middle-class families, who have been experiencing an increase on separation and divorce rates, on the number of stable unions and new family arrangements. They not only enable the appearance of new family values but also cause changes in male and female roles as well as in the relationships among members of the family unit. This work will examine, so as to better understand if the entrance of women in the labor market influences the dynamics of family life and couple's relationships, in cases where there has been divorce. Six middle-class Brazilian women, ranging from the ages of 31 to 49 - five of them live in Rio de Janeiro and one in Niterói - were interviewed. All of them underwent a marital separation process, had a job while married and a college degree. The interviews were semi-structured, they were recorded and fully transcribed. The resulting texts were then submitted to a discourse analysis according to the following categories: Marriage, Family Conflicts and Children; Career Investment and the Importance of Work; and Marital Separation, Relationship with ex-spouse and New Experiences. The analysis pointed out to the fact that a set of changes are leading to a break of modern paradigms, and nowadays both old and new models of behavior coexist in our society. However, associating the increase on conjugal separations and women's participation in the labor market is not necessarily true. On the other hand, the interviewees pointed out that female emancipation brings better quality of life to the couple and their children. They also claimed that, after coming a long way in the conquest of wider female participation in the public sphere, the most notorious change is currently happening amongst men. In face of so many possibilities and distinct ways of connecting with someone, they have come to the conclusion that there is no need for an ideal model of relationship, as long as some fundamental pre-requisites – such as love, respect, trust and admiration – are present. One conclusion that could be drawn from our study is that part of the current changes and conflicts in marriage arises from this new model of relationship.

Key-words: women; career investment; marital separation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Taxa geral de separações e de divórcios - Brasil - 1984-2010	54
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Divórcios, total e respectiva distribuição percentual, segundo o tempo de duração do casamento, em anos completos - Brasil - 2010	55
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.A. – Alcoólicos Anônimos

IASP – Instituto dos Advogados de São Paulo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PME – Pesquisa Mensal do Emprego

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

SPA – Serviço de Psicologia Aplicada

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FAMÍLIA E DO CASAMENTO NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS.....	18
1.1 FAMÍLIA.....	18
1.2 CASAMENTO	20
1.3 UM POUCO DO BRASIL	25
CAPÍTULO II - TRABALHO E FAMÍLIA: SUAS TRANSFORMAÇÕES E INTERSEÇÕES.....	33
CAPÍTULO III - FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: NOVOS ARRANJOS E PAPÉIS SOCIAIS.....	44
CAPÍTULO IV - NOSSO ESTUDO	58
4.1 METODOLOGIA.....	58
4.2 GRUPO ESTUDADO	60
4.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	62
4.3.1 CASAMENTO, CONFLITOS FAMILIARES E FILHOS	62
A) CASAMENTO	62
B) CONFLITOS FAMILIARES	66
C) FILHOS	77
4.3.2 INVESTIMENTO PROFISSIONAL E IMPORTÂNCIA DO TRABALHO	83
A) INVESTIMENTO PROFISSIONAL	83
B) IMPORTÂNCIA DO TRABALHO	87
4.3.3 SEPARAÇÃO CONJUGAL, RELACIONAMENTO COM O EX-CÔNJUGE E NOVAS EXPERIÊNCIAS.....	100
A) SEPARAÇÃO CONJUGAL	100
B) RELACIONAMENTO COM O EX-CÔNJUGE	110
C) NOVAS EXPERIÊNCIAS	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	125
ANEXOS.....	130
ANEXO I - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	130
ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	132

INTRODUÇÃO

Vários estudiosos (Brito, 1993; Jablonski, 2007, 2005, 1991; Rocha-Coutinho, 2011, 2006, 2004, entre outros) têm se interessado por estudar as novas estruturas familiares contemporâneas, bem como o aumento do número de casamentos desfeitos nas últimas décadas. Segundo dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do último censo, realizado em 2010, o número de dissoluções de casamentos chegou a 310.847, somando-se as 67.623 separações e os 243.224 divórcios. Assim, o estudo da separação conjugal vem assumindo um significado social cada vez mais amplo, não sendo um fato isolado, particular e exclusivo de quem está pessoalmente envolvido. É cada vez mais importante que profissionais especializados, como psicólogos e advogados, se voltem para essas questões no sentido de ajudar os membros dessas famílias a passar por esse período.

Nota-se também que as famílias brasileiras, especialmente as de classe média dos grandes centros urbanos, vêm passando por diversas alterações, dentre as quais podemos mencionar a diminuição do número de filhos e o aumento das taxas de separação e divórcio, de uniões estáveis e de novos arranjos familiares, como aqueles compostos, em especial, por mulheres chefes de família, por famílias de recasamento, entre outras.

Os estudos sobre a família contemporânea e seus conflitos estão presentes em meus¹ estudos desde a graduação. No estágio curricular no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), participei por cerca de dois anos de grupos de estudo e atendimento de Terapia de Casal e Família com a supervisora Teresinha Mello da Silveira. Durante este período a supervisão do grupo de estudantes permeava, além dos assuntos pertinentes à abordagem psicológica, toda uma gama de assuntos pertinentes à família, como sua constituição, composição, os indivíduos que a compõem, o modo como interagem entre si, dentre outros.

Também durante a graduação, inscrevi-me na disciplina Psicologia Jurídica, ministrada pela professora Leila Maria Torraca de Brito. Os conflitos familiares foram um dos assuntos do programa desta disciplina que tangenciam a Psicologia e o Direito de Família, tendo como um dos pontos comuns a separação de casais. Assim, para a aquisição do grau de bacharel, apresentei, em setembro de 2003, um estudo que resultou na monografia “Que seja

¹ O uso da primeira pessoa do singular refere-se à trajetória pessoal e profissional da autora, que levou à escolha da temática do trabalho.

infinito enquanto dure: uma análise das transformações na família contemporânea”, orientado por esta professora.

Dois anos mais tarde, com a vida profissional mais voltada para a área de Recursos Humanos e ao desenvolvimento de pessoas nas empresas, tive a oportunidade de voltar a estudar o tema em minha monografia de conclusão do curso de pós-graduação em Recursos Humanos, cujo título foi “A evolução da mulher no mercado de trabalho”.

Nesse estudo pude perceber como a participação mais intensa da mulher no mercado de trabalho influencia a vida cotidiana dos casais. Só que essa questão poderia resultar em outro trabalho, e aquele não era o momento propício para o seu desenvolvimento.

Pesquisando mais a fundo os temas que concernem à família, podemos perceber que pesquisadores que se interessam pelo tema, como Goldenberg (2003, 1992); Féres-Carneiro (1998), entre outros autores que se interessam pelo tema, vêm abordando como as mudanças ocorridas na sociedade afetam a família. Outros, ainda, como Bassanezi (2006), Del Priore (2006), D’Incao (2006), Giulane (2006) e Rago (2006), ao desenvolverem seus estudos, situam a mulher como uma das personagens principais de muitas mudanças ocorridas na família. A esse respeito, assim se referem Diniz e Coelho (2005):

A história das mulheres se mistura com a história das famílias. Os valores e normas de cada época delimitam os papéis, as expectativas e o lugar ocupado pelas mulheres nas famílias e na sociedade. Conhecer essa parte da história é importante porque dá sentido à experiência e à visão que as mulheres têm de si mesmas e de seus papéis na vida social e familiar. Permite também um resgate de nossa identidade – trazemos dentro de nós as histórias de todas as mulheres que nos antecederam (p. 148).

Nos estudos que venho realizando, desde a época da graduação, foi possível perceber que a estrutura da sociedade e a formação familiar nas grandes metrópoles vêm sofrendo os impactos da globalização, da reestruturação produtiva e da concentração urbana e das mudanças socioculturais. Dentre estas mudanças podemos citar, entre outras, o individualismo cada vez mais exacerbado das sociedades capitalistas, o surgimento de novos valores no que concerne à família e as mudanças nos papéis atribuídos e nas relações estabelecidas entre os membros da unidade familiar.

Passos (2003) aponta a importância de se desenvolver estudos sobre as transformações vivenciadas pelo grupo familiar, visto que houve uma expansão das possibilidades de relações nele desenvolvidas. Tais estudos ajudariam a “compreensão das diferentes formas de ser família hoje” (p. 15).

Prost *et al* (2009), ao retratarem família tradicional europeia, mais precisamente a francesa, durante a primeira metade do século XX, assinalam que sua organização era pautada

em uma hierarquia em que o marido era o chefe da família e a mulher e os filhos seus subordinados. Nessa composição, onde o homem exercia o “pátrio poder”, a intimidade familiar era vivida sob o controle rígido dos seus membros. Também o modelo de família brasileira das classes médias e altas em fins do século XIX era o patriarcal, fundado no modelo tradicional de família em que o poder estava centrado na figura do pai, tendo a esposa e filhos como seus dependentes e meros coadjuvantes dentro de casa. (Del Priore *et al*, 2006).

No que diz respeito ao trabalho remunerado das mulheres mais abastadas, Prost *et al* (2009) apontam que à maioria delas cabia apenas as atividades do lar, ainda que este fosse uma realidade para as mulheres de menor poder aquisitivo. Os autores assinalam, ainda, que a posterior entrada das mulheres burguesas no mercado de trabalho e sua consequente emancipação foi uma das grandes evoluções do século XX:

Durante gerações, o ideal consistia em que as mulheres ficassem em casa e cuidassem do lar: trabalhar fora era sinal de uma condição especialmente pobre e desprezível. Ora – e essa inversão corresponde a uma das grandes evoluções do século XX –, de repente o trabalho doméstico das mulheres passa a ser denunciado como fonte de alienação, uma sujeição ao homem, ao passo que trabalhar fora vem a ser para as mulheres o sinal concreto de sua emancipação (Prost *et al*, 2009, p. 34).

Essa evolução foi propiciada por uma série de lutas e movimentos emancipatórios, oriundos principalmente da Europa e dos Estados Unidos, que influenciaram a sociedade brasileira, que, principalmente a partir da década de 1970, vivenciou grandes transformações, que alteraram a sociedade, como um todo, e propiciaram mudanças na família. Goldenberg e Toscano (1992) apontam que não só o Movimento Feminista, com sua luta pela igualdade de direitos de mulheres e homens, provocou alterações na sociedade brasileira. No final dos anos 1970 tivemos o “surgimento e expansão dos movimentos políticos, crescimento dos meios de comunicação de massa e o processo de redemocratização” (p. 47). Também o avanço da medicina e o surgimento de novos métodos contraceptivos mais eficazes, como a pílula anticoncepcional, propiciam uma mudança na família, principalmente no que diz respeito à sexualidade e à reprodução.

Dando um salto no tempo, podemos observar que, atualmente, o lugar da mulher na família é outro. Hoje podemos constatar, inclusive, um percentual cada vez maior de mulheres chefes de família. Dados do IBGE (2012), com base no censo realizado em 2010, apontam, como divulgado recentemente, que em 37,3% dos lares brasileiros as mulheres são as principais provedoras da família, enquanto que, em 2000, esse número era de 22,2%.

Depois de um grande percurso percorrido historicamente pelas mulheres, como apontam Del Priore *et al* (2006), hoje elas estão participando mais ativamente do mercado de trabalho e, aos poucos, vêm compartilhando, cada vez mais, com seus companheiros, as responsabilidades pelas tarefas da casa e os cuidados com os filhos. Pesquisas (Jablonski, 2005; Diniz, 1999) apontam que quanto mais jovem é o casal, mais bem instruído e com melhor remuneração de seus membros, mais essas tarefas são compartilhadas. A presença de uma rede de apoio, como familiares e empregados domésticos, também tem se mostrado essencial para o bom equilíbrio desse arranjo.

Essa não é, contudo, a realidade de grande parte da população brasileira do sexo feminino, que tem que trabalhar fora e ainda desempenhar os papéis relativos à organização da casa, atenção e educação dos filhos. Com a maior inserção da mulher no mercado de trabalho é natural que se proponha uma redistribuição das atribuições dos membros do casal no que diz respeito aos assuntos relacionados à família. A manutenção do antigo esquema em que a mulher era a principal responsável pela família pode gerar conflitos entre o casal pois, geralmente, a mulher de classe média, historicamente considerada a principal responsável pelas atividades domésticas e o cuidado com os filhos, hoje está inserida no mercado de trabalho, por vezes, ocupando postos mais elevados e ganhando mais do que seus companheiros (Rocha-Coutinho, 2011; Almeida, 2007).

Féres-Carneiro (1998) afirma que o casamento proporciona a autorrealização social para os cônjuges e, “sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas” (p. 385). Assim, temos visto cada vez mais casais procurando a separação, pois a relação conjugal deixou de ser fonte de gratificação pessoal.

Assim, a fim de melhor entendermos as diversas alterações pelas quais a família brasileira vem passando na contemporaneidade, que têm levado a um aumento do número de separações conjugais, neste trabalho, objetivamos examinar e melhor entender como a inserção da mulher no mercado de trabalho influencia a dinâmica familiar e a vida do casal, podendo, inclusive, levar à separação conjugal. Procuramos investigar também outros possíveis fatores que possam influenciar a vida matrimonial culminando com a separação conjugal, como a influência da emancipação feminina na relação conjugal e no cotidiano do casal.

Tendo essas questões em mente, consideramos necessário observar qual a visão de mulheres separadas sobre a família, o relacionamento conjugal e a importância do trabalho em suas vidas, questões essas que não são únicas, mas sim diferenciadas, pois podem se

apresentar de maneira diversa para cada uma, tendo em vista que elas são influenciadas pelo contexto histórico e social no qual as mulheres estão inseridas.

Para tanto, utilizamos entrevistas semidirigidas, que foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra. Os textos daí resultantes foram submetidos a uma análise de discurso a partir de categorias por nós estabelecidas (ROCHA-COUTINHO, 1998). Optamos por usar esta metodologia, pois acreditamos que, a partir do discurso das entrevistadas, é possível perceber características do mundo social à sua volta e que se fazem presentes na sua fala. A análise do discurso envolve uma interpretação do discurso, tendo em vista que ele reflete, em grande parte, a visão do grupo no qual o indivíduo está inserido.

Na primeira parte do nosso estudo, faremos uma revisão teórica das principais questões relacionadas ao tema do estudo, objetivando contextualizar alguns aspectos, como os impactos da globalização, da reestruturação produtiva, da concentração urbana e das mudanças socioculturais, entre outras, na estrutura social, de modo geral, na estrutura familiar das grandes metrópoles e nos indivíduos, em particular.

Assim, no primeiro capítulo, trataremos de algumas questões que consideramos relevantes sobre a evolução do casamento e da família na Europa e como esse modelo chega ao Brasil com a vinda da corte portuguesa para o país. A seguir, falaremos do processo de adaptação por eles sofrido, tendo em vista que a realidade brasileira tinha suas especificidades, como a questão do patriarcalismo colonial. Trataremos também de como a modernização das cidades e a industrialização do país vieram a promover mudanças sociais que vão refletir no âmbito familiar.

O segundo capítulo versa sobre as transformações e interseções do trabalho e da família. Nele procuramos descrever como as mudanças ocorridas no âmbito público, do trabalho, influenciaram o âmbito privado, da família, no país. Buscamos entender como no início da industrialização, a participação feminina nas indústrias têxteis foi desvalorizada, levando apenas as mulheres de menor poder aquisitivo, por necessidade, a continuar nesse ambiente. Tratamos de como, permanecendo em casa, a mulher de classe média tinha suas atividades direcionadas às atividades domésticas e aos cuidados com os filhos, enquanto, o homem ficou responsável pelo provimento financeiro da família, detendo, com isso, maior poder na família. Procuramos relacionar as mudanças desencadeadas pelos movimentos feministas e pelos movimentos políticos, de modo geral, bem como de que modo avanços da medicina, especialmente o desenvolvimento de métodos contraceptivos mais eficazes, levou,

no Brasil, por volta da década de 1970, a mudanças no país que vieram propiciar a busca de igualdade pelas mulheres no mercado de trabalho.

No terceiro capítulo, que fala da família contemporânea, dos novos arranjos conjugais e papéis sociais, procuramos melhor compreender como essas mudanças influenciaram o âmbito familiar, propiciando a convivência de antigos e novos modelos de família. Também é tratada aqui a difícil convivência dos ideais individualistas com a conjugalidade, podendo constituir possíveis pontos de conflito dos casais contemporâneos. Finalmente, procuramos assinalar algumas mudanças legislativas decorrentes da reorganização do Estado frente às transformações sociais.

A segunda parte do estudo é dedicada à pesquisa de campo. Assim, o quarto capítulo é dedicado à apresentação da metodologia empregada e à análise do discurso das mulheres por nós entrevistadas. Por fim, são apresentadas as considerações finais do nosso trabalho.

CAPÍTULO I - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DA FAMÍLIA E DO CASAMENTO NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS

1.1 FAMÍLIA

Ariès (1981), ao resgatar as imagens da família europeia, observa que, até o século X, os laços de sangue não constituíam um grupo único, mas dois: a família, que, apesar de extensa, posto que, diferentemente da família nuclear, incluía os diversos membros que residiam na casa, além dos pais e filhos, e a linhagem, que estendia sua solidariedade a todos os descendentes de um mesmo ancestral.

A partir de então, em consequência da dissolução do Império Romano, ocorreu um fortalecimento da linhagem e da indivisão do patrimônio. Ariès (1981) assinala que os descendentes de um mesmo ancestral não habitavam necessariamente uma mesma casa. Assim, não se levava em conta os valores nascidos da coabitação e da intimidade, mas, antes, se privilegiava os laços de sangue.

Devido a uma forte necessidade de proteção, os laços de sangue se estreitaram e surgiu a indivisão dos bens dos dois cônjuges, que eram administrados pelo marido. Anteriormente, cada cônjuge administrava seus bens hereditários separadamente, sem a interferência do outro, já que seus patrimônios ainda não estavam fundidos em uma massa comum.

O autor ressalta que, no século XII, houve um afrouxamento dos laços de sangue e a família conjugal tornou-se mais independente. O genitor, contudo, manteve e, até mesmo, aumentou a autoridade que lhe havia sido conferida pela necessidade de manter a integridade do patrimônio indivisível. Nesse momento, o campo de ação da mulher começou a entrar em declínio, à medida que o poder masculino aumentava.

No que diz respeito ao campo político, Donzelot (1980) aponta que o patriarca, calçado nas regras do Estado, era considerado o chefe da família, aquele que respondia por seus membros. Aumenta, assim, o seu poder e autoridade dentro da família. Ele podia, por exemplo, decidir sobre a carreira dos filhos e puni-los se infringissem suas ordens, com o aval do Estado, que delegava à família a responsabilidade pela manutenção de seus membros e recomendava obediência à autoridade masculina.

Ainda nessa época, a mulher casada deixa de ser um indivíduo responsável por si mesma. O marido, ao contrário, tem duplos poderes: ele domina totalmente o espaço público e

também exerce o poder no espaço doméstico, ainda que o papel afetivo da mulher no lar aumente cada vez mais.

Deste modo, a família tornou-se uma organização política em que as relações de dependência sofriam um sistema de obrigações, honras, favores e desfavores que agitavam as relações sociais.

Nesse sentido, Ariès (1981) aponta que a família funcionava como um complemento do Estado, protegendo seus membros quando as instituições públicas não o faziam. Mas, uma vez que suas necessidades voltam a ser supridas pelo Estado, há um novo afrouxamento dos laços de sangue e um distanciamento da opressão familiar.

Àries (1981) aponta que, com a consagração do casamento, o sentimento de família começou a ser considerado cada vez mais importante, passando esta a ser reconhecida, valorizada e plenamente exaltada. Tal sentimento iniciou-se em torno da família conjugal, formada pelos pais e seus filhos.

O autor assinala, ainda, que, no século XVI, a legislação real europeia reforça o poder paterno com relação ao casamento dos filhos e, desta forma, enfraquece os laços de linhagem. A família transformou-se, então, em uma célula social que passou a ser a base dos Estados e o fundamento do poder monárquico.

Também por esta época, começou-se a reconhecer a importância das crianças para a família. As festas da família tornaram-se festas da infância, com uma concentração dos seus membros em torno das crianças. Os grupos familiares passaram a dar total importância à reunião dos pais com seus filhos. Porém, até o século XVII, o tipo de sociabilidade dominante dificultava as conquistas da intimidade familiar. As relações sociais exteriores eram todas coletivas. Não havia distinção entre vida profissional, social e privada. Ter sucesso na vida significava “obter uma posição mais honrosa numa sociedade em que todos os membros se viam, se ouviam e se encontravam quase todos os dias” (Ariès, 1981, p. 239).

Já no século XVIII ocorreram mudanças na vida privada e na intimidade doméstica, algo que foi propiciado pelo crescente fechamento da família ao exterior, transformando o ambiente familiar em um local de segredos e confidências. Esse caráter acentuadamente particular se estendeu à nova organização da casa.

Na nova casa da família burguesa havia uma independência entre os diferentes cômodos, agora guarnecidos também de equipamento de toalete e higiene. Nesse ambiente, nasce a intimidade, a discrição e o isolamento. A família torna-se grupo nuclear composto de pais e filhos que se unem pelo sentimento e pela transmissão dos costumes. O cuidado

dispensado às crianças passou a inspirar novos sentimentos e uma nova afetividade, surgindo, assim, o sentimento moderno de família.

Passou a haver uma separação entre vida profissional, social e privada, em que cada uma delas tinha um local apropriado e determinado. No fim do século XVIII, inclusive, as pessoas passaram a avisar com antecedência quando iriam à casa umas das outras, de modo a não interferir na intimidade familiar. Kant (em Perrot, 2009) assinala que a casa é o domínio do privado por excelência, fundamento material da família e pilar da ordem social. O autor aponta, ainda, que a casa:

opõe-se à evasão, à perda, à ausência, pois organiza sua ordem interna, sua civilidade, sua paixão. Sua liberdade desabrocha no estável, no contido, e não no aberto ou no infinito. Estar em casa é reconhecer a lentidão da vida e o prazer da meditação imóvel (...). A identidade do homem é portanto domiciliar (...). O homem de lugar nenhum é um criminoso em potencial (Perrot, 2009, p. 308).

Ariès (1981) observa que “a história de nossos costumes reduz-se em parte a esse longo esforço do homem para se separar dos outros, para se afastar de uma sociedade cuja pressão não pôde mais ser suportada” (p. 274). O clube, o café e as atividades sociais, de maneira geral, que outrora invadiam a vida, agora se tornaram lugares não tão frequentados, passando a ter o caráter de lugar público, em oposição à casa, o lugar privado da intimidade e afetividade.

1.2 CASAMENTO

A ideia de casamento também sofreu modificações ao longo da história. Nas sociedades ocidentais, a Igreja manteve uma forte influência sobre o casamento. Araújo (2002) assinala que o casamento só foi instituído no século XII. Até então, ele só era admitido em casos excepcionais, como o de reis, e o ato apenas legitimava a união. O matrimônio tinha como principal função a transmissão da herança, de títulos e a formação de alianças políticas. Assim, ele não era extensivo a todos os filhos de um casal, mas àquele que seria o seu herdeiro. Naquela época, inclusive, o casamento era um ato privado, que ocorria em casa, com o testemunho de parentes.

A instituição do casamento como sacramento, que valida o ato de modo permanente, dá-se no século XII, reforçando seu caráter único e indissolúvel. Sobre o assunto, MacFarlane (1990) comenta que a interferência da Igreja é pertinente se considerarmos que o matrimônio não era apenas um contrato, mas também um sacramento e, por isso, indissolúvel segundo as

condições disciplinares impostas pelo Concílio de Trento (1542 – 1563), que também invalidava, nos seus efeitos, os casamentos não celebrados pela Igreja.

A partir de então, o ritual eclesiástico transferiu o ato matrimonial da casa, seu local tradicional, para, inicialmente, a frente da Igreja e, mais tarde, para seu interior. A cerimônia na Igreja torna o casamento público e, assim, faz-se necessário o seu registro por escrito. Posteriormente, o Estado assumirá tais obrigações. Segundo Perrot (2009) isso veio a ocorrer na França, onde:

Pelo importante decreto de 20 de setembro de 1792, um funcionário ficou encarregado do estado civil, devendo também declarar o casal unido perante a lei. Desse momento em diante, a autoridade pública assumiu uma participação ativa na formação da família. O Estado definiu os impedimentos à união, restabeleceu e regulamentou o processo de adoção, determinou os direitos (depois seriamente restringidos pelo Código Civil) dos filhos naturais, instituiu o divórcio e limitou o poder paterno (p. 31).

É importante ressaltar aqui, como declara Perrot (2009), que essas normas levavam em consideração ideais revolucionários em que também se devia resguardar a liberdade individual. Mas, na verdade, há somente uma troca de chefias, em que não mais se obedece ao pai, chefe da família, mas, antes, deve-se obediência agora ao Estado, que é quem detém o maior poder.

A influência do Estado no casamento pôde também legitimar a instituição do divórcio. Perrot (2009) aponta que na França, a Constituição de 1791, o artigo 7 seculariza o casamento: “A lei agora considera o casamento apenas como um contrato civil”. Ora, se o casamento torna-se um contrato civil, fundado no consentimento de ambas as partes, ele pode ser rompido (p. 32).

Assim, a lei, ao mesmo tempo que seculariza o casamento, prescrevia condições para sua dissolução. Em 1792 indica-se sete motivos que justificariam o divórcio concedido de imediato: “a insanidade; a condenação de um dos cônjuges a penas aflitivas ou infamantes; os crimes, sevícias ou injúrias graves de um contra o outro; o notório desregramento de costumes; o abandono por dois anos no mínimo; a ausência sem notícias durante cinco anos no mínimo; a emigração” (Perrot, 2009, pp. 32 e 33).

Perrot (2009) aponta ainda, outras características do pedido e do processo de divórcio por esta época e assinalam que certamente os problemas no casamento já existiam antes de 1789, mas a possibilidade de divorciar-se deve certamente ter influenciado as relações familiares.

Foucault (1979) aponta que as uniões familiares na Europa do século XVIII eram regidas pelo “dispositivo das alianças”, em que há um impedimento das uniões consanguíneas

e uma valorização da procriação no casamento. Nesta época, eram os pais que cuidavam do casamento dos filhos e os nubentes, em prol de suas famílias e não por sua própria vontade, aceitavam a realização deste “negócio”. Acima do amor e da sexualidade, o principal papel do casamento era o de formar alianças políticas e econômicas entre as famílias e produzir herdeiros.

A moral cristã tinha certa desconfiança em relação aos prazeres carnavais, que poderiam significar a prisão do espírito ao corpo, um obstáculo à adoração divina. Por isso, Araújo (2002) comenta que a Igreja só permitia o relacionamento sexual no casamento quando este fosse voltado para a procriação. Havia diferenças entre o amor dentro e fora do casamento. Dentro do casamento, valorizava-se o pudor, a reserva, o formalismo e o automatismo no ato sexual. A atividade sexual fora do matrimônio e o uso de qualquer método contraceptivo por parte das mulheres eram proibidos pela moral cristã, que regeu a vida sexual de solteiros e casados pelo menos até o século XVIII.

A associação do casamento ao amor e à sexualidade é uma invenção da era burguesa. De acordo com Araújo (2002), o amor vai percorrer uma longa trajetória até chegar à condição de elemento importante para o casamento. Essa trajetória tem seu início no século XVIII, após a revolução burguesa e a divulgação de seus ideais de liberdade. Este novo ideal de conjugalidade cria muitas expectativas e idealizações, entre elas a ideia do casamento como lugar de felicidade, onde o amor e a sexualidade são fundamentais.

Araújo (2002) assinala que já eram comuns entre os camponeses da Europa os casamentos por amor, uma vez que, entre os pobres, a escolha do cônjuge dificilmente se dava por motivos econômicos. O casamento por amor, comum entre os pobres, vai, assim, lentamente, ascendendo na escala social até a era moderna, quando se estabelece como regra básica. Ainda hoje, em nossa cultura urbana e moderna, o amor continua sendo uma forte razão para se casar. O desejo de complementaridade alimenta o sonho de encontrar o amor perfeito, sem rupturas.

De acordo com Torres (2000), a elevação do sentimento amoroso à categoria de pré-requisito e critério de sucesso do casamento é um acontecimento recente na nossa civilização. Com o enaltecimento do amor para a constituição da família moderna, que se generalizou a partir do século XVIII, o casamento por amor passou a ser uma possibilidade, ainda que, muitas vezes, apenas no nível do discurso. O sentimento amoroso geralmente está associado a outras dimensões sociais e de gênero, papel de relevo na razão da escolha, fundação, manutenção ou ruptura das relações conjugais.

As ideias do amor romântico começaram a influenciar a formação dos laços matrimoniais e as considerações econômicas passaram a não ser mais as únicas a determinar a escolha do cônjuge e o ideal do casamento. A partir da difusão dos ideais românticos, o laço conjugal passou a ter um significado especial, com uma valorização maior da afetividade entre os cônjuges. O lar passou a ser visto como um local de afeto e apoio emocional.

Porém, segundo Araújo (2002) a associação do amor ao casamento põe em dúvida a perpetuação do casamento. Isso porque, muitas vezes, o amor que se vincula ao conjugal é o amor paixão que geralmente não dura. Por isso, o autor relata que atualmente a possibilidade de separação conjugal é um dos desafios dos casais, algo que os leva a redefinir expectativas e idealizações sobre o casamento. Antes, a noção era de que esse sentimento nascia e se desenvolvia após o casamento, tornando-se mais forte ao longo de uma vida em comum. Desta maneira, o amor não era uma razão para que o casamento terminasse, uma vez que ele era relegado a um segundo plano.

Segundo Jablonski (1991), grande parte dos psicólogos sociais contemporâneos abordam o amor a partir da classificação proposta por Hatfield e Walster (em Jablonski, 1991), que distingue o “amor-paixão” do “amor-companheiro”. Segundo esses autores, no amor-paixão há uma certa idealização do outro, um desejo de servir (e ser servido), ternura, desejo de partilhar emoções e experiências, intimidade, atração sexual, sentimentos como flutuação de humor.

Ainda para os autores, permanecendo o amor-paixão, este vai se transformando no amor-companheiro, em que a ternura, a amizade, o companheirismo e o que é sedimentado através de vivências em comum é que passam a sobressair. Assim, de acordo com Jablonski (1991), “se o amor-paixão faz, nos dias de hoje, acontecer os casamentos, é o amor-companheiro que vai mantê-los” (p. 77).

Pode ocorrer, então, uma frustração das expectativas de ambos os cônjuges que basearam sua relação no amor-paixão, esquecendo-se de valorizar o respeito mútuo, o companheirismo, a amizade (Araújo, 2002; Jablonski, 1991).

Ainda para Torres (2000), o amor-construído seria o sentimento mais estável para a relação. Encontrado nos discursos dos mais jovens, ele é consequência do sentimento inicial que levou à escolha amorosa. A convivência e a construção desse amor podem levar à concretização da idealização inicial ou à frustração e conflitos em torno de projetos de vida pessoal incompatíveis.

A autora também comenta que o amor surge como pretexto legítimo para o casamento, em oposição a uma visão anterior de casamento como fruto de uma aliança política ou econômica, mas não é suficiente. Para tornar os casamentos duradouros, é necessário que ele venha acompanhado de sentimentos de companheirismo e solidariedade, a fim de que a relação conjugal seja considerada como satisfatória.

Luís Vaz de Camões expôs, no poema “Amor é um fogo que arde sem se ver”, abaixo, o poder que o amor paixão pode trazer. No poema, o amor é tratado como um sentimento tão paradoxal que o próprio autor se mostra incapaz de compreender:

Amor é um fogo que arde sem se ver;
 É ferida que dói e não se sente;
 É um contentamento descontente;
 É dor que desatina sem doer;
 É um não querer mais que bem-querer;
 É um andar solitário entre as gentes;
 É nunca contentar-se de contente;
 É um cuidar que ganha em se perder;
 É um querer estar preso por vontade;
 É servir a quem vence, o vencedor;
 É ter com quem nos mata lealdade.
 Mas como causar pode seu favor
 Nos corações humanos amizade,
 Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Torres (2000), ao falar sobre a importância teórica do amor no casamento cita o texto “The theoretical importance of love” de William Goode que, no final dos anos de 1950, desenvolveu a ideia de que o amor se faz necessário não só na vida dos indivíduos, mas também na própria teoria sociológica.

Torres (2000) salienta que, nas sociedades contemporâneas, o amor é um sentimento que leva à ação podendo estabelecer novas relações sociais. Por outro lado, ele é um sentimento controlado e, por isso, não possui total liberdade.

A autora acentua a importância do estudo do amor nas relações conjugais, visto que sua ruptura eleva o número de separações, leva ao surgimento de novas configurações familiares e de novos papéis sociais. O Estado, como consequência, também seria afetado por ele e, assim, surge a necessidade de se criar uma nova legislação com a preocupação de proteger aqueles possivelmente afetados.

Desta maneira, a escolha amorosa é condição necessária para o casamento, mas não é suficiente. O fundamental é que o amor persista ao longo da relação, juntamente com o companheirismo, a amizade, a ternura, a solidariedade, o respeito mútuo, entre outras coisas, sedimentando a convivência. Ao tornar sinônimos amor e casamento, como aponta Araújo

(2002), os indivíduos podem gerar expectativas que poderão não ser cumpridas e frustrar-se. A relação conjugal continua a revelar todo o seu atrativo, mas é preciso que o amor persista e que a relação tenha qualidade.

1.3 UM POUCO DO BRASIL

Del Priore *et al* (2006), ao falarem sobre a família brasileira e as transformações que ela sofreu ao longo do século XIX, assinalam que, junto com a consolidação do capitalismo e o aumento da população urbana vimos surgir a burguesia e, com ela, uma reorganização dos espaços público e privado e uma mudança no modo de agir das famílias e das mulheres.

As autoras relatam que até o início do século XIX no Brasil, um país rural, as cidades eram desorganizadas, as ruas e casas não tinham limites definidos nem higiene e os poucos que nela viviam se ocupavam de afazeres manuais e de atividades econômicas que eram realizadas no interior das residências. Ricos e pobres se relacionavam sem distinção.

Del Priore *et al* (2006) relatam que, com a chegada da corte portuguesa, as ruas do Rio de Janeiro começaram a ser mais controladas pelo “interesse público” e a cidade passou por um processo de modernização, que incluiu medidas de higiene trazidas pelos médicos higienistas que assumiram grande importância.

A Medicina, que, a princípio, manteve-se distante dos ditames morais da Igreja e da família, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, passou a funcionar como uma forma de controle social, com o objetivo de organizar a sexualidade, visando o bem estar da criança. O discurso médico normatizou os comportamentos da infância à velhice, apontando possíveis desvios. Um dos seus objetivos era organizar a sexualidade. Assim, a sexualidade passou a ser considerada negócio de Estado, estando acima da vontade das famílias, da moral e da Igreja. Fazendo uso de uma estratégia diferente de poder, passou-se não mais a restringir, mas a normatizar a atividade sexual.

Sobre essa questão, Donzelot (1980) declara que na Europa, a partir de publicações médicas sobre a criação, educação e medicação das crianças, começa a existir uma verdadeira “campanha de higienização da sexualidade” que faz parte de um “dispositivo geral de prevenção das doenças sociais (doenças venéreas, alcoolismo, tuberculose)” (p. 157).

Foucault (1979) aponta que o “dispositivo da sexualidade” – essa rede de inter-relações entre discursos, instituições, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, aspectos morais e filosóficos – desempenhou, neste sentido, uma função estratégica. Este

dispositivo articula-se ao poder que se apoia nos corpos e nos seus atos e se exerce através de uma vigilância contínua.

Tais práticas de normatização recaem não apenas sobre a sexualidade dos indivíduos, mas fazem parte também de intervenções políticas que atuam sobre a sociedade como um todo, algo que é chamado por Donzelot (1980) de “polícia das famílias” e que tinha por objetivo consolidar o poder do Estado através do controle exercido sobre o núcleo familiar.

Este autor assinala, ainda, que, também nesta época, os médicos passaram a ocupar, com frequência cada vez maior, o lugar de conselheiros familiares. Esse médico de família, de certa forma, intervém na organização doméstica das pessoas, por meio de sugestões concernentes à higiene e educação modificando, assim, funcionamento do espaço doméstico.

No Brasil, as razões higiênicas propagadas pelos médicos contribuíram para que esses também passassem a legislar sobre as uniões. A solidez da família é reforçada através do contrato conjugal, que estabelece as obrigações do marido e da mulher e uma maior proteção às crianças.

No interior das famílias, a Medicina atribuía à higiene uma função essencial à vida das crianças para que tivessem um desenvolvimento adequado, ressaltando a importância das relações entre pais e filhos para que estes, ao tornarem-se adultos pudessem servir ao Estado. A difusão da medicina doméstica estabeleceu uma aliança entre o médico e a mãe, que passou a ter por função reproduzir os bons preceitos por ele pregados em seu lar. Tal aliança, ao atribuir uma maior importância às funções maternas, concedeu à mulher burguesa um novo poder na esfera doméstica, capaz, inclusive, de abalar a autoridade paterna. Os higienistas, segundo Brito (1993), “propõem então uma nova organização doméstica; ao pai caberia a subsistência material da criança, e à mãe, a educação” (p. 65). Esta relação era importantíssima para o Estado, pois, do contrário, a carga financeira da educação das crianças recairia sobre a administração pública.

É importante salientar aqui que, como aponta Donzelot (1980), “é essa promoção da mulher como mãe, como educadora auxiliar médica, que servirá como ponto de apoio para as principais correntes feministas do século XIX” (p. 25).

Para Costa (1989), o desenvolvimento urbano e a criação e ascensão do Estado Nacional brasileiro deu-se paralelamente à normatização implantada pelo médico higienista na família brasileira quando da chegada da corte portuguesa. Esta normatização passou a funcionar como uma forma de controle social visando o bem estar das crianças. A chegada da

corte portuguesa trouxe também um intenso desenvolvimento, uma vez que, ao acentuar as deficiências urbanas, acabou por acelerar as necessidades de mudança.

A medicina higiênica enfatizou a necessidade da prevenção e da neutralização dos focos de doença, ditando normas e condutas para a população, delineando uma política de saúde. O dispositivo médico acabou conseguindo penetrar na sociedade, especialmente devido ao alto índice de mortalidade infantil, que era resultado dos cuidados insatisfatórios que a família dedicava às crianças.

Os higienistas identificavam feminilidade e maternidade e masculinidade e paternidade, algo que passou a funcionar como padrão regulador da existência social e emocional de homens e mulheres. Os homens, segundo Costa (1989), passaram, então, a ser pais, e não mais “proprietários”, devendo dedicar o melhor de suas forças para prover materialmente a família.

Em relação às mulheres, este autor assinala que, em um primeiro momento, a higiene liberou a mulher para o convívio social e o consumo de bens materiais, retirando-a do ambiente doméstico. Em um segundo momento, contudo, reintroduziu-a na família, reforçando os desígnios do amor filial, orientada pelos serviços médicos. Deste modo, a mulher emancipou-se do poder patriarcal para ser submetida ao poder médico.

De acordo com Brito (1993), não se pode negar os benefícios trazidos pelos preceitos higiênicos, uma vez que o conceito de prevenção tornou-se o fundamento básico da medicina social e o Estado passou a colaborar para colocar em ação essa prática na busca da manutenção da saúde da população.

Pelo fato de a família conjugal moderna brasileira ter sido moldada a partir da família rural que chegou às grandes cidades, Almeida (1987) ressalta que “a mentalidade estruturada sobre o patriarcalismo continuava a ser dominante” (p. 57). Deste modo, o movimento higienista teve no Brasil um contexto diferente daquele encontrado em outros países, uma vez que, no Brasil, sempre foi o pai que estabeleceu as normas, proibições e sanções, de acordo com o que era estabelecido pelas regras sociais.

Já no fim do século XIX e começo do século XX, após a independência do país e a Proclamação da República, como afirmam Del Priore *et al* (2006) há uma aceleração da modernização da cidade e o Rio de Janeiro começa a ganhar ares mais “civilizados”, retratando as grandes cidades europeias. Como apontam, ainda, Del Priore *et al* (2006), “Esse período marcou a passagem das relações sociais senhoriais às relações sociais do tipo burguês” (p. 226).

As mulheres das famílias burguesas eram responsáveis pela manutenção do *status* familiar. Elas eram educadas para valorizar o espaço doméstico, para desempenhar o papel de “guardiã do lar e da família” (Del Priore *et al*, 2006, p. 230).

Costa (1989) ressalta que, na época do Brasil colônia, o casamento se dava por meio da escolha do patriarca de parceiros para seus filhos selecionados entre os membros das famílias conhecidas. Após a chegada da corte portuguesa ao Brasil, contudo, as boas maneiras, a educação e outros atributos passaram a interferir na escolha dos noivos. Argumentava-se sobre o perigo dos casamentos consanguíneos e entre cônjuges com uma grande diferença de idade, com base nos riscos que tais uniões poderiam constituir para a prole.

A modificação do comportamento familiar, que fez com que a partir de então a sociedade deixasse de ser tão conservadora, foi um elemento importante para a satisfação da aristocracia portuguesa que aqui chegou. Esta tinha hábitos de consumo, lazer e higiene, entre outros, que, a princípio, não foram encontrados na cidade. Brito (1993) comenta que o modelo da família nuclear burguesa, composta pelo casal e os filhos, chega ao país com a mudança das famílias das áreas rurais para as áreas urbanas, propiciada, em parte, pela ascensão da burguesia fabril. Esta nova família promoveu, no seu convívio interno, uma maior aproximação entre seus membros.

Del Priore *et al* (2006) apontam que “a industrialização brasileira teve início no Nordeste do país entre as décadas de 40 e 60 do século XIX – especialmente, com a indústria de tecidos de algodão na Bahia – e deslocou-se progressivamente para a região Sudeste” (p. 580). A classe trabalhadora operária era, em grande parte, composta de mulheres e crianças. Uma outra parte do contingente feminino ocupava-se dos serviços realizados no domicílio, como o de costureiras.

Porém, essa grande concentração feminina nas indústrias foi aos poucos sendo substituída pela mão-de-obra masculina. Del Priore *et al* (2006) apontam que, se em 1872 era de 76% a percentagem de mulheres nas indústrias, em 1950 esse número não passava de 23%. Dentre os motivos que fizeram com que o número de mulheres trabalhando na indústria diminuísse encontram-se a contrariedade da família, o boicote de informações por parte dos homens que acabavam por desqualificar o trabalho feminino, e as péssimas condições de trabalho nas fábricas. Os homens ocupavam os cargos superiores, como os de mestre e contramestre, e as mulheres ficavam incumbidas de realizar as tarefas que exigiam menos qualificação e tinham uma baixa remuneração.

O declínio do número de trabalhadoras deu-se também em decorrência dos discursos de que o trabalho constituía uma ameaça à honra feminina. As autoras afirmam que médicos higienistas, operários militantes e outros afirmavam ser a fábrica um “antro da perdição” e, como a mulher era vista como “indefesa”, ela não sabia se proteger. Paralelamente a esses discursos, encontravam-se aqueles que achavam que as mulheres deviam permanecer em casa, como assinalam Del Priore *et al* (2006):

Muitos achavam, ao lado dos teóricos e economistas ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade (p. 585).

No começo do século XX, a sociedade, influenciada por modelos europeus, redefine o “lugar das mulheres na sociedade”. Elas começam a despertar para a vida pública com mais opções de lazer, fazendo isso, inclusive, sem estar necessariamente acompanhadas de uma figura masculina. Isso, contudo, não representou mudanças significativas no âmbito familiar, que continuou calcado em um forte moralismo, independentemente da classe social.

Del Priore *et al* (2006) apontam que também as indústrias se modernizaram e o ambiente de trabalho melhorou tornando-se mais propício para a incorporação das mulheres. Ocorreram mudanças físicas nos locais de trabalho, como melhor iluminação, refeitórios e banheiros higienizados. Apesar do trabalho feminino não ter deixado de ser estigmatizado, uma vez que, “para muitos médicos e higienistas, o trabalho feminino fora do lar levaria à desagregação da família” (Del Priore *et al*, 2006, p. 588), já nesse período começaram a surgir opiniões que divergiam desse discurso. Como afirmam Del Priore *et al* (2006),

Cautelosas, as feministas, que iniciaram a divulgação de seus ideais na revista *A Mensageira*, publicada em São Paulo entre 1897 e 1900, ou posteriormente, na *Revista Feminina*, entre 1914 e 1936, defendiam um percurso contrário, apontando para os benefícios do trabalho feminino fora do lar: uma mulher profissionalmente ativa e politicamente participante, comprometida com os problemas da pátria, que debatia questões nacionais, certamente teria melhores condições de desenvolver seu lado materno (p. 590).

Entretanto, essa visão feminista praticamente não dizia respeito às operárias ou às outras trabalhadoras pobres, pois até mesmo desse discurso elas eram excluídas. Somente com a fundação do Partido Comunista Brasileiro, por volta da década de 1920, é que isso veio a ocorrer, visto que os anarquistas, que compunham a base do partido, se preocupavam mais com as desigualdades vivenciadas pelas mulheres nas fábricas.

Del Priore *et al* (2006) apontam que os anarquistas também trouxeram propostas de mudança para a família. Defendiam o divórcio e as “uniões livres”, o que propiciava aos

casais manifestar suas emoções ao se unirem sem a obrigação de um casamento regularizado pela igreja e o Estado.

Segundo Del Priore *et al* (2006), este panorama histórico nos ajuda a melhor compreender as diversas transformações sociais vivenciadas pela sociedade brasileira no início da industrialização brasileira e que foram importantes principalmente para o futuro do trabalho das mulheres, uma vez que “nos fortalecemos para enfrentar os inúmeros problemas do presente” (p. 605). A partir daí novos códigos sociais e morais foram sendo propostos e essa mudança no mundo do trabalho acabou por influenciar a vida familiar e social.

Del Priore *et al* (2006), ao fazerem um retrato do cotidiano da sociedade brasileira de classe média da década de 1950, denomina estes anos de “anos dourados”. Nesse período pós Segunda Guerra Mundial, o país vivencia um grande crescimento urbano e da indústria que levaram a um aumento das opções de trabalho e de educação tanto para homens como para mulheres.

Porém, continuavam a existir grandes diferenças entre os gêneros no que tange à moral sexual e à divisão de tarefas e responsabilidades, como apontam Del Priore *et al* (2006):

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidados dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Na prática, a moralidade favorecia as experiências sexuais masculinas enquanto procurava restringir a sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional (pp. 608 e 609).

Esse período marca também um tempo de transformações e as autoras comentam que a urbanização trouxe mudanças para certos setores culturais. A entrada da cultura norte-americana traz mais modernidade, com seus filmes e sua música, o *rock n’rol*, proporcionando aos jovens mais espaço e opções de lazer. Nessa época muitas jovens começaram a transgredir as normas usando roupas sensuais, investindo em uma profissão e até abrindo mão do casamento para viver uma vida com maior liberdade sexual.

Del Priore *et al* (2006) apontam para um crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho, nas instituições escolares, inclusive as de nível superior, o que levou a uma maior valorização da figura da mulher. Apesar disso, permanecia “a ideia da incompatibilidade entre casamento e vida profissional” (p. 624). Acreditava-se que tal investimento poderia levar a mulher a dedicar pouca atenção à casa, às atividades domésticas, aos cuidados com os filhos e marido, o que poderia levar a uma desestabilização do casamento. Outro fator importante mencionado na época era a possível perda da feminilidade

e dos privilégios femininos, como “respeito, proteção e sustentos garantidos pelos homens” (p. 624).

Segundo as autoras, o magistério era o curso mais procurado, visto que na família, eram as mulheres as responsáveis pela educação dos filhos. Mas, não eram todas as mulheres que concluíam o curso que exerciam a profissão; muitas faziam o curso somente pelo conhecimento, ou pelo prestígio de terem um diploma. Algumas paravam de trabalhar ao se casar ou ao se tornar mães. Como as mulheres de classe média geralmente não trabalhavam fora, viam-se frequentemente divididas entre o modelo tradicional, de permanecer em casa e ser a “rainha do lar”, ou se render às propostas de trabalho e obter certa independência financeira e, com isso, aumentar a possibilidade de propiciar a elas próprias e à sua família melhores condições de vida e um maior consumo de bens.

As autoras apontam para o fato de que as mulheres que tinham um comportamento diferente do esperado, ou seja, ser uma “boa companheira” para seu marido e eram muito exigentes e dominadoras poderiam enfrentar a infelicidade conjugal. A separação era ameaçadora para as mulheres, pois elas poderiam vir a enfrentar dificuldades econômicas e falta de reconhecimento social, uma vez que as mulheres separadas eram mal vistas. Acresça-se a isso a questão afetiva e de realização pessoal que, no caso feminino, se dava através do casamento.

A maioria desses valores e costumes foi questionada e deixada de lado, mas Del Priore *et al* (2006) apontam que ainda hoje podemos observar alguns resquícios dessa relação hierárquica entre homens e mulheres em nossa sociedade. As autoras ressaltam, ainda, que as mudanças podem ser, em parte, atribuídas a muitas mulheres e homens que viveram naquela época e agiram de forma diferente do que era esperado, bem como a um conjunto de acontecimentos políticos, econômicos e sociais.

Pode-se dizer que, ao longo dos séculos, a finalidade do casamento evoluiu da manutenção de propriedades, bens ou alianças políticas para se tornar um vínculo de amor e felicidade, de satisfação da afetividade e da sexualidade. A partir daí, passou-se a privilegiar a escolha do parceiro por amor, glorificou-se o amor materno, a privacidade, a intimidade, o conforto da família, a respeitabilidade e a permanência no casamento. Este passou a ser considerado indissolúvel e legitimado pelos laços civil e religioso, sendo sua celebração solene e pública. Ideais liberais, presentes após a Revolução Burguesa, propiciaram que o Estado passasse a intervir no casamento que, além de um ato religioso, passou a ser também legitimado pelos laços civis. Sendo o casamento um contrato civil, passou a ser possível

rompê-lo através do divórcio. Diversas aquisições sociais, históricas e culturais propiciaram, ainda, uma mudança no ritmo familiar e as mulheres puderam requerer igualdade de direitos e valoração pessoal como veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO II - TRABALHO E FAMÍLIA: SUAS TRANSFORMAÇÕES E INTERSEÇÕES

Prost *et al* (2009) apontam que, antes da ascensão da burguesia e da revolução industrial, milhares de pessoas trabalhavam em casa por conta própria, ou para terceiros, algo que foi se modificando ao longo dos séculos. Em sua maioria, estas pessoas que trabalhavam em casa viviam mal, trabalhavam muito e recebiam pouco, o que pode explicar, talvez, o seu gradual desaparecimento.

A relação do trabalho com a família já foi muito próxima. O ofício, quando realizado em casa, confundia-se com a vida privada, conferindo a todos os adultos da família a função de educar e sustentar seus membros. A casa constituía, assim, tanto o espaço da família como uma unidade de produção autônoma.

Prost *et al* (2009) assinalam, ainda, que, muitas vezes, o comerciante estava jantando com a família e seu comércio fechado, quando um freguês não hesitava em bater na janela para solicitar um produto. As costureiras tinham, então, que abrir suas casas a estranhos. Assim, não havia intimidade familiar e nem uma diferenciação de tempo e espaço. Trabalhar em casa significava trabalhar o tempo todo, já que o ofício confundia-se com os trabalhos de casa.

Enquanto as tarefas domésticas e profissionais eram realizadas em conjunto por homens, mulheres e crianças em casa, a divisão sexual do trabalho não era vista como uma desigualdade ou uma sujeição. As tarefas domésticas não eram desvalorizadas, uma vez que, de certa maneira, eram desempenhadas por todos.

Os autores assinalam, ainda, que a dissociação entre o trabalho e a vida privada deu-se somente quando os profissionais começaram a diferenciar os espaços do trabalho e da casa. Assim, os fundos das lojas perderam os utensílios próprios da moradia, como camas, armários e fogões.

Passou-se, então, a ter dois espaços, o do comércio, o do consultório, entre outros, e o da casa, isto é, o público e o privado. Essa reorganização dos espaços atingiu também as indústrias que, com o seu gradual desenvolvimento passaram a construir imóveis destinados a uma produção maior e mais específica. Esta passou também a oferecer benefícios sociais para seus funcionários, antes só encontrados na família.

O grande grupo familiar começou a ser substituído por uma série de subgrupos sociais, tais como o do trabalho, o das atividades sociais nas empresas, os grupos políticos e outros equivalentes.

Também por essa época, com o desenvolvimento das indústrias e fábricas, a diferenciação entre as classes sociais tornou-se distinta. Os burgueses e proprietários tinham suas próprias casas e, conseqüentemente, sua vida privada, enquanto que os operários tinham suas vidas atreladas ao trabalho e às empresas, locais onde muitos tinham sua moradia e movimentavam suas vidas.

Prost *et al* (2009) também assinalam que tanto os homens quanto as mulheres das camadas populares desempenhavam o trabalho nas empresas. Trabalhar fora de casa refletia a situação econômica da mulher, no caso, ser pobre, já que, na camada burguesa da população, à mulher cabia ficar em casa e cuidar do lar.

Essa divisão dos espaços público e privado inviabilizou a igualdade conjugal, uma vez que o homem foi trabalhar fora de casa e passou a receber um salário por isso, enquanto que a mulher, considerada distinta do homem, dedicava-se às tarefas domésticas, que passaram a não ser mais tão valorizadas.

Nessa concepção, a ideia de casamento era pautada na divisão dos papéis masculino e feminino, divisão esta, mais ou menos rígida, em que cada um ocupava um lugar social e familiar dentro da estrutura mais abrangente.

Para Goldenberg e Toscano (1992), ao longo do século XIX e início do século XX, nas sociedades mais industrializadas, como nos Estados Unidos e em alguns países europeus, se fazem mais presentes as diferenças de tratamento entre homens e mulheres, tanto no mercado de trabalho quanto na sociedade como um todo.

É nesse contexto que surge o Movimento Feminista da virada do século XIX para o XX que, em um primeiro momento, vem reivindicar uma igualdade de oportunidades e funções no mercado de trabalho e uma igualdade de direitos entre homens e mulheres, entre outras reivindicações.

Segundo as autoras, este movimento vem questionar a divisão de papéis com base na diferença entre os sexos, a opressão vivida pela mulher, a conscientização da dura dupla jornada de trabalho das mulheres que trabalham fora de casa, a remuneração diferenciada de homens e mulheres que executavam as mesmas tarefas no trabalho e a dificuldade de ascensão profissional das mulheres. Tais reivindicações questionavam a alocação da mulher a um segundo plano, tanto no âmbito público como no privado.

As autoras apontam que foi no final da década de 1960 e no início da década de 1970 que os Movimentos Feministas do início dos anos de 1960 na Europa e nos Estados Unidos começam a repercutir no Brasil, mas ele deve ser visto aqui como distinto, tendo em vista nossa formação histórica e suas especificidades, como o “patriarcalismo, paternalismo, conservadorismo e machismo” (p. 24).

Sobre este assunto, Carvalho (2000) aponta que foram as várias correntes do movimento feminista que vieram dar legitimidade à luta pela igualdade entre os sexos e pelo direito às novas aspirações femininas, seja no que diz respeito a sua realização pessoal, seja no que tange à questão econômica. O autor chama a atenção também para o fato de que esta nova conduta tende a ocorrer com “maior frequência nas camadas médias que têm maior escolaridade e são mais abertas a inovações culturais” (p. 77).

Coelho (1996) ressalta que esse período foi marcado não só por mudanças políticas e econômicas, como também por mudanças nos códigos de comportamento, como a participação política dos jovens, de ambos os sexos, que pregavam uma transformação da sociedade, através da luta pelos direitos das minorias, pela melhoria da qualidade de vida, pelo desafio à ordem estabelecida, pela psicologização da família e pela crítica aos valores burgueses. Novas formas de expressão da subjetividade e de visão de mundo foram contrapostas aos valores tradicionais e autoritários pelos movimentos sociais da época, entre eles os movimentos feministas.

Goldenberg e Toscano (1992) apontam que em 1975, durante a Semana de Pesquisa sobre o Papel e Comportamento da Mulher Brasileira, realizada no Rio de Janeiro, foram propostas mudanças para o Código Civil, visando extinguir todas as formas de discriminação contra a mulher.

Aos poucos, mudanças na legislação propiciaram o reconhecimento da igualdade de direitos e deveres da mulher em sua condição social, política e jurídica. E vale ressaltar aqui também que, pouco a pouco, elas foram favorecendo avanços no âmbito familiar, como a igualdade de direitos e obrigações do casal, como a divisão das tarefas domésticas e a responsabilidade de ambos pelo cuidado dos filhos.

As autoras apontam também que não foi somente o Movimento Feminista que provocou alterações na sociedade brasileira. No final dos anos de 1970 tivemos o “surgimento e expansão dos movimentos políticos, crescimento dos meios de comunicação de massa e o processo de redemocratização” (p. 47) do país, após décadas de ditadura militar. Também o avanço da medicina e o surgimento de novos métodos contraceptivos mais eficazes, como a

pílula anticoncepcional, vieram propiciar uma mudança no contexto da família no que diz respeito à sexualidade e à reprodução. Com um controle de natalidade mais eficaz, as mulheres passaram a administrar o próprio corpo e puderam usufruir mais e melhor do prazer sexual.

Os movimentos feministas provocaram uma profunda alteração no espaço público e, pouco a pouco, foram também modificando o ambiente doméstico. A cada década, as mulheres vêm fortalecendo sua participação no mercado de trabalho, aumentando seu nível de escolaridade e conseguindo reduzir, mesmo que lentamente, a grande defasagem salarial que ainda existe em relação aos homens. O feminismo abriu portas para que as mulheres pudessem trilhar seus caminhos, construir escolhas, encarar os problemas e criar soluções em benefício de toda a sociedade.

Os papéis de gênero na família de hoje estão em plena transformação. As práticas surgidas com esta reviravolta nos costumes modificaram as relações familiares. Alguns autores, como Torres (2000), apontam para o fato de que a possibilidade de igualdade entre homens e mulheres foi uma das questões que ajudaram a tornar o casamento mais vulnerável na sua estabilidade, uma vez que as contradições entre os interesses individuais dos cônjuges hoje se sobrepõem ao interesse social investido na união conjugal e na formação da família.

Família e casamento passaram a ser submetidos à satisfação pessoal. As separações conjugais aumentaram e, com isso, tornou-se imprescindível a lei do divórcio, mudando a visão tradicional do “casamento para sempre” e criando novas alternativas de satisfação nas relações afetivo-sexuais e pessoais. Outro aspecto a ser mencionado aqui foi o declínio do casamento como projeto principal das mulheres, dando lugar a percursos individuais diferentes e complementares ao casamento, como o investimento em uma carreira profissional e nos estudos. Assim, as insatisfações no casamento não são mais toleradas apenas para fazer cumprir uma norma social, tendo em vista que manter o casamento passou a ser fruto de uma escolha individual.

Para diversos autores, como Hall (2001), as mudanças na organização da família estão se dando, basicamente, a partir das mudanças na condição feminina, que terminam por afetar, também, os papéis masculinos e os relacionamentos familiares, de maneira geral. As atividades “produtivas”, antes de domínio dos homens, passaram a ser exercidas também pelas mulheres.

Para Jablonski (1995), os homens também vivenciaram mudanças provocadas pela revolução feminina, que acabaram por alterar as relações de poder e as atribuições e papéis de

homens e mulheres. Essas mudanças propiciaram o aparecimento de “uma mulher trabalhadora, liberada, cônica de seus direitos, que não aceita mais passivamente os terríveis e desrespeitosos comportamentos” (p. 161).

O autor acrescenta que tais mudanças não são vivenciadas por todas as mulheres em sua totalidade. Algumas mulheres optaram por manter a separação de homens e mulheres, outras não puderam mudar sua condição e continuam experimentando um mundo desigual, onde não há uma equiparação salarial, uma participação do cônjuge nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos, entre outras coisas.

Jablonski (1995) aponta que também a revolução tecnológica levou os homens a questionar sua identidade. Enquanto antes sobressaía a lei do mais forte, que era aquele que conseguia caçar para a sua subsistência e de sua própria família ou tribo, hoje o que vemos na maioria das profissões é que não é mais a força que prepondera, mas sim a aptidão e a qualificação, características que propiciam maior inclusão para as mulheres.

Para a mulher contemporânea da classe média, o trabalho não é mais considerado apenas algo que supra uma necessidade financeira, mas, antes, é uma fonte de realização pessoal, e os filhos passaram a ser fruto de uma escolha pessoal. O amor conjugal e o amor materno não justificam mais o retraimento da mulher da cena social e pública. Contudo, como se pode observar na prática cotidiana, as promessas de libertação implícitas nos movimentos feministas ainda não foram de todo concretizadas na vida cotidiana. A mulher de hoje quer poder conciliar a atenção à família, principalmente aos filhos e ao companheiro algo que envolve o cuidado da casa, de sua vida conjugal e a realização das tarefas próprias da maternidade -, isto é, sua vida pessoal com sua vida profissional.

O que se pode observar hoje é que a inserção da mulher na esfera pública tem oferecido maior liberdade econômica às mulheres, mas não necessariamente as tem libertado das tarefas domésticas. Os avanços tecnológicos, que podem propiciar uma redução do tempo envolvido nos trabalhos domésticos, embora tenham permitido que mais trabalhos fossem realizados em menos tempo, não diminuíram suas horas de trabalho.

A dupla jornada de trabalho, resultado da pressão, que na maioria das vezes parte da própria mulher, que tenta conciliar, com um alto nível de exigência, suas funções nos espaços público e privado, pode se apresentar como um dos sintomas da ambiguidade presente nas sociedades atuais que se modernizaram em alguns pontos e permaneceram bastante conservadoras em outros. Como assinala Jablonski (1991), o fato da mulher trabalhar fora não resultou em uma contrapartida por parte dos homens, isto é, eles ainda não exercem tarefas

dentro de casa, a não ser em termos de uma mera e descompromissada “ajuda”, da qual eles eventualmente se sentem envaidecidos, como menciona um dos entrevistados da pesquisa de campo realizada pelo autor: “Como eu sou um cara moderno e legal, vou te dar uma mão (ajudar) nessa tarefa que no fundo é sua mesmo” (p. 153).

Já em relação ao sustento da família, essa “ajuda” é da mulher, como aponta Preuss (1998) em sua pesquisa com famílias de classe média e média alta da cidade do Rio de Janeiro. A autora verificou que quando ambos os membros do casal trabalham fora é geralmente o homem que recebe maiores salários. Por isso, muitas vezes é ele quem acaba por assumir a função de principal provedor financeiro da família e a mulher apenas o “ajuda” nesta função.

Algumas mudanças do modelo tradicional, que tinham o homem como provedor da família, contudo, parecem estar sendo bem-vindas pelos homens, que apontam para uma “socialização” dos gastos. Dados do último censo do IBGE informam que atualmente a renda familiar não é uma exclusividade daquele que era considerado o chefe da família, pois em 62,7% das famílias, tanto o responsável quanto o cônjuge possuem renda própria (ALMEIDA, 2012).

Já em relação às atividades domésticas, homens e mulheres concordam que esta continua sendo uma atribuição feminina. Um dos entrevistados da pesquisa realizada por Preuss (1998), assim resume esta questão: “a coisa funciona mais ou menos dessa forma: o marido trabalhando e a mulher responsável pelas coisas da casa” (p.130).

Finalmente, para os homens entrevistados pela autora, sua maior participação dentro de casa e seu trabalho são vistos como mutuamente apoiadores e complementares, embora afirmem se sentir confusos diante dessa nova perspectiva, uma vez que foram educados à maneira tradicional e agora lhes são solicitadas novas atitudes para a integração do casal.

Para Vaitsman (1995), a participação crescente das mulheres nas atividades públicas e a conquista de direitos formais de cidadania mudaram a antiga hierarquia sexual, ocasionando um declínio da autoridade paterna e uma mudança nos relacionamentos familiares.

Diniz (1999), ao falar sobre a interação entre família e trabalho e seu impacto sobre o casamento assinala as diversas maneiras de conciliar estas duas esferas empregadas por casais. A autora parte do tipo de inserção da mulher no mercado de trabalho e explica os diversos arranjos possíveis.

Para Diniz (1999), o casal contemporâneo de classe média valoriza o nível mais profundo de envolvimento com a carreira, preservando o desejo de manutenção de uma vida

afetiva. A distribuição das tarefas de casa, bem como o cuidado dispensado aos filhos, são agora mais compartilhados entre homens e mulheres.

Para Diniz (1999), as famílias compostas por casais de dupla carreira² diferem das famílias compostas por casais em que os dois trabalham sem que necessariamente ambos invistam em uma carreira, no sentido de que, no caso dos primeiros, as tarefas são mais partilhadas entre os cônjuges. Essa diferença parece ser fruto do fato de que a divisão do trabalho, no que diz respeito às tarefas domésticas, é distribuída entre os parceiros com base na igualdade de “*status*” e não baseada no sexo dos cônjuges.

Lipovetsky (2000) confirma essa tendência de uma maior contribuição masculina nas tarefas domésticas quando os cônjuges têm maior nível de instrução. Trabalhos como cozinhar e lavar a louça e fazer as compras podem ser realizados pelos homens, mesmo que esta partilha seja realizada “segundo suas inclinações e sua disponibilidade” (p. 248).

De acordo com Diniz (1999), os casais de dupla carreira são os que enfrentam com mais intensidade os conflitos e dilemas gerados pelo estilo de vida imposto pela interação família-trabalho. Isto se dá porque ambos os cônjuges estão comprometidos tanto com o investimento pessoal na carreira quanto com a vida familiar e nenhum dos dois está disposto a subordinar as expectativas do trabalho às expectativas familiares. Essa dedicação de ambos os cônjuges à família e à profissão sinaliza uma mudança fundamental nesse tipo de casal em comparação com o relacionamento conjugal tradicional. O desafio do casal de dupla carreira consiste em coordenar as aspirações de cada um dos cônjuges, sem a subordinação ou sacrifício de um em nome dos desejos do outro, bem como desenvolver estratégias de conciliação da profissão com o relacionamento afetivo.

O outro modelo de casal que trabalha fora em tempo integral seriam os casais mistos. Neste arranjo apenas um exerce uma carreira enquanto o outro tem um trabalho. É interessante notar que se é o homem que exerce a carreira e, em consequência, tem uma melhor remuneração neste caso, a mulher tende a ficar responsável por desempenhar as atividades cotidianas de manutenção do lar. Já quando é a mulher que tem a carreira, o fato de possuir mais *status* e maiores salários pode não ser tão bem aceito pelo cônjuge e gerar conflitos. Diniz (1999) aponta que este arranjo conjugal tende a ter um índice alto de separação.

² Carreira é definida pela autora como profissão que exige um alto grau de instrução e treinamento, de comprometimento com o trabalho e de reciclagem constante. Estas profissões tendem a ser melhor remuneradas e a conferir maior poder e *status* social (Diniz, 1999).

Diniz (1999) chama a atenção, ainda, para o fato de que:

A intensidade do envolvimento de uma mulher com a carreira e a importância atribuída à mesma para sua identidade pessoal podem, contudo, constituir fator potencial de estresse. A decisão de ter ou não filhos e, posteriormente, a presença deles, principalmente durante a infância e a adolescência, também constituem fator de conflito, que pode ou não ser atenuado pelo grau de flexibilidade do casal para compartilhar os papéis parentais, pelo arranjo encontrado para cuidar dos filhos e pela presença de uma rede social de apoio (p. 36).

Na verdade, as mulheres com menores rendimentos e menores qualificações são as que têm que se equilibrar entre a maior autonomia relativa, proporcionada pela atividade profissional, e a equivalente sobrecarga no desempenho das tarefas domésticas e cuidados com os filhos. Até porque, as mulheres que têm uma “carreira”, que são aquelas com maior formação escolar e rendimentos mais elevados, logo que podem, pagam pela execução do maior número de tarefas domésticas possível, ainda que continuem a assumir a maior responsabilidade pelos cuidados com os filhos. Segundo Torres (2000), apenas nos casais jovens os encargos com as crianças são mais repartidos entre os cônjuges. Tradições políticas, culturais e sociais extremamente arraigadas têm tornado, assim, mais difícil para a mulher conseguir equilibrar as responsabilidades familiares e profissionais e atingir paridade com o homem no mercado de trabalho.

Torres (2000) assinala que a atividade profissional é valorizada pelas mulheres por várias razões. Ela pode, por exemplo, ser desejada como uma recusa ao fechamento doméstico e um meio de desenvolver relações de sociabilidade. Ela também pode ser vista como uma forma de aumentar seu poder na relação conjugal, como verbalizada por uma das mulheres entrevistadas em sua pesquisa de campo, que afirmou que “quando a gente ganha pra comer já não tem que lhes aturar tudo” (p. 141). O trabalho fora de casa também pode ser valorizado por ser uma forma de reconhecimento de competências específicas, reconhecimento esse habitualmente ausente do universo das atividades domésticas, ou mesmo como meio de desenvolver relações de sociabilidade.

Para Torres (2000), apesar de algumas circunstâncias poderem levar a mulher a retrair seu investimento profissional, como o nascimento de um filho, ela geralmente retoma sua profissão depois de uma reorganização da vida familiar, não se situando como vítima das circunstâncias.

Wagner e cols. (2005) apontam para o fato de que, apesar de que está havendo uma mudança em relação à distribuição entre os cônjuges das tarefas domésticas, os homens geralmente se encarregam das tarefas de conserto e marcenaria, sobrando para as mulheres

atividades como cozinhar e lavar louça. Parece, assim, que há uma distinção na distribuição das tarefas entre os gêneros.

As autoras assinalam, ainda, que, mesmo quando a mulher é a principal responsável pelo sustento da família, sua remuneração continuará sendo considerada como complemento, do mesmo modo que as atividades domésticas efetuadas pelos maridos são vistas como “uma ajuda”. Ou seja, permanece o modelo tradicional da mulher como responsável pelo lar, como apontam Wagner e cols. (2005):

Ainda que a mulher tenha rendimentos maiores que o homem, estes ainda são considerados no discurso familiar como um complemento ao orçamento. Por outro lado, as tarefas domésticas desempenhadas pelos maridos são percebidas como uma ‘ajuda’, expressando a isenção deste da responsabilidade no desempenho de tais atividades (p. 2).

Quando nos remetemos mais especificamente aos cuidados com os filhos, Rocha-Coutinho (2011) aponta que a maternidade, por trazer mudanças significativas para a vida das mulheres, pode-se tornar fator de ajuste na profissão de mulheres bem sucedidas. Mesmo que provisoriamente, o trabalho pode deixar de ser prioridade e algumas delas acabam abandonando temporariamente o trabalho quando os filhos são pequenos. A autora assinala que, em pesquisa realizada com mulheres que abandonaram uma carreira quando do nascimento dos filhos, estas mulheres foram submetidas a dois tipos de pressão. De um lado, o sentimento de culpa por não estar presente dando atenção aos filhos, e, de outro, uma cobrança por parte delas mesmas e dos outros pelo fato de estarem sem trabalhar.

Rocha-Coutinho (2011) aponta que, apesar de receber apoio dos maridos à decisão de parar de trabalhar, esta situação parece não ser por eles totalmente aceita, pelo fato dos maridos acharem importante que suas esposas tenham uma carreira profissional e sejam economicamente independentes, como a autora pode observar na fala das mulheres por ela entrevistadas.

A autora assinala que algumas de suas entrevistadas até tentaram conciliar trabalho e maternidade, logo após o retorno da licença maternidade, mas o fato de não terem um horário fixo de trabalho ou a falta de ajuda as levou a abandonar temporariamente a carreira. Ainda segundo a autora, esse não deve ser visto como um problema que envolve apenas soluções individuais, mas também sociais, visto que a estrutura do mercado de trabalho atual não possibilita, muitas vezes que se concilie o papel de mãe com o de profissional.

Rocha-Coutinho (2011) assinala também que, tanto para os homens quanto para as mulheres, mesmo quando ocorra uma maior divisão das tarefas, ambos consideram ainda que

a mulher é quem melhor pode e sabe cuidar dos filhos. Também Lipovetsky (2000) aponta que as mulheres continuam a ser vistas como as principais responsáveis pelas tarefas da casa e educação dos filhos.

Almeida (2007), em sua pesquisa sobre o sentido da maternidade, também assinala que, tanto as mulheres de classe média como as de classe popular consideram que o cuidado e a educação dos filhos é prioritariamente responsabilidade da mulher.

Uma das diferenças apontadas pela autora entre as mulheres dessas duas classes sociais diz respeito à conciliação entre o trabalho e a maternidade e o sentido que essas mulheres dão ao trabalho. Para as mulheres de classe média, a maior dificuldade foi lidar com o sentimento de culpa por deixarem os filhos na creche e não participarem tão ativamente de seus cuidados, devido ao grau de importância que atribuem ao trabalho, o que traz para elas grande satisfação pessoal e requer mais tempo de dedicação. Já as mulheres de menor poder aquisitivo e instrução trabalham porque precisam do salário e não necessariamente porque o trabalho lhes traz satisfação pessoal.

Almeida (2007) ressalta que é bom lembrar que as mulheres de camadas mais baixas sempre trabalharam, enquanto que as mulheres de classe média passaram a participar mais ativamente do mercado de trabalho no decorrer da década de 1970 e ambas são levadas a desempenhar diversos papéis que, muitas vezes, competem entre si, fazendo-as alternar o que julgam ser prioritário em suas vidas.

Neste capítulo pudemos perceber que a associação entre vida pública e privada sofreu alterações ao longo da história e é distinta para diferentes contextos sociais. O desenvolvimento das cidades e a industrialização, entre outros fatores contribuíram para uma diferenciação desses espaços que se distribuíram de forma distinta entre homens e mulheres. Com a ascensão da burguesia e a industrialização do mundo moderno, aos homens coube o espaço público do trabalho remunerado, a às mulheres o espaço privado das tarefas domésticas e dos cuidados e educação dos filhos. Mas, o lugar de homens e mulheres nesses ambientes que durante décadas pareceu ser bem delimitado, acabou sofrendo mudanças com os movimentos sociais que lutavam por maior igualdade entre os grupos sociais, entre os quais os movimentos feministas que questionaram a sujeição da mulher ao homem. E aqui cabe lembrar que as mulheres das camadas mais pobres da sociedade sempre tiveram que trabalhar para o seu sustento e da família. No Brasil, por volta da década de 1970, assim como já havia acontecido na Europa e nos Estados Unidos, essas mudanças propiciaram, além de

um aumento do número de mulheres no mundo público do trabalho, uma redistribuição dos papéis femininos e masculinos na sociedade, de modo geral.

Na família, que é o foco do nosso estudo, essa negociação ainda hoje é difícil. Muitas vezes, a participação do homem na esfera doméstica não passa de uma eventual “ajuda” e, mesmo no caso de casais que conseguem uma divisão mais igualitária, permanece, mesmo que não de forma aberta, a ideia de que a principal responsável pelas tarefas domésticas e, em especial pelos cuidados com os filhos é a mulher. Diversos arranjos entre cônjuges para uma melhor divisão de tarefas e responsabilidades são possíveis e cabe ao casal optar por aquele que melhor se adapte às suas necessidades. Podemos perceber que alguns conflitos familiares surgem nessa reorganização da família que, juntamente com outros fatores de conflito podem levar o casal a uma situação de insatisfação que resulte no término do casamento. Os novos arranjos familiares, bem como a mudança dos papéis sociais de homens e mulheres serão objeto do próximo capítulo.

CAPÍTULO III - FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: NOVOS ARRANJOS E PAPÉIS SOCIAIS

A partir de transformações sociais ocorridas nas décadas de 1960 e 1970, marcadas principalmente pela mudança dos papéis feminino e masculino, o casamento na sociedade ocidental, como era visto até então, bem como os valores relativos à sua estruturação e funcionamento passaram a ser questionados, provocando alterações no comportamento dos indivíduos.

Nesse panorama, modelos tradicionais, muitas vezes, passam a conviver com modelos modernos, coexistindo e, algumas vezes até, competindo entre si. Figueira (1986) ressalta, acerca das mudanças sofridas pela sociedade, que os sujeitos, ao mesmo tempo em que dela participam, percebem que tudo só muda rapidamente na superfície, e que, durante um tempo, “o novo e o moderno convivem com o arcaico e o antiquado” (p. 13).

No modelo tradicional, ou “hierárquico”, o casamento era visto como indissolúvel, monogâmico e teria como finalidade a reprodução. Nele, a rede de relações tinha suas raízes no esquema patriarcal, em que as identidades femininas e masculinas eram demarcadas com precisão nos comportamentos, sentimentos ou interesses. A família era relativamente organizada e homem e mulher se percebiam como diferentes. O poder do homem se apresentava como superior ao de sua esposa, sendo esta superioridade fundada na sua relação com o trabalho fora de casa.

Neste modelo, o papel do homem era garantir o sustento material da família através do trabalho e de sua ligação com o exterior, enquanto que o papel da mulher era o de administrar os recursos materiais necessários ao funcionamento da família, que envolvem o trabalho doméstico, a procriação e o cuidado com os filhos. A cada um destes papéis é atribuído um valor moral e afetivo. O masculino confere ao homem autoridade e respeitabilidade e o feminino confere à mulher um valor de vigilância, afeto e cuidados em relação aos filhos.

Para Coelho (1996) e Almeida (1987), a família tinha como modelo ideológico a relação de autoridade do homem sobre a mulher e dos mais velhos sobre os mais novos. Esta família patriarcal exibia hierarquias em que as diferenças entre homem e mulher eram consideradas intrínsecas. Assim, as representações de família e as relações de gênero confirmavam este modelo calcado nos binômios domínio-submissão e público-privado, formando as representações da identidade feminina e masculina. À mulher eram atribuídas características como fragilidade, delicadeza, sentimentalismo e docilidade e, ao homem,

características como força e racionalidade, entre outras, transformando-o em responsável pela manutenção material e da moral familiar.

No processo de modernização da família, a hierarquia, a desigualdade e a diferença em termos de privilégios foram questionadas e a “ideologia do igualitarismo parece ter tido o maior impacto sobre as relações familiares” (Almeida, 1987, p. 16). Na família igualitária homens e mulheres percebem-se como diferentes pelo sexo, mas iguais como indivíduos, diferentemente da família do século XIX em que, como aponta Prost *et al* (2009),

A família exercia um controle bastante rigoroso sobre seus próprios membros. O marido era o chefe da família; a mulher casada precisava ter sua autorização por escrito para abrir uma conta no banco ou para administrar seus próprios bens. Era ele que exercia o pátrio poder (p. 64).

Para Lipovetsky (2000), a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho e sua valorização pessoal e social, já há uns 30 anos, desencadeou uma redistribuição dos papéis e hierarquias femininos e masculinos. Onde antes era comum a subordinação feminina, pois tínhamos a figura do homem como provedor, hoje temos um possível conflito, visto que a mulher também dispõe de proventos. O ideal igualitário e a independência financeira da mulher propiciam, assim, que os dois participem nas tomadas de decisão.

Na contemporaneidade, o modelo único de casamento fundado na concepção de amor eterno, singular e dirigido a uma pessoa única e insubstituível ficou para trás. A própria ideia de eternidade das relações e dos sentimentos, de modo geral, vem, há algum tempo, sendo questionada. Assim, casamentos e famílias desfazem-se e refazem-se continuamente. Como aponta Bauman (2004),

Pode-se supor (mas será uma suposição fundamentada) que em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro. ... A súbita abundância e a evidente disponibilidade das ‘experiências amorosas’ podem alimentar (e de fato alimentam) a convicção de que amar (apaixonar-se, instigar o amor) é uma habilidade que se pode adquirir, e que o domínio dessa habilidade aumenta com a prática e a assiduidade do exercício (p. 19).

Hoje, respondendo a uma sociedade onde os valores e as regras econômicas e sociais estão sempre em mutação, os casais têm revisto suas idealizações sobre o casamento e vêm construindo formas novas de amar e de se relacionar. Diferentes padrões de relações afetivo-sexuais passaram a coexistir. As relações conjugais não formalizadas legalmente e aquelas em que os cônjuges habitam casas separadas, entre outras, generalizaram-se, assim como as separações e os recasamentos.

Jablonski (1991) afirma que o tipo moderno de família e casamento entrou em crise porque foram abalados os seus fundamentos básicos: a divisão sexual do trabalho e a dicotomia entre o público e o privado. Com o aumento da participação das mulheres no mundo público, houve uma redefinição dessas duas esferas, que antes eram distribuídas segundo o gênero. As mulheres passaram a desempenhar papéis na esfera pública e não mais limitaram suas aspirações e atuação à esfera privada do casamento, do lar e dos filhos.

A maior igualdade sexual entre homens e mulheres ressalta a fragilidade do casamento e da família que ainda estiverem estruturados segundo as normas patriarcais, abrindo espaço para o surgimento de conflitos e dificultando a estabilidade das relações no longo prazo. Como aponta Vaitsman (1995):

Quando homens e mulheres passam a se definir como iguais, torna-se muito mais fácil para ambos – social e pessoalmente – dissolver o casamento, que agora é mantido muito mais em função da satisfação individual que dos imperativos da divisão sexual do trabalho ou da família enquanto instituição (p. 348).

Lipovetsky (2000), ao falar a respeito das insatisfações de homens e mulheres que podem levar à separação conjugal, ressalta que, na maioria das vezes, são elas que exprimem suas insatisfações tratando a questão como uma “tragédia”, enquanto que os homens se surpreendem com o que chamam de “drama”. Ao serem profissionais, se tornarem independentes e receberem maior aceitação no mercado de trabalho, as mulheres tornam-se mais fortes emocionalmente e não querem manter um casamento fadado ao fim. Nas palavras do autor,

Quanto mais as mulheres são independentes, menos aceitam um casamento desmoronado, em desacordo com suas expectativas de ternura, de compreensão, de proximidade. Longe de encerrar as mulheres em si mesmas, a dinâmica individualista gera mais exigência com relação ao outro, menos resignação para suportar uma vida de casal insatisfatória, que já não realiza as promessas do amor e da comunicação personalizada (Lipovetsky, 2000, p.35).

Atualmente, as fronteiras entre a identidade masculina e feminina são fluidas e permeáveis e a sexualidade de ambos os parceiros é desvinculada da reprodução, no caso da mulher, ou mesmo de uma resposta feminina ao desejo do homem. Temos atualmente uma pluralidade de novas estruturas familiares que expressam uma multiplicidade de vínculos amorosos possíveis, inclusive aqueles que seguem a tradição. As novas práticas, decorrentes desses novos arranjos, envolvem uma ampla gama de possibilidades, tais como a “mãe solteira”, o “casal grávido”, o “pai e/ou mãe descasados”, o “homem dono de casa”, a “mulher chefe de família”, entre inúmeras outras.

Dados estatísticos do último censo de 2010 mostram que a família composta por pai, mãe e filhos não é mais o modelo de família dominante no Brasil, representando 49,9% das

famílias atuais. Os outros 50,1 % estão no que o IBGE categorizou como 19 diferentes laços de parentesco para dar conta da diversidade apresentada, contra os 11 apresentados em 2000. como exemplos, podemos citar como casais sem filhos, famílias compostas de netos com avós, famílias chefiadas por mulheres, famílias de recasamento, entre outros.

Essa diversidade de possibilidades de arranjos familiares decorre, em parte, do aumento do número de divórcios e recasamentos. Nos dados do censo de 2010, recentemente divulgados, o IBGE apontou uma novidade na sua base de dados, o percentual relativamente elevado de famílias chamadas reconstituídas, mosaicos, ou recompostas, e que já se fazem presentes em 16,3% dos lares compostos por casais com filhos. A família mosaico seria aquela constituída pelos cônjuges, os filhos de uniões anteriores e, em muitos casos, seus atuais filhos, como esclarece Alves (2008):

Dá-se o nome de ‘família mosaico’ o arranjo familiar em que os filhos do casal compõem um quadro formado por irmãos, meio-irmãos e não-irmãos, pois os filhos de união (ou uniões) anteriores do marido e da esposa não são irmãos, mas ambos são meio-irmãos dos novos filhos do casal. Desta forma, nem todos os membros da família mosaico são parentes entre si, mas todos tem um grau de parentesco com a prole resultante da união do casal reconstituído (p. 2).

Segundo Vaitsman (1995), a falta de um modelo único evidencia o pós-moderno nas práticas e nos discursos sobre casamento e família. Segundo a autora, as “condições da pós-modernidade ... instabilidade, pluralidade, e a heterogeneidade” (p. 349), aumentaram as alternativas possíveis de comportamento. Novos desafios foram criados para as relações familiares e conjugais, forçando-as a uma reformulação e redefinição para se adaptar às diferentes demandas atuais.

Jablonski (1991) e outros autores assinalam que as diversas mudanças ocorridas, principalmente nos último quarenta anos, mostram uma acelerada modernização dos costumes, com transformações tais como a redução da família em seu tamanho, a emergência de um mercado de consumo mais sofisticado, a ampliação do sistema de educação superior e a crescente valorização dos meios de comunicação de massa.

Giddens (2003) também assinala que a diferença mais evidente da era moderna é seu extremo dinamismo, em que “não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores” (p. 22).

O autor aponta que a globalização relaciona os mais diversos acontecimentos e relações sociais “à distância” e esta forma de socialização de informações permite encurtar a distância entre o tempo e o espaço. Segundo ele, a modernidade está diretamente implicada

nessas amplas trocas de experiência propiciadas pelas diversas formas de comunicação, como os textos impressos e, posteriormente, os meios eletrônicos, que vão influenciar a vida dos indivíduos e da sociedade como um todo.

Assim, em lugar de um único modelo de família, temos hoje uma ampla variedade de arranjos possíveis, dentre os quais os indivíduos podem escolher de acordo com as suas necessidades e conveniências. Arranjos considerados desviantes no passado, como é o caso do recasamento, da coabitação, de casais homo-afetivos e famílias monoparentais tornaram-se viáveis na família pluralista atual.

Na contemporaneidade, escolhas como casar ou coabitar e se divorciar são entendidas como questões pessoais, na medida em que o casamento pode ser desfeito quando os cônjuges assim o desejarem. A vida em comum não pressupõe mais, necessariamente, o casamento nem a indissolubilidade.

Sobre o assunto, Bauman (2004) assinala que, no mundo moderno de relações fluidas e flexíveis, a escolha amorosa deve ser sempre reafirmada, caso contrário a afinidade conjugal pode ir se desgastando até acabar:

A intenção de manter a afinidade viva e saudável prevê uma luta diária e não promete sossego à vigilância. Para nós, os habitantes deste líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais do que aquilo que estamos dispostos a exigir numa barganha. Estabelecer um vínculo de afinidade proclama a intenção de tornar esse vínculo semelhante ao parentesco (p. 46).

Para aqueles que não pretendem ter esses laços de afinidade, ou preferem experimentar primeiro, o “viver juntos” torna-se uma opção.

O autor assinala, ainda, que nesse tipo de vínculo amoroso não é mais necessária a presença da família ou da Igreja para abençoar a união. Nela os laços de afinidade são frouxos e as pretensões de tempo não são levadas em conta. Viver juntos “é por causa de, não a fim de” (Bauman, 2004, p. 46) O importante é estar junto porque se quer, dividir a vida e compartilhar com o outro suas alegrias e tristezas. Até porque, segundo o autor, atualmente, com a fragilidade dos casamentos, características de uma afinidade forte e pretensões de eternidade não são mais verdadeiras. Qualquer deslize faz a relação desmoronar.

Lipovetsky (2000) também fala a respeito dos novos arranjos conjugais, apontando que o amor está sendo dissociado do casamento e se associando a novas formas de relacionamento. O autor assinala, ainda, a importância da autonomia individual feminina em qualquer tipo de relação:

A permanência do pólo afetivo na identidade feminina não exclui mudanças consideráveis. Desde há cerca de três décadas, as mulheres dissociam cada vez mais o amor do casamento, preferindo com frequência o concubinato ao anel no dedo. Ao mesmo tempo, a existência feminina já não se constrói exclusivamente ... em torno do ideal amoroso e familiar: viver à espera e à sombra do homem, sacrificar-lhe estudos, atividade profissional, autonomia financeira deixou de ser patente... Liberto do *ethos* da renúncia de si, o amor feminino se conjuga, no presente, com as aspirações à autonomia individual (p. 34).

Ainda com relação às uniões informais, pesquisas divulgadas pelo IBGE no último Censo de 2010 revelam que houve um aumento no número de uniões consensuais³ no Brasil. Em 2000 elas constituíam 28,6% e uma década depois, 36,4% das pessoas optaram por esse tipo de união.

Em entrevista concedida ao *site* Universo *on Line* – UOL (2011), a presidente da Comissão de Direito de Família do IASP (Instituto dos Advogados de São Paulo), Regina Beatriz Tavares da Silva, informa que "tanto o casamento como a união estável são entidades familiares, na conformidade do que diz o artigo 226 da Constituição Federal. Então, elas têm o mesmo *status*, e uma relação é tão importante quanto a outra".

A diferença entre eles estaria na formação conjugal, no término do relacionamento e no caso de um dos parceiros vir a falecer. No casamento, a presença do Estado faz-se presente através do juiz, que irá formalizar a relação que posteriormente terá uma certidão para comprovar sua formação. No caso da união estável, a partir do momento que as pessoas vivem juntas, como um casal, já são vistas como uma entidade familiar e não precisam formalizar legalmente, como informa Regina da Silva.

De acordo com o *site* de documentação do Governo Federal, com base na lei nº 9.278/96, se o casal quiser pode legalizar a união estável em qualquer cartório de notas do país. O casal não terá seu estado civil alterado, ou seja, ambos continuarão sendo solteiros. Contudo, a legalização pode trazer benefícios para ambos, como a inclusão do/da parceiro/a no plano de saúde do outro, e, em caso de extinção do vínculo conjugal, rompimento do contrato e divisão dos bens (dependendo do tipo de regime por que optaram, como comunhão

³ Pessoas que moram juntas sem ter oficializado o casamento. Definição retirada da internet: <http://www.odiariodemogi.inf.br/panorama/nacional/8169-aumenta-união-consensual-no-pais.html>. Acesso em: 20/10/2012

Ou

Denomina-se união consensual a união estável, socialmente reconhecida. Definição retirada da internet: http://pt-i.demopaedia.org/wiki/UNI%C3%83O_consensual. Acesso em: 20/10/2012

parcial, comunhão total ou separação total), tendo, inclusive, direito a pedido de pensão alimentícia. Para revogação do contrato de união estável basta fazer a solicitação no mesmo cartório onde este foi realizado.

Bauman (2004) assim se refere à facilidade com que se pode fazer e desfazer esse novo tipo de arranjo conjugal:

O conhecimento amplamente compartilhado – na verdade, um lugar-comum – de que todos os relacionamentos são ‘puros’ (ou seja, frágeis, físsiparos, tendentes a não durar mais do que a conveniência que trazem, e portanto sempre ‘até segunda ordem’) dificilmente seria um solo em que a confiança pudesse fincar raízes e florescer. Parcerias frouxas e eminentemente revogáveis substituíram o modelo da união pessoal ‘até que a morte nos separe’ que ainda se mantinha (mesmo que mostrando um número crescente de fissuras desconcertantes) (p. 112).

Goldenberg (2003) assinala que, “ao falar de família, o plural se impõe. Já não há mais um modelo ocidental de família, mas vários” (p. 20). Essa coexistência de modelos leva os indivíduos a terem a possibilidade de se ajustar ao arranjo familiar que melhor se adapte às suas necessidades. Essa flexibilidade, característica básica da família pluralista, contudo, também traz desafios e conflitos que têm que ser contornados pelos seus membros.

Goldenberg (2003) chama a atenção para dois fatores que podem enfraquecer os laços conjugais na chamada “família pós-moderna”. O primeiro deles se refere à vida sexual do casal, visto que esta é uma questão instável e, se o relacionamento estiver apoiado nesta base, fatalmente ruirá. Outro ponto se refere à independência econômica feminina, visto que a possibilidade da mulher se sustentar financeiramente a torna mais autônoma e segura para um provável rompimento conjugal não satisfatório.

Ao pensar sobre as mudanças pelas quais a sociedade passou e que vieram a influenciar a família, sobretudo nos países ocidentais ao longo da segunda metade do século XX, autores como Singly (2000) e Féres-Carneiro (1998) apontam para importância da questão do individualismo.

Singly (2000) ressalta que, do início do século XX até os anos de 1960, a família caracterizou-se por estar centrada no amor e na afeição. Todos ajudavam uns aos outros e, principalmente, às crianças. Ao pai cabia trabalhar e prover o sustento da família. A mulher permanecia em casa ocupando-se dos cuidados das crianças e do marido visando assegurar a felicidade de cada um dos membros da família.

O autor aponta para o fato de que as famílias atuais não são completamente diferentes dessa família de origem, uma vez que o vínculo amoroso predomina agora ainda mais, sendo

hoje o principal responsável pelo vínculo conjugal e, em consequência, é extensivo também aos filhos. Singly (2000) assinala, contudo, que “a família moderna se distingue da precedente pelo maior peso dado ao processo de individualização” (p. 15).

Embora os papéis sociais dentro da família contemporânea tenham se alterado, a vida familiar continua tendo o mesmo valor social que sempre teve, mas para que tudo flua bem, deve existir espaço para o desenvolvimento da dimensão individual dos membros da família. Como afirma Singly (2000), “O elemento central não é mais o grupo reunido, são os membros que a compõem. A família se transforma em um espaço privado a serviço dos indivíduos” (p. 15).

A família tornou-se um espaço no qual os indivíduos procuram proteger sua individualidade. Contudo, valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade implica em ceder diante das individualidades de cada um dos membros do casal. Os ideais contemporâneos de uma relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Por outro lado, para a constituição de um casal é necessário uma interação entre os cônjuges. Assim, como afirma Singly (2000), a família atual é “relacional e individualista” (p. 15). E é na tensão entre esses dois pólos que se constroem e se desfazem as famílias contemporâneas.

Féres-Carneiro (1998) chamou de “o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade” essas duas forças paradoxais que atuam no casamento contemporâneo, assinalando que o convívio entre elas requer que o casal construa uma “zona comum de interação, de uma identidade conjugal” (p. 383). Segundo a autora, atualmente,

Todo fascínio e toda dificuldade de se ser casal reside no fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, de o casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções de mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal (Féres-Carneiro, 1998, p. 380).

Singly (2000) chama a atenção para o sentimento de liberdade proporcionado quando se reúne independência e autonomia. A independência, no caso a econômica propicia que a pessoa se sustente sozinha e a autonomia que possa tomar suas próprias decisões. Tais características, segundo o autor, seriam ensinadas desde cedo na educação familiar, que hoje valoriza a iniciativa e a satisfação pessoal. Assim, a dificuldade reside em como conciliar o vínculo conjugal respeitando-se as individualidades. Essa questão ronda um grande número

de casais em determinados momentos da vida conjugal, tornando-se um dos motivos das separações conjugais.

Nesse consenso, acordos e compromissos são conversados e integrados, tudo isso com o objetivo de fortalecer e consolidar a união entre os membros do casal. Para que isso ocorra, no entanto, tem que haver uma certa flexibilidade e, assim, muitos pontos são transformados ao longo da vida conjugal. Por isso, como assinala Féres-Carneiro (2001), a conjugalidade também pode constituir um processo transformador e auxiliar o desenvolvimento e o crescimento individual, bem como propiciar um amadurecimento dos indivíduos envolvidos na relação, ao criar um espaço comum de interação.

Em praticamente todas as sociedades, a cerimônia do matrimônio é um rito de passagem em que um homem e uma mulher assumem novos direitos e responsabilidades. Como aponta Féres-Carneiro (1998), “O casamento é para os cônjuges a principal área de autorrealização social e a base dos relacionamentos na esfera privada” (p. 385).

A autora também afirma que o número considerável de separações conjugais na sociedade contemporânea poderia parecer, então, um contra-argumento à afirmativa acima. Ela assinala, no entanto, que as pessoas “se divorciam não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas” (Féres-Carneiro, 1998, p. 385). O casamento atual deixou de ter uma função social para se tornar uma fonte de gratificação pessoal. Ou seja, ele é, hoje em dia, tão importante que ninguém quer vivenciar um casamento ruim.

As transformações na vida conjugal e familiar vieram também desencadear mudanças nas leis. O Estado teve que reformular e propor mudanças legislativas de modo a acompanhar a modernização da sociedade brasileira. Orlando (1998) aponta para o fato de que as mudanças na legislação vêm legitimar o que ocorre de fato nas estruturas conjugais e familiares. Assim, O Novo Código Civil, de 2003 estabelece no artigo nº 1511 que:

O casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges.

Desde que o divórcio foi legalizado no Brasil, pela lei 6.515, de 1977, chamada de “Lei do Divórcio”, brasileiros e brasileiras convivem cada vez menos com quem acham que não vale a pena. A Lei 6.515/1977 no artigo 5º dispõe que:

A separação judicial pode ser pedida por um só dos cônjuges quando imputar ao outro conduta desonrosa ou qualquer ato que importe em grave violação dos deveres do casamento e torne insuportável a vida em comum.

Com o objetivo de acelerar o processo de separação dos brasileiros, foi aprovada pelo Congresso Nacional a Emenda Constitucional nº 66, ou a chamada Nova Lei do Divórcio, de 13 de julho de 2010, publicada no Diário Oficial da União em 14 de julho do mesmo ano, que deu nova redação ao §6º do artigo 226 da lei nº 6.515 - passou a ser a seguinte: “§6º - O casamento civil pode ser dissolvido pelo divórcio” - pondo fim às separações consensuais ou litigiosas. Assim, pode-se solicitar o divórcio a qualquer tempo, assim que termine o relacionamento.

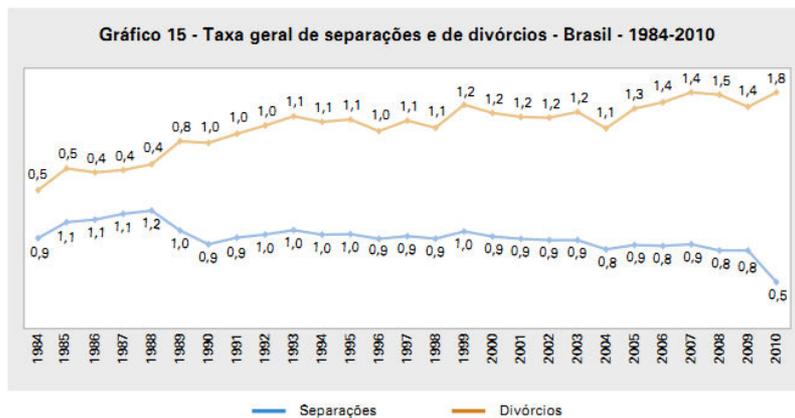
Essa mudança favorece não só aqueles que planejam casar-se novamente, mas também facilita o andamento do processo judicial, tornando-o menos dispendioso tanto do ponto de vista monetário como psicológico, uma vez que um processo de separação pode afetar emocionalmente os membros do casal. Torna-se, então, cada vez mais importante que profissionais especializados, como psicólogos e advogados, se voltem para tais questões no sentido de ajudar os membros dessas famílias a passar por esse período pois, como aponta Féres-Carneiro (1998),

Embora o divórcio possa ser, às vezes, a melhor solução para um casal cujos membros não se consideram capazes de continuar tentando ultrapassar suas dificuldades, ele é sempre vivenciado como uma situação extremamente dolorosa e estressante. A separação provoca nos cônjuges sentimentos de fracasso, impotência e perda, havendo um luto a ser elaborado (p. 387).

Segundo dados do último censo IBGE de 2010, o número de dissoluções de casamentos chegou a 310.847, somando-se as 67.623 separações e os 243.224 divórcios. Em 2008, esse número foi de 290.963, somando-se as 102.873 separações e os 188.090 divórcios.

Esses números vêm sofrendo um aumento desde 1984, quando o IBGE iniciou a série de Estatísticas do Registro Civil. No ano inicial, o índice foi de 0,5 por mil habitantes, entre pessoas de 20 anos ou mais, e em 2010 esse valor chegou a 1,8, segundo esse órgão. Podemos acompanhar essa taxa de elevação ao longo dos anos no gráfico abaixo, que tem como fonte as Análises do Censo 2010, promovidas pelo IBGE:

Figura 1 - Taxa geral de separações e de divórcios - Brasil - 1984-2010



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estatísticas do Registro Civil 1984-2010; Projeção da População por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 - Revisão 2008; e Censo Demográfico 2010.

A análise da Tabela 1, de Tempo de Duração dos Casamentos, que também tem como fonte as Análises do Censo 2010, promovidas pelo IBGE, informa que a média de duração dos casamentos é de 16 anos. Pode-se notar aí que os menores percentuais são observados até o primeiro ano de união ou após 28 anos de união, enquanto que os maiores índices estão entre os 2 e 5 anos de casamento:

Tabela 1 - Divórcios, total e respectiva distribuição percentual, segundo o tempo de duração do casamento, em anos completos - Brasil - 2010

Tempo de duração do casamento, em anos completos	Divórcios		Tempo de duração do casamento, em anos completos	Divórcios	
	Total	Distribuição percentual (%)		Total	Distribuição percentual (%)
Total	237 004	100,0	35	2 343	1,0
0	1 708	0,7	36	2 049	0,9
1	4 300	1,8	37	1 863	0,8
2	11 317	4,8	38	1 527	0,6
3	11 941	5,0	39	1 227	0,5
4	11 581	4,9	40	1 106	0,5
5	11 288	4,8	41	932	0,4
6	10 292	4,3	42	817	0,3
7	9 093	3,8	43	694	0,3
8	8 582	3,6	44	620	0,3
9	8 466	3,6	45	552	0,2
10	8 459	3,6	46	482	0,2
11	7 386	3,1	47	382	0,2
12	6 783	2,9	48	350	0,1
13	6 445	2,7	49	257	0,1
14	6 172	2,6	50	193	0,1
15	6 144	2,6	51	159	0,1
16	5 772	2,4	52	124	0,1
17	5 441	2,3	53	97	0,0
18	5 276	2,2	54	62	0,0
19	5 214	2,2	55	62	0,0
20	5 448	2,3	56	54	0,0
21	5 915	2,5	57	37	0,0
22	6 033	2,5	58	35	0,0
23	5 820	2,5	59	22	0,0
24	5 719	2,4	60	21	0,0
25	5 366	2,3	61	12	0,0
26	4 788	2,0	62	9	0,0
27	4 904	2,1	63	7	0,0
28	4 587	1,9	64	4	0,0
29	4 274	1,8	65	2	0,0
30	4 107	1,7	66	6	0,0
31	3 516	1,5	67	5	0,0
32	3 119	1,3	68	3	0,0
33	3 007	1,3	69	1	0,0
34	2 623	1,1	72	2	0,0

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Estatísticas do Registro Civil 2010.

Segundo as Análises do Censo 2010 promovidas pelo IBGE, “A elevação da taxa geral de divórcio mostra, para além da questão legal, a consolidação da aceitação do divórcio pela sociedade brasileira. Além disso, revela a ampliação do acesso e a desburocratização dos serviços de justiça referentes ao assunto.”

Jablonski (1991), numa revisão histórica da instituição do casamento ao longo dos séculos, estabeleceu possíveis causas para o problema da crescente fragilidade do vínculo

matrimonial em nossa época. Para tanto, o autor faz uso do termo “fam-ilha” para se referir à versão contemporânea da família tradicional, ou seja, uma ilha regida pela ideologia que privilegia o individualismo, onde vigoram demandas paradoxais. Nas palavras do autor, hoje haveria uma,

impossibilidade de conviver com demandas tão antagônicas, impostas pela própria sociedade: monogamia versus permissividade, permanência versus apelo ao novo, vida em família versus incentivo à realização pessoal (Jablonski, 1991, p. 48).

Em uma pesquisa com 400 sujeitos de classe média, homens e mulheres, sobre atitudes e comportamentos relacionados ao casamento, Jablonski (1991) constatou que, por ordem decrescente de importância, os maiores empecilhos para uma separação são filhos, falta de coragem, medo do sofrimento, medo da solidão, sentimento de culpa, pressões familiares, sociais e religiosas e medo da pobreza. Os filhos são indubitavelmente o maior obstáculo para uma eventual separação, situados bem acima de todos os outros fatores, em termos de importância.

Em torno dos filhos gira a maior carga de temores e sentimentos de culpa, levantando questões como “Que imagem eles vão guardar de nós?” e “Como é que eles vão nos julgar?”, entre outras, que permeiam o imaginário das pessoas separadas.

A família, então, é constituída de indivíduos, mas, ao mesmo tempo, é parte integrante da trama social mais ampla. Mesmo nas sociedades mais industrializadas e urbanizadas, nas quais, às vezes, se supõe que as pessoas levem uma vida desenraizada e anônima, a maior parte dos indivíduos interage frequentemente com os outros membros da família, dando a elas grande importância em suas decisões.

Como se pode observar aqui, aquele modelo de família pautado no casamento e na rígida divisão de papéis entre marido e mulher ficou para trás. A mulher inseriu-se no mercado de trabalho e conseguiu uma maior independência e autonomia, passando a dividir com o homem as decisões no ambiente doméstico. Ela colocou, assim, em prova os relacionamentos que não se adaptam a este novo modelo. Também foi reformulada a ideia de eternidade das relações conjugais e novos arranjos familiares foram propostos sem a necessidade de um vínculo legal. O aumento do número de separações também propiciou o surgimento de outros tipos de relação, como os casais de recasamento. Parece faltar, atualmente, um modelo único de casamento, algo próprio desses tempos contemporâneos nas práticas, bem como uma unicidade nos discursos sobre o casamento e a família. O extremo dinamismo também parece afetar as relações amorosas e propiciar que estas sejam mais rápidas e superficiais. A valorização da satisfação pessoal e o individualismo apresentam uma

área de constante conflito na conjugalidade, tendo em vista que a vida familiar continua tendo o mesmo valor social que sempre teve, mas para que tudo flua bem, deve existir espaço para o desenvolvimento da dimensão individual dos membros da família. Os novos modelos de casamento família não substituíram, contudo, os antigos e a convivência entre eles tem levado a sociedade a se readaptar bem como o Estado a promover mudanças através da readequação da legislação.

Passaremos agora à nossa pesquisa de campo, em que faremos uma análise do discurso dos textos resultantes da transcrição de entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres de classe média que passaram por um processo de separação.

CAPÍTULO IV - NOSSO ESTUDO

4.1 METODOLOGIA

Com o objetivo de melhor entender se a inserção da mulher no mercado de trabalho influencia a dinâmica familiar e a vida do casal, em casos em que houve a separação conjugal, desenvolvemos esse estudo em duas etapas.

Em um primeiro momento, procedemos a uma revisão bibliográfica teórica sobre o tema do estudo com o intuito de contextualizarmos alguns aspectos, como os impactos que a globalização, a reestruturação produtiva, a concentração urbana e as mudanças socioculturais, entre outros, vêm causando na estrutura da sociedade e na formação familiar das grandes metrópoles.

Flick (2009) enfatiza a importância da revisão da literatura existente ao se iniciar uma pesquisa qualitativa. Assim, o pesquisador pode se utilizar dessas informações enquanto conhecimento sobre o contexto, o que resultará na elaboração de seu relatório de pesquisa com uma abordagem mais ampla. O autor ressalta que um estudo anterior sobre o assunto possibilita que o pesquisador esteja mais familiarizado com o que se propôs a estudar, o que é essencial ao entendimento dos discursos.

Em um segundo momento, a presente investigação foi realizada sob a forma de pesquisa qualitativa. Flick (2009) aponta que, neste caso, o pesquisador leva em consideração a visão dos sujeitos da pesquisa partindo de suas expressões e atividades em seus contextos locais, levando-se também em conta peculiaridades locais e temporais.

Para realizar esta pesquisa, fizemos uso de entrevistas semidirigidas, que seguiram um roteiro previamente elaborado, como principal instrumento para coleta de dados e que buscou contemplar os temas relacionados ao nosso objeto de estudo. O roteiro de entrevistas encontra-se no Anexo I.

Segundo Minayo (2008), a entrevista é um instrumento que liberta o pesquisador do aprisionamento a respostas e perguntas pré-definidas. Em suas palavras,

O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma uma delas) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas (pp.109 e 110).

As entrevistas foram realizadas em local escolhido pelas próprias participantes da pesquisa, levando-se em consideração que deveriam estar em ambiente onde se sentissem à vontade para conversar sobre o tema. Foi também elaborado o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo II), que foi devidamente assinado pelas entrevistadas antes da realização de cada entrevista.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com o consentimento das entrevistadas, e posteriormente transcritas na íntegra. As participantes da pesquisa também foram asseguradas de que seus nomes e quaisquer dados que fossem relevantes para sua identificação seriam trocados de forma a proteger suas identidades.

Para proceder à análise e interpretação dos dados, submetemos os textos resultantes da transcrição das entrevistas a uma análise do discurso.

Optamos por usar a análise de discurso, pois acreditamos que, a partir do discurso das entrevistadas, é possível perceber características do mundo social que se fazem presentes na sua fala. A análise do discurso envolve uma interpretação que tem que se basear no discurso do outro e o que se capta deste indivíduo reflete, em grande parte, a visão do grupo no qual ele está inserido.

A análise do discurso parte do princípio de que o mundo social é construído e existe enquanto construção discursiva. Por isso, os discursos variam de um momento histórico para outro e dependem do contexto no qual o indivíduo está inserido.

Para o analista do discurso não importa se o discurso proferido pelo entrevistado é verdadeiro ou falso. O pesquisador trabalha com a verdade discursiva, que não necessariamente corresponde ao que, na realidade, o sujeito faz ou pensa. Busca-se, antes, os valores e visões do grupo no qual eles estão inseridos.

Frasson (2007), ao apresentar algumas considerações básicas sobre a análise do discurso, assinala que o estudo discursivo estabelece diversas relações sobre o que é dito:

O estudo discursivo considera, em suas análises, não apenas o que é dito em dado momento, mas as relações que esse dito estabelece com o que já foi dito antes e, até mesmo, com o não-dito, atentando, também, para a posição social e histórica dos sujeitos e para as formações discursivas às quais se filiam os discursos (p. 2).

Rocha-Coutinho (2006) aponta a importância da análise do discurso nos estudos de gênero e informa que a narrativa oral proporciona ao pesquisador ter acesso para além dos fatos que o sujeito da pesquisa fala, mas também dos sentimentos deste que relata.

Também para Carneiro e Carneiro (2007), “Quando pronunciamos um discurso agimos sobre o mundo, marcamos uma posição – ora selecionando sentidos, ora excluindo-os

no processo interlocutório.” Por isso, o estudo da linguagem não pode ser afastada das condições sociais e do processo histórico que a acompanham, pois são estes que lhe dão sentido.

4.2 GRUPO ESTUDADO

Optamos por restringir as entrevistas apenas a mulheres por motivos de ordem prática. Em primeiro lugar, a pesquisa ficaria muito extensa para uma dissertação de mestrado caso incluíssemos também os homens. Além disso, estatísticas do IBGE indicam que, em 2010, a maior parte das separações foi requerida por mulheres.

Para este estudo foram entrevistadas seis mulheres brasileiras de classe média, sendo cinco delas residentes na cidade do Rio de Janeiro e uma na cidade de Niterói, com idades entre 31 e 49 anos. Todas as participantes da pesquisa passaram por um processo de separação conjugal⁴, trabalhavam fora enquanto casadas e possuem nível superior completo.

Goldenberg (2009) ressalta que na abordagem qualitativa não se fixa leis para se produzir generalizações, mas sim enfatiza-se as particularidades de um fenômeno. Assim, o importante é que se busque casos representativos, independente da quantidade de casos investigados.

O contato com as participantes se deu a partir da rede social da própria pesquisadora, isto é, através de amigos, colegas de profissão, entre outros, que conheciam mulheres que tinham passado pelo processo de separação conjugal e que trabalhavam durante o casamento.

Inicialmente, o fato das participantes terem ou não filhos durante o casamento não foi levado em consideração. Do mesmo modo, em um primeiro momento também não foram considerados o período em que permaneceram casadas e sua faixa etária. Porém, no decorrer das entrevistas, coincidentemente, identificamos que nos foram indicadas seis mulheres que poderiam ser subdivididas em dois grupos de três participantes cada um, com perfis parecidos. O primeiro subgrupo foi constituído de três entrevistadas na faixa etária dos 31 aos 35 anos, sem filhos e que permaneceram casadas por dois anos. O segundo subgrupo foi constituído de

⁴ No presente trabalho, não se diferenciou divórcio de separação conjugal.

mulheres na faixa etária dos 41 aos 49 anos, com filhos e que permaneceram casadas entre 14 e 23 anos.

A grande diferença no tempo em que permaneceram casadas as mulheres com e sem filhos nos levou a crer que os filhos podem constituir um fator do adiamento da decisão pela separação, como será posteriormente discutido em nossas considerações finais.

Segue um breve perfil das entrevistadas:

Donatela – tem 49 anos, é formada em Direito, possui mestrado na área de educação e atua como advogada e gestora de um projeto de educação na área de responsabilidade social de um grande grupo de supermercados. Permaneceu casada por 23 anos e tem uma filha;

Flora – tem 44 anos, é formada em Pedagogia, possui pós-graduação na área de Recursos Humanos, mas exerce função técnica como servidora pública em um órgão público. Permaneceu casada por 14 anos e tem um casal de filhos;

Paola – tem 43 anos, é formada em Administração e, após ter feito cursos específicos da área, atua como gerente de projetos em uma grande empresa do setor imobiliário. Permaneceu casada por 16 anos e tem um casal de filhos;

Lara – tem 35 anos, é formada em Comunicação Social e atua como profissional liberal na área de estética como massoterapeuta. Permaneceu casada por dois anos e não tem filhos;

Luana – tem 33 anos, é formada em Direito e exerce sua profissão como sócia em um escritório de advocacia e também tem seu próprio escritório. Permaneceu casada por dois anos e não tem filhos;

Sofia – tem 31 anos, é formada em Administração e pós-graduação na área de Recursos Humanos, exerce sua profissão como servidora pública em um órgão público. Permaneceu casada por dois anos e não tem filhos.

Para proceder à análise e interpretação dos dados, submetemos os textos resultantes da transcrição das entrevistas a uma análise do discurso, segundo categorias estabelecidas, em grande parte, durante o processo de análise das falas das próprias entrevistadas (Rocha-Coutinho, 1998). Foram as seguintes as categorias de análise por nós estabelecidas: Casamento, Conflitos Familiares e Filhos; Investimento Profissional e Importância do Trabalho; e Separação Conjugal, Relacionamento com o Ex-cônjuge e Novas Experiências.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

4.3.1 CASAMENTO, CONFLITOS FAMILIARES E FILHOS

Esta primeira parte da análise visa conhecer as histórias dos casais a partir do ponto de vista das mulheres entrevistadas. Objetivamos aqui melhor entender seu relacionamento com o ex-cônjuge, como eles se conheceram, começaram o namoro, o noivado e chegaram ao casamento. Buscamos, ainda, apreender como era o relacionamento entre os cônjuges e a convivência entre eles e as famílias de origem. Objetivamos perceber também como se davam os conflitos familiares e como esses eram resolvidos. Filhos, maternidade e paternidade, também foram tópicos aqui abordados. Assim, esta categoria foi dividida nas seguintes subcategorias: Casamento; Conflitos Familiares; e Filhos.

A) CASAMENTO

As 3 (três) entrevistadas mais jovens, que permaneceram casadas pelo período de um a dois anos, tiveram longos namoros, mas, ao que parece, o fato de se conhecerem bem não impediu a dissolução do casamento de maneira precoce, como podemos observar nas falas a seguir:

Eu namorei quase seis anos e fiquei noiva logo assim que eu comecei a namorar, na empolgação e tudo mais ... Daí ficamos casados exatos dois anos praticamente porque fez assim dois anos dia 17 de dezembro e dia 31 de dezembro ele foi embora, juntou as coisas dele e foi embora (Luana, 33 anos).

Aí a gente namorou durante seis anos ... O que aconteceu, pintou a oportunidade do pai dele comprar um apartamento. Ele ofereceu pra gente. Aí, a partir disto, de ter um apartamento, a gente resolveu ficar noivo. Aí, a gente ficou noivo. Teve um jantar na casa da mãe. Aí, ficou noivo alguns meses. Mas a data do casamento já estava marcada. A gente ficou noivo só por (pausa) questão de que (pausa), da sociedade. Aí como era perto de casa, da casa da minha mãe a gente já foi levando as coisas, já foi indo morar lá. E aí é isso, a gente casou ... Permanecemos casados um ano e meio, desde a data do casamento. Até a data que a gente se separou, um ano e seis meses. Mas, 6 meses antes do casamento, a gente já estava morando juntos (Lara, 35 anos).

Antes de casar eu namorei cinco anos e meio. Aí nós decidimos casar. Eu achei que os dois queriam a mesma coisa. Então assim, eu fui consciente, pelo menos eu, sabendo que o casamento não era uma coisa fácil, mas disposta a dar certo. Sabia que não é igual a namoro que é outro ritmo de vida com mais

responsabilidades. Eu achei que nós estávamos no mesmo caminho, assim, pensando a mesma coisa. Aí a gente casou, só que no dia-a-dia eu fui vendo que a gente estava se afastando, as prioridades eram outras ... A gente foi se distanciando, ele foi se tornando uma pessoa estranha pra mim até que eu decidi me separar (Sofia, 31 anos).

As incertezas que Luana e seu marido tiveram durante o namoro e noivado e o que levaram a alguns rompimentos permaneceram, segundo ela, no período de convivência matrimonial. Luana queixa-se que, assim como no namoro/noivado, durante o período em que permaneceram casados, pairava uma eterna dúvida sobre se seu marido permaneceria ou não em casa e, assim, quando ele realmente foi embora o sentimento que ficou foi de alívio:

Fiquei noiva logo assim que eu comecei a namorar, na empolgação e tudo mais. Aí depois a gente tirou a aliança, porque a gente brigou, a gente achou que tomou um passo muito antes do que devia e aí continuou namorando e tudo mais. Daí mais um ano mais ou menos que a gente tava namorando é (pausa) a gente terminou. Daí ele quis terminar sem motivo nenhum, aparentemente, e tudo mais. Daí eu conversei, fui atrás dele e pedi pra voltar, ele voltou. Daí mais um tempo que a gente tava namorando, uns quatro anos sei lá, é (pausa) ele terminou comigo de novo, sem motivo nenhum aparente e tal e daí dessa vez eu falei não, então agora chega não vou mais perguntar, não vou mais pedir, não vou mais tentar entender porque não tá legal, uma coisa sofrida, insegura e tal, porque a gente tava começando a ver as coisas pro casamento (pausa) E aí ele terminou e tudo e durante esses quinze dias em que a gente ficou separado eu falei assim, deixa acontecer, pra mim já tinha terminado e aí ele me procurou e a gente voltou e terminou de arrumar as coisas pra casar e tal e casou. Daí ficamos casados exatos dois anos praticamente, porque fez assim dois anos dia 17 de dezembro e dia 31 de dezembro ele foi embora, juntou as coisas dele e foi embora ... É (pausa) não foi uma coisa boa, mas ao mesmo tempo, ele não me ameaçava mais de ir embora. Foi um alívio! Porque você viver na aflição da pessoa falar que vai embora, vai embora, vai embora e você não entender porque, o que que tá acontecendo é muito ruim. Você acorda assustada achando que a pessoa não está mais ali. Não é que a pessoa toda hora fale aquilo, mas como ela já falou várias vezes, lá no seu subconsciente não sei, já fica aquilo ali. Então você acha que você sempre tem que agradar, você sempre tem que contornar uma coisa, aí fica angustiada, sem segurança ... Porque às vezes aquela situação ali te faz muito mal. Eu me senti profundamente aliviada embora tenha ficado triste e tal, mas eu me senti aliviada. Pelo menos me ameaçar, ele não ameaçava mais (Luana, 33 anos).

Lara também analisa o período de namoro como uma fase de incertezas e inseguranças. Conviviam com muitas pessoas e ficavam sozinhos por pouco tempo e os 6 (seis) anos de namoro não lhes trouxeram intimidade:

Aí a gente namorou durante seis anos. Era assim, era legal. A gente tinha muitos amigos, a gente saía bastante. É, só que como eu era muito novinha, era meio que (pausa) eu acho que, eu me segurava muito na coisa do namorado, entendeu? E não na questão do relacionamento em si, entre a gente. A impressão é que eu tinha um namorado, que ele fazia as coisas por mim. Entendeu? Era uma coisa mais de insegurança. O medo de ficar sozinha. Mas isto eu só fui ver depois. Mas, assim, durante o relacionamento era legal. Apesar de que (pausa) não (pausa) hoje eu vejo que eu não me sentia feliz. Mesmo no namoro (Lara, 35 anos).

A estranheza ao enfrentar uma vida a dois, causada, em parte, pela falta de convivência durante o período de namoro, parece ter sido uma dificuldade encontrada por Lara e Luana no casamento, como podemos observar nas falas abaixo:

A gente tinha vários casais de amigos. E aí todo final de semana sempre tinha eventos, tinha saída, tinha um na casa do outro. E, acho que isto que sustentou durante muito tempo, porque a gente sempre estava acompanhado de outras pessoas, né? E, aí, na hora que teve que ficar junto. Os dois sozinhos em casa, né. Eu acho que aí, assim, acho que foi a parte mais infeliz. Mais, mais complicado foi na hora que a gente foi morar junto. Mais difícil (Lara, 35 anos).

Mas logo que a gente casou eu achei que ele é (pausa) ficou insatisfeito na convivência, na casa morando com outra pessoa. Aparentemente seria uma imaturidade, porque mudou de casa, porque estranha tudo, eu acho que qualquer pessoa estranha mesmo, entendeu? Até eu mesmo, mudar pra uma casa diferente também acho estranho e aí depois a gente passou meio que a conviver como se fossemos amigos (Luana, 33 anos).

Já Sofia comenta que, enquanto eram namorados, eles “brincavam de casinha final de semana”, pois seguiam uma rotina de casal durante os fins de semana, se virando para resolver as coisas:

Durante o namoro eu sempre passava o final de semana na casa dele. A gente brincava de casinha final de semana. Eu ia na sexta-feira pra casa dele e só voltava domingo pra minha casa. Aí tinha aquela rotina de caszinho de fim de semana. A gente dormia e acordava junto, tomava café. Ia almoçar, resolver as coisas na rua. Isso assim, a princípio dava uma ideia de como seria no casamento. Porque a mãe dele não ficava em casa, então praticamente a gente ficava em casa sozinhos. Só nós dois, então a gente tinha que se virar pra fazer as coisas no final de semana (Sofia, 31 anos).

Quando questionada sobre como era a convivência dos dois depois de casados, Lara relata que foi um período de muita dificuldade. Já Sofia comenta que foi somente no convívio diário que pode perceber que o ex-marido não era a pessoa que julgou que fosse e passou a se sentir muito solitária:

É. Para mim foi muito difícil. Assim, eu não tinha vontade de cozinhar, Eu não tinha vontade de arrumar a casa. Eu não tinha vontade de fazer nada. Eu não tinha ânimo (Lara, 35 anos).

Ele não era a pessoa que eu achei que ele fosse. Que talvez eu até desconfiasse antes, mas só na hora mesmo do convívio, todos os dias, no dia-a-dia que você realmente percebe como a pessoa é. Aí eu fui vendo e não fui me sentindo bem. Fui vendo que não tinha nada haver ... Sempre inventava desculpas de que tinha projetos pra fazer e não podia sair comigo. Aí, mesmo casada fui me sentindo cada vez mais solitária. Conversava com ele que também dizia que não gostava do trabalho dele, mas também não procurava outro. Ele não tinha período de férias e nunca podíamos combinar viagens e eu acabava ficando nas minhas férias em casa. Coisas que ele não fazia antes, pelo menos quando a gente estava namorando, pelo menos no final de semana ele ficava comigo, depois que a gente casou nem isso (Sofia, 31 anos).

Para o grupo de entrevistadas mais velhas, que permaneceram casadas entre 14 (catorze) e 23 (vinte e três) anos, o tempo de namoro variou de alguns meses até 10 (dez) anos, influenciando de forma distinta a convivência durante o casamento.

Para Paola o que ela e o ex-marido sentiram ao se conhecer foi “amor a primeira vista”. Segundo ela, durante o período em que permaneceram casados, tudo fluiu maravilhosamente bem e seu casamento não “deu errado”, ele simplesmente acabou:

Conheci o Raul há 17 anos atrás, um ano antes da gente se casar. Foi aquela coisa de amor a primeira vista ... É, (pausa) deu realmente super certo e com 6 meses de namoro a gente decidiu casar. Aí compramos o apartamento. O apartamento tava em construção, aí a gente esperou 1 ano pro apartamento ficar pronto e a gente casou 1 ano e meio depois. É foi assim como tudo começou (risos). Foi realmente tudo bem rápido e tal. Deu muito certo. Eu sempre falo que dando um salto rápido, mas assim eu não tenho como não falar, mas assim, acho que não foi um casamento que deu errado. Foi um casamento que acabou. Deu muito certo desde o início, mas de repente acabou. Enfim, foi um tempo muito bacana, bem vividos (Paola, 43 anos).

Paola também diz que, com a ajuda da família, ela e o ex-marido conseguiram usufruir bem o tempo durante o casamento, uma vez que conseguiam ter horas de lazer para os dois sem a presença dos filhos:

Então assim, a gente tinha uma vida, eu acho, eu falo, como a vida era? Minha vida era perfeita. O trabalho era bom, as crianças estavam bem. Ele tinha o trabalho dele, fim de semana a gente fazia um monte de coisas, saíamos com ou sem as crianças, viajamos, fomos pra Europa sem as crianças, os deixamos aqui duas semanas. Viajamos hora com, hora sem. (pausa) Toda sexta feira até hoje, minha sogra pega os dois. Então toda sexta-feira a gente tinha que fazer um programa, querendo ou não ia ser aquilo mesmo. Então, era o dia de ir ao cinema, jantar (Paola, 43 anos).

Donatela referiu-se ao fato de ambos serem muito imaturos, por serem muito novos quando começaram a namorar, ela com 12 (doze) anos e ele com 15 (quinze). A família do ex-marido, inclusive, interferiu no namoro, mandando-o para os Estados Unidos por ele ser muito novo, mas eles continuaram a namorar quando ele retornou e acabaram se casando:

Permanecemos casados 23 (tempo em silêncio) 30 anos de convivência, porque foram 7 de namoro... Então, eu tinha 12 anos, ele tinha 15, a gente morava no mesmo prédio e descia pro play pra brincar e aí a gente se conheceu e começou a namorar. Éramos crianças e tal e fomos namorando, fomos namorando, e aí as famílias se conheceram e aí a família dele achou que tava muito cedo pra ficar e então pegou e mandou ele pros Estados Unidos pra fazer intercâmbio e tudo, mas ficou seis meses nos Estados Unidos, voltou e continuamos a namorar, continuamos namorando e tal, quando ele se formou ele já trabalhava aí a gente planejou casar. Aí casamos (Donatela, 49 anos).

Segundo Flora, o namoro longo, que durou 10 anos, parece ter influenciado negativamente a convivência dos dois. Na sua opinião, a relação ficou desgastada com o tempo:

A gente namorou durante dez anos, saía final de semana, mas só passamos a viver juntos a partir do momento em que a gente casou. Casou mesmo na igreja. Depois do casamento é que a gente passou a viver juntos. Na verdade a minha família... tanto a minha família quanto a dele, era uma família mais tradicional, que acredita que tem que casar... no papel... bonitinho... Demorou muito tempo pra casar, depois a gente casou e ainda ficamos quatorze anos juntos. No final, foram vinte e quatro anos de relacionamento. Dez, dez anos de namoro e quatorze anos casados em baixo do mesmo teto. É... (pausa) pelo menos no meu caso, chega uma hora em que a relação estava desgastada (Flora, 44 anos).

B) CONFLITOS FAMILIARES

Os conflitos familiares parecem ser uma situação constante quando encontramos o problema do alcoolismo no lar. Donatela, apesar de ter permanecido 23 (vinte e três) anos casada, conviveu com esse problema desde o segundo ano do casamento, período esse que coincidiu com o nascimento da filha do casal:

E aí começou o problema do alcoolismo né. Que na verdade ele já tinha, mas que eu não enxergava dessa maneira, mas com o nascimento da Mirela começou a piorar e aí ele passou a beber muito e sempre ... aí um dia eu fui até, antes de falar com meus pais né, eu fui falar com os pais dele, pedir ajuda. A mãe dele meio que me botou pra fora da casa dela junto com Mirela. Mirela

era bebê e dizendo que eu estava difamando o filho dela que ele não tinha nenhum problema com isso, que eu era maluca e tal. Detalhe: o avô dele era alcoólatra, o pai da mãe dele né, dizem que tem um histórico, não sei, não tem nada cientificamente comprovado e enfim, assim foram longos dez anos de bebida, muita bebida entendeu? Muitos problemas, só não houve graças a Deus agressão física, mas agressão verbal, vexames, enfim inúmeras coisas (Donatela, 49 anos).

Estudiosos como Reinaldo e Pillon (2008) indicam que, por sua grande frequência e influência familiar e social, o alcoolismo é um problema de saúde pública e, diante de sua grandeza, a inclusão da família no tratamento é fundamental. A associação, na fala de nossa entrevistada, do alcoolismo com a hereditariedade foi constatada nos estudos de Bau (2002), que indicam que certos genes tornam a pessoa predisposta ao problema do alcoolismo.

O problema do alcoolismo influenciou de diversas maneiras a vida dessa família. Apesar de estar formada, Donatela preferiu abrir mão de sua carreira profissional para criar a filha e diminuir os danos causados pelo alcoolismo do marido:

E aí nesse período eu não trabalhei, fiquei dez anos sem trabalhar, porque a Mirela era uma criança assustada né, como todo filho de alcoólico era uma criança assustada, que tinha medo de tudo, era insegura demais (Donatela, 49 anos).

Donatela e sua filha passaram, então, a frequentar o Grupos de Familiares Al-Anon⁵ e Alateen⁶:

Aí foi quando eu busquei ajuda do Al-Anon e aí busquei ajuda no Alateen pra ela né? E ela resistia no Alateen, ela não gostava de ir. O Alateen era pras crianças, o Al-Anon é pros familiares e o Alateen é pros filhos, era pras crianças e ela resistia muito. E aí, então de vez em quando eu levava ela comigo no Al-Anon. Mas, é que às vezes tinha uns depoimentos mais fortes né. E aí, mas, aí ela resistia, ela sofria muito. Porque ela tem algumas características muito parecidas com ele, de trancar assim sentimentos, sabe, assim, não aceitar os defeitos, e tudo então pra ela era muito sofrido, muito

⁵ Grupos Familiares Al-Anon: grupos de autoajuda e ajuda mútua imbuídos no auxílio de familiares e amigos de alcoólicos, que protegem a identidade de seus membros. Definição retirada do site oficial <http://www.al-anon.org.br/>

⁶ Alateen: grupos de autoajuda e ajuda mútua imbuídos no auxílio de familiares e amigos de alcoólicos, que protegem a identidade de seus membros, voltado para membros mais jovens. Definição retirada do site oficial <http://www.al-anon.org.br/>

sofrido, pra nós todos né? Foi uma época que adoeceu todo mundo, inclusive os meus pais (Donatela, 49 anos).

A mentira também foi tema de conflitos no relacionamento de Luana, que apontou que, apesar da liberdade que ambos davam um para o outro para fazerem programas sozinhos, seu cônjuge mentia para que ela não participasse de seus momentos de lazer:

Ele tinha a vida dele, ele saía, nem era de noitada não, de coisa não. Mas saía ia jogar bola, pra churrasco e aí sempre me deixava de fora das programações. Ele ia pra casa dos pais dele e aí tinha um churrasco e sempre tinha um churrasco que ele não sabia que ia ter e aí ele foi pra casa dos pais dele, ficou sabendo, que era perto né? Da casa dos amigos dele. Aí ele ia e não deu tempo de me chamar porque ele nem sabia. E depois que eu fui descobrir essa situação e eu também não enxergava essas coisas. Eu não ficava atenta pra esses detalhes, entendeu? Uma coisa que eu realmente não sei explicar porque eu não ficava, ah! Não porque que sempre acontece isso? Ele ia pra casa dos pais, aí passava na porta da casa de um amigo aí tinha uma festinha e aí ele ficava lá, mas ele não planejou nada. Quando, na verdade, ele tinha sido convidado. Depois que eu descobri (Luana, 33 anos).

Sofia também relata que o ex-marido, depois de casado, passou a levar uma vida que não combinava com a dela. Ele mentia, inventando desculpas de que estava estudando, de que estava trabalhando, de que tinha que entregar projetos e passava a madrugada inteira no computador e, na verdade, estava jogando vídeo-game. Além disso, ele mentia também com relação ao seu envolvimento nos estudos para concluir a faculdade:

Quando a gente casou, ele passou a ter uma vida que não combinava com a minha. Dormia na hora que eu acordava. Eu estava em casa e ele preferia jogar vídeo-game. Ele fingia que trabalhava, mas não estava trabalhando. Ele trabalhava em um escritório de informática e fazia projetos. O tipo do trabalho que dá pra fazer em casa. Ele passava a madrugada toda dizendo que estava trabalhando e que tinha que entregar um projeto. Eu levantava pra trabalhar e ele deitava pra dormir. Nos falávamos durante o dia ao telefone e ele dizia que estava trabalhando, mas quando eu chegava em casa ele estava brincando de vídeo-game. Sempre inventava desculpas de que tinha projetos pra fazer e não podia sair comigo ... Outra coisa que ele também me enrolou durante muito tempo foi a respeito do término da faculdade. Durante o tempo que ficamos juntos, ele trancou diversas vezes. Por último, dizia que tinha se rematriculado, mas quando ligava pra ele, ele sempre dava desculpa que não tinha ido à aula, pois tinha que ir ao escritório ou terminar algum trabalho (Sofia, 31 anos).

A traição, ou o relacionamento extra-conjugal do marido, foi uma surpresa e ponto de partida para uma mudança no estilo de vida de Donatela que, na época, não trabalhava e

resolveu investir na sua vida profissional. Como tinha uma filha pequena pra criar, voltou a estudar e começou a trabalhar:

Quando a Mirela tinha sete anos e eu tinha dez anos de casada, ele teve a primeira amante né? Ele teve o primeiro caso extra conjugal pra mim ser politicamente correta né? E aí quando eu descobri, nossa! Eu enlouqueci! Eu nunca esperava! Caramba meu Deus, não é possível! Como que tá acontecendo isso comigo? Eu não to entendendo. Mas enfim, aconteceu. Aí eu não trabalhava, tinha uma filha naquela situação e eu não queria voltar pra casa dos meus pais. Então eu fiz um, foi quando eu comecei a perder um pouco da minha poesia sabe? ... Então eu resolvi ficar, engolir o sapo né? Aí ele fez juras eternas, que nunca mais ia fazer etc, etc, eu acreditei, mais ou menos, e resolvi começar a pensar na minha vida né. Foi quando eu fui fazer um curso de pós-graduação pra voltar a estudar. E aí comecei a trabalhar num escritório de um juiz que tinha se aposentado e eu tinha sido estagiária dele e coincidentemente, ele também era conhecido dos meus pais. Aí eu fui trabalhar nesse escritório, mas não era um trabalho integral, era um que eu conciliava com os horários da Mirela e fazia pós-graduação à noite (Donatela, 49 anos).

Lara, já descontente com as atitudes de seu cônjuge, ao perceber que estava apaixonada por outra pessoa, achou que este era o momento de terminar o seu casamento, uma vez que se deu conta de que não ia mais conseguir ser feliz com o marido:

E, aí, eu conheci outra pessoa, que aflorou os (sic) vários sentimentos dentro de mim. E aí eu vi que o que eu realmente sentia por outra pessoa não era nem perto do que eu sentia por ele. E, aí não deu mais. Foi indo, foi indo. Ainda tentei levar. Ainda tentei terminar com esta pessoa. Mas... Aí eu vi que não dava. Que eu ia mais conseguir ser feliz com ele. Que eu não tinha mais aquele sentimento que acho..., que eu considerava que é o sentimento de marido e mulher (Lara, 35 anos).

A questão financeira também foi apontada por algumas entrevistadas como um elemento desencadeador de conflitos. Lara (35 anos) acha que o fato da mulher trabalhar fora de casa pode influenciar o casamento, principalmente se ela tiver mais sucesso profissional do que ele. Ela assinala, ainda, que o limiar de tolerância de homens e mulheres é diferente, sendo que o da mulher é maior do que o do homem.

Diniz (2011) aponta que a forma como os cônjuges lidam com conflitos vai depender de uma série de questões, dentre elas, comportamentos, heranças familiares e histórias de vida pessoais. A autora afirma também que depende de cada um dos cônjuges administrar suas próprias necessidades e as do parceiro para que se possa estabelecer uma boa convivência conjugal. Para Lara, o sucesso profissional da mulher pode desencadear conflitos no casamento porque o homem não é capaz de suportar certas coisas decorrentes do investimento

feminino na carreira, já que ela acredita que homens e mulheres, apesar do feminismo, ainda não atingiram uma igualdade de fato:

Deixa muito a desejar quando a mulher fica muito investindo na profissão, né? Eu acho que impacta. Principalmente se a mulher cresce mais que o homem, se a mulher é mais vista, é mais... isto acontece. Mais inteligente ou não, ela pode crescer mais. Entendeu? E acaba que ela não se dedica tanto às coisas de dentro de casa. Às coisas da relação, né? Às vezes ela chega cansada, leva trabalho pra casa. A mulher suporta mais isso no homem do que o homem na mulher. Eu acho que por mais que as feministas tenham se revoltado, pedido igualdade. São pessoas diferentes. São seres diferentes. Os homens e as mulheres são seres completamente diferentes. Suportam e não suportam coisas diferentes (Lara, 35 anos).

Também para Lara a inserção da mulher no mercado de trabalho interfere no casamento, porque a mulher acaba trazendo certas questões próprias do mundo do trabalho para dentro do casamento, como sempre querer ganhar nas brigas, estar certa. O equilíbrio da relação conjugal seria alcançado aprendendo-se a aceitar os erros e a não cobrar perfeição do parceiro:

E ela traz para dentro do casamento. Porque ela tem que ganhar nas brigas. Ela tem que estar certa. Por quê? Por que tem que estar certa? Por que às vezes também não está errada? Todo mundo comete erros, né? E porque não mudar algumas coisas para o bem estar da relação? Se é a pessoa que você escolheu, né? Se ninguém é perfeito. Todo mundo tem seus erros. Se não for aquele defeito ali, outra pessoa vai ter outro defeito. Né? Então ter o casamento mais equilibrado, eu acredito muito nisso (Lara, 35 anos).

O dinheiro e a questão da divisão financeira dos gastos do casal e da família também foram questões abordadas pelas nossas entrevistadas. Uma vez que todas elas trabalhavam enquanto estavam casadas, assim como seus maridos, como afirmaram nossas entrevistadas, pode-se presumir que, de alguma forma, havia uma divisão financeira entre os membros do casal. Porém, essa questão foi retratada de diversas maneiras pelas entrevistadas.

Donatela, por exemplo, informa que ganhava menos do que seu marido, e que, por isso, seu trabalho não era considerado importante por ele. Nos momentos em que tinham que tomar decisões importantes para a família, como a compra de uma casa ou um carro, ela até dava opinião, mas, no final, a decisão era sempre dele. Ela afirma que costumava pagar suas contas de telefone, despesas com a filha e ajudava sempre de forma proporcional ao que ganhava:

Toda vida eu ganhei muito menos do que ele. Ele sempre ganhou muito, né? E aí conseqüentemente, o meu trabalho era menos considerado, porque eu ganhava menos. Lá era assim, vale a quantidade de dinheiro que você tem no

banco, né? Então se você ganha pouco, então o problema é seu, seu trabalho não vale nada, seu trabalho você ganha pouco, pra que você trabalha tanto, né? Coisas assim, desse nível ... Eu pagava algumas contas, pagava o meu telefone, pagava uma porção de coisas pra Cíntia e pagava a empregada, uma empregada, porque tinha uma porção, né? E procurava ajudar, né? Proporcionalmente, isso é claro, porque não dá, né? Diferente disso... Mas, é, por exemplo, quando eu tinha algumas causas, que eu trabalhava, que eu recebia, eu botava tudo no mesmo bolo. Nunca tive o que é meu, o que é seu, né? (pausa) Mas, as decisões com relação a tudo, sempre foram muito dele, porque ele era quem tinha o dinheiro, então ele decidia o carro que ia comprar, ele decidia a casa que ia comprar, enfim, eu participava, não vou dizer que não, mas as decisões eram dele (Donatela, 49 anos).

Flora menciona que a questão financeira está sempre presente nas relações, mas que ela e o marido moravam em casa própria e tinham uma condição confortável, podendo, inclusive, contratar uma pessoa que os ajudava nas tarefas domésticas. O marido pagava as contas da casa, como água e luz e seu dinheiro entrava no orçamento doméstico para suprir algumas necessidades suas e de seus filhos e era usado também para o lazer com a família:

Assim... a pressão financeira ela sempre existe. A gente nunca tem dinheiro suficiente pra comprar tudo que a gente quer, mas a gente tinha casa própria. E... é lógico que quando você está numa situação em que você tem uma conta a menos, que é um aluguel, você acaba tendo condição de... de suprir outras necessidades. Então, eu acho que a questão financeira... todo mundo tem um calo ou outro no sapato, mas... o dinheiro que a gente ganhava era suficiente realmente para arranjar alguém que ajudasse a gente em casa e... as nossas contas eram contas normais... No que diz respeito às contas da casa, quem assumia as contas eram ele. Luz, água, telefone... é... ele nunca me cobrou muito participar dando dinheiro pra certas coisas. Mas como eu sempre um pouco mais focada em querer que, de repente, as crianças estivessem usando uma roupinha melhor, uma coisa diferente, (pausa) ou fosse num cinema, num teatrinho (pausa) alguma coisa assim. (pausa) Acabava que o meu dinheiro entrava sim no orçamento doméstico. Mas entrava mais pra suprir um pouco das minhas necessidades, de roupa pra trabalhar, maquiagem, perfume. Essas coisas de uso pessoal que de mulher é diferente de homem e também pra, no final de semana, a gente fazer alguma coisa diferente com as crianças ... Então, é (pausa) o meu dinheiro ele entrava pra melhorar, eu posso dizer assim, pra melhorar as condições culturais e um pouco de lazer pra mim, pras crianças e pra ele também, mas sem (pausa) sem essa necessidade (Flora, 44 anos).

Sobre a questão financeira, Lara informa que ela e o marido dividiam as contas e, por ser bancário, ele era o responsável por pagá-las. Porém, isso acabou sendo um ponto problemático na relação dos dois, pois eles começaram a receber cobranças, apesar dele falar que tinha pago as contas. Isso, segundo ela, acabou desestruturando a relação dos dois:

A gente dividia todas as contas ... Né?! Aí eu dava o dinheiro pra ele, pra ele pagar, porque senão ele era bancário ele não precisava ir no banco para pagar. Na época eu não tinha essa coisa da *internet*, eu não tive nada... e aí, eu chegava em casa, a secretária eletrônica era, era a light dizendo que eu não tinha pago a conta. Então como é que tá... Aí... Aí eu perguntava pra ele e ele, não, eu paguei. E aí?! Você vai confiar em quem?! Se a Light também tá falando que não pagou a conta... Entendeu?! ... É! Eu mandava dinheiro pra ele e ele não... Não sei o que ele fazia com o dinheiro... Então assim, começou a, a desestruturar... não ter base. Entendeu?! Não tinha base... Não tinha estrutura! Né... Então... Antes o que era um namoro que funcionava, né?... começou a ter que ter uma estrutura e não tinha. Né?! E mesmo eu novinha consegui perceber que é isso, né?! (Lara, 35 anos).

Luana também se refere ao fato de que rateava todas as contas com o ex-marido meio a meio, informando que chegavam a ter um caderninho para anotar as despesas e prestar contas depois. Apesar dele ganhar mais, essa divisão foi proposta por ele antes de se casarem e essa questão, inclusive, foi apontada pela entrevistada como um dos sinais que a fez perceber que seu marido realmente estava indo embora de casa quando, em um dia de Réveillon, ele quitou suas dívidas e provocou uma discussão:

Meio a meio. Uma das coisas que ele estabeleceu quando ele, quando a gente ia casar. Eu não vou pagar as coisas sozinho, a gente divide. Aí assim, eu nem questionava ... Dividir era uma maneira dele não gastar muito, mas pra ele o casamento foi uma despesa, né? Ele pensou nessa parte patrimonial dele gastar. Então a gente dividia a despesa e aí o que ele fazia e era extra ele foi guardando ... Ele ganhava mais, só que depois de algum tempo, quando a gente se separou eu estava na eminência de começar a ganhar mais, entendeu? Mas assim, às vezes esporadicamente, eu poderia receber um dinheiro extra, mas ele ganhava mais que eu, sempre durante o relacionamento inteiro ele ganhava mais que eu ... acertou um dinheiro que me devia, porque a gente tinha um caderninho de anotações com pagou isso, pagou aquilo, tá devendo isso, tá devendo aquilo, e aí no caderninho, ele acertou o débito dele comigo. O que não faria nenhum sentido porque se você vai passar o resto da vida com a pessoa, ah! O mês seguinte eu acerto, né? Mas enfim, aí ele pagou, foi na lotérica 31 de dezembro pagar contas. Voltou e aí meio que provocou uma discussão Voltou e aí meio que provocou uma discussão. (pausa) E aí a gente discutiu por causa disso e ele falou que ia embora e foi embora (pausa) dia 31 de dezembro! (Luana, 33 anos).

Dinheiro parece ter sido um dos motivos de conflitos constantes para esse casal. Desde o início do relacionamento havia um acordo de que, em caso de separação, o marido poderia ficar com o carro do casal para suprir o que havia investido nas obras da casa, apesar dela ter arcado com a festa do casamento. Ele ganhava mais, dividiam todas as contas e o restante

guardava para si. Nossa entrevistada relata não saber dessa poupança e chegava a comprar para ele itens pessoais, como roupas e acessórios, achando que ele não podia comprar:

Eu falei pra ele olha, se um dia a gente se separar, você fica com o carro pelas coisas que você gastou aqui e eu deixei de comprar coisas até que eu tinha comprado, tinha feito, porque eu paguei a festa de casamento sozinha, foi mais de vinte mil reais a festa. Se eu computasse ele não levaria o carro. Mas na minha cabeça eu disse fiz a festa que eu queria do jeito que eu quis fazer e assim não fiz as contas item por item. E falei assim ó você não pense que você vai ser ludibriado com o que você gastou na obra aqui da casa vai perder. Quando a gente se separar, qualquer coisa você leva o carro. Pois naquele dia, ele levou o carro mesmo, entendeu? ... Na verdade, ele até guardava dinheiro e eu só fui descobrir depois (risos). Porque mesmo ganhando menos eu cheguei a comprar roupa pra ele, comprar sapato pra ele, comprar um monte de coisa pra ele, como se ele tivesse passando necessidade. Eu não sabia, ele fingia não tinha dinheiro nenhum ... E eu nem sabia, porque ele tava com roupas furadas e eu comprando roupa pra ele (risos) sabe? A pessoa tá mal, tá sem roupa. Eu não questionava, eu não sei em que planeta eu tava não entendeu? (Luana, 33 anos).

Paola informa que ganhava mais que o marido, mas que o dinheiro dos dois era um só. Como acabava gastando muito com coisas desnecessárias, ela e o marido acordaram que ela pagaria todas as contas e despesas fixas enquanto ele guardaria o dinheiro para o pagamento de despesas extras e para o lazer para a família:

O dinheiro era um só. Não tinha o meu, o seu. Mas eu sempre fui mais gastadeira, ganhava muito mais, mas era mais gastadeira também. Então a combinação era de que eu pagava todas as contas, tudo, todas as obrigações, porque eu era obrigada e porque eu sou gastadeira, mas não irresponsável. Então eu pagava todas as contas e gastava meu dinheiro todo nas despesas fixas da casa. E aí ele que poupava alguma coisa e tal e todos os extras eram com ele. Quando a gente ia viajar era a parte dele digamos assim. Então ele ficava com a parte lúdica e eu com a obrigação pra garantir que eu não ia gastar com outras coisas. (risos) (pausa) Tinha essa divisão porque era uma forma de me controlar (risos). Pelo bem geral de todos. (Paola, 43 anos)

Ao comentar que, de alguma forma, ganhar mais do que o marido o incomodava, perguntamos a Paola como ela percebia isso e ela respondeu que ela não tinha um motivo específico para pensar assim, apenas imaginava que seria natural que ele se incomodasse de ganhar menos. Por outro lado, disse que talvez ele não percebesse a questão da mesma maneira que ela. Como ele tinha vindo de um meio distinto do dela, o que já havia alcançado era mais do que ele havia esperado, ainda que ela quisesse que ele desejasse mais, algo que causava, inclusive, discussões:

É (pausa) não sei dizer (pausa) Nunca teve uma conversa específica sobre isso. Mas, sei lá, era pura sensação minha como ele nunca falou nada. Mas, sei lá, eu achava que seria talvez natural ele se incomodar de alguma forma. Só que ao mesmo tempo, ele veio de um mundo totalmente diferente do meu ... E talvez a minha interpretação é que o que ele tinha conseguido até aquele momento já era muuito mais do que ele esperava. E eu queria que ele quisesse mais. Então, a gente teve sim algumas discussões sim sobre isso (Paola, 43 anos).

Marri e Wajnman (2007) assinalam que a maior inserção da mulher no mercado de trabalho também elevou a quantidade de lares onde as mulheres ganham mais do que os cônjuges. Em seu estudo, apontam que, em lares onde a mulher é o principal provedor, não há, de fato, uma inversão de papéis, pois a mulher continua sendo a maior responsável pelos afazeres domésticos e cuidados dos filhos. Isto parece não ter ocorrido no caso de Paola, em que o marido dedicou-se mais aos filhos, algo que foi, inclusive, ressaltado por ela como sendo um dos motivos para o seu crescimento profissional. Como podemos perceber na fala abaixo, divisão de tarefas foi resultado de um acordo natural e de cumplicidade do casal:

Ele cuidava mais da casa. Como eu sempre tive horários loucos, trabalhava até tarde, ele... por isso que eu falo, se começou assim a pessoa acha que aquilo é o normal, então ele realmente cuidava mais da rotina da casa do que eu, das crianças, ele que pegava, ele que levava. Às vezes era eu que tinha que pegar, mas sempre dava alguma coisa e dizia que não vou poder ir... E é um super pai e aí enfim, então ele fazia bem esse negócio. É... se dedicou aos filhos 100%, até pra suprir a minha falta desde sempre ... mas bem ou mal eu trazia o retorno ali, o financeiro né? Enfim, e aí a gente passou a ter uma vida muito bacana ... Então claro que eu tinha meu trabalho, meu salário essas coisas, mas eu estimulei muito ele também e a participação dele obviamente é totalmente importante porque ele topou isso e sempre topou mais também ... Enfim, e aí fomos crescendo juntos, não tem como não dizer que não foi junto. Então a participação maior de um de outro acaba sendo irrelevante, porque se ele não estivesse lá pra ficar com as crianças, talvez eu não pudesse trabalhar tanto, talvez eu não tivesse me destacado tanto no trabalho, não teria conseguido entregar tudo que eu entreguei. Então é uma cumplicidade e uma dependência ali na relação que a gente fez (Paola, 43 anos).

Um ponto a ser apontado aqui, ainda com relação à Paola, é sua preocupação com o fato de que o marido tivesse um emprego. Em dois momentos da entrevista ela toca neste assunto. Primeiro, ao se referir ao fato de que, quando começaram a namorar, seu ex-marido estava desempregado. Depois, quando comentou que terminou o relacionamento com um ex-namorado, mesmo sendo apaixonada por ele, ao perceber que ele não investia na sua profissão e ela, ao contrário, já trabalhava desde o início da faculdade e pagava suas próprias contas:

Raul é engenheiro e quando a gente começou a namorar ele tava desempregado. Hoje eu penso gente, que louca! Como eu comecei a namorar um homem desempregado? (risos) O amor é lindo né? ... Eu já era formada. Foi muita irresponsabilidade (risos). Vai que eu me apaixonava e o cara era um vagabundo? (risos) Eu não ia suportar isso! ... Tem até uma história, que eu descobri há pouco tempo, mas vale a pena, é eu tive um namorado antes dele, bem antes, quando eu entrei na faculdade e eu era super apaixonada, o primeiro namorado assim de mais tempo, frequentava a casa, e eu era loucamente apaixonada por ele. Eu já trabalhava, desde o primeiro período da faculdade e ele não. E namoramos quase 2 anos, ou 2 anos e um pouquinho. Um dia eu acordei em casa e disse eu não quero mais namorar essa pessoa, o que que vai ser da minha vida com esse cara que não faz nada? E como ele não fazia nada e eu fazia, quem pagava as contas era eu, quem comprava roupa pra ele era eu, quem organizava viagem era eu fazia enxoval, adorava! Fazia com o maior prazer enxoval de viagem pra ele, pra gente viajar final de semana pra Búzios, pra Itaipava. E de repente acordei! Me deu um estalo e disse não quero mais! Eu, loucamente apaixonada, não quero isso pra minha vida! Aí, logicamente ninguém entendeu nada e nem ele obviamente, passei 5 dias chorando, sei lá quanto tempo chorando, mas super segura. Falei ah! Não quero mais! E há 10 dias atrás, no dia do meu aniversário, ele me achou no *facebook* e falou oi tudo bem? Te achei aqui... Eu falei nossa! Que presente de aniversário! Poxa que coincidência e tal. E aí eu de cara perguntei e aí como é que você tá? Aí pra disfarçar (risos) e aí tá casado, tem filhos, mora no Rio, trabalha, como está a sua vida? (risos) (pausa) Ele não trabalha! Até hoje, até hoje! Eu falei mãe!!!! Olha o que que eu me livrei, sua louca, você queria que eu ficasse com aquele cara, imagina?! Eu iria estar sustentando ele até hoje! Louco, louco, louco! Falei, Ah! A gente tem que seguir os instintos da gente! (Paola, 43 anos).

Ao falar sobre essa questão, Paola brinca e diz que o que estávamos fazendo ali era uma terapia e não uma entrevista, uma vez que talvez fosse dela e não do marido o incômodo pelo fato dele ganhar menos do que ela. Ela comentou ainda, que ele estava contente com o cotidiano dos dois, mas, na verdade, o que ela queria era um companheiro que pudesse proporcionar a ela mais coisas do que ela própria poderia conseguir sozinha. Apesar das despesas e tarefas serem divididas, na verdade, ela gostaria de ter um marido que suprisse todas as necessidades, ou seja, que fosse o provedor da família:

É... durante muitos anos, acho que até o último ano do casamento, eu sempre ganhei mais do que ele ... Eu falei uma coisa, mas talvez eu ficava incomodada e não ele que ficava incomodado. Talvez, pela primeira vez (risos) tô fazendo terapia aqui! Isso não é uma entrevista, é uma terapia! (risos) Então, isso incomodava dele não querer mais, mas ao mesmo tempo eu sabia que aquilo ali já era muito. Então, agora parando pra pensar ele já quis muuita coisa! ... Eu sempre estimei, ele progrediu de fato, mas... E ele tava contente, feliz com aquilo, aproveitando a vida. Mas... (pausa) talvez eu

quisesse um homem que me estimulasse ou que me proporcionasse mais do que eu me proporcionava sozinha entendeu? Queria alguém pra me sustentar e não eu sustentar ninguém! As coisas eram divididas e isso não eram motivo de briga nem nada. Mas, talvez agora parando pra pensar, inconscientemente isso deve ter sido colocado em algum momento (Paola, 43 anos).

A fala de Paola reforça a ideia de que, a despeito das mudanças ocorridas na sociedade, de modo geral, e nas relações de gênero, em particular, visões e posturas arcaicas não foram substituídas por visões modernas mas, antes, convivem com elas no discurso social e, conseqüentemente, no discurso das pessoas, como tem sido apontado por diversos pesquisadores (Figueira, 1986, entre outros).

Já Luana comenta que se sentiria muito incomodada se tivesse que depender economicamente de alguém. Afirma que fica mais à vontade trabalhando e podendo reestruturar sua vida sozinha:

Eu não preciso ficar com uma pessoa porque ela vai me bancar. Não é que o cara não possa ter uma Mercedes, mas não é isso que eu quero. Então assim, eu já sei trabalhar, se eu for trabalhar sozinha, eu posso trabalhar dá pra eu me manter por um tempo e reconstruir tudo se eu mudar entendeu? Então é muito mais tranquilo, é muito mais confortável. Porque se eu talvez dependesse economicamente dele ou de qualquer outra pessoa, aí realmente seria muito mais difícil. Eu acho que eu ia passar mal, ia ficar muito mal entendeu? (Luana, 33 anos).

Também com relação à questão da mulher ganhar mais do que o marido, Lara comenta que tem amigas que vivem relações bastante conflituosas, em que os cônjuges vivem medindo forças em relação às questões financeiras:

Eu tenho amigas que ganham mais do que os maridos e aí vira uma guerra praticamente entendeu? Porque os maridos querem mais e aí ficam chateados entendeu? Ficam medindo forças financeiras que não dá pra comparar. Tipo uma amiga minha que ganha muito mais do que o marido e aí eles ficam brigando por causa de dinheiro, quando o problema nem é o dinheiro, mas incomoda. Porque o dinheiro é uma moeda de barganha mesmo. Certa vez quando eu tava casada meu marido me pediu e o amigo falou um... não existem mais Madalenas... (Lara, 33 anos).

Quanto ao fato de ganhar mais do que o marido, Sofia afirma que não era o que mais a incomodava, mas sim era a falta de vontade e iniciativa dele para melhorar e fazer por onde conseguir:

Acho que não é a financeira. Porque sinceramente, sei lá se ele fosse um professor, ou uma profissão que talvez ganhasse menos do que eu ganho, mas poxa, é um cara que acorda de manhã rala e volta. Então não era isso, era o

fato dele não se esforçar pra querer uma coisa melhor pra vida dele, se contentar com pouco. Ele fingia que estudava pra faculdade, fingia que trabalhava. Entendeu? O pior de tudo era que pra ele, ele estava fazendo, ele estava trabalhando e ele não estava conseguindo me entender que aquilo era muito pouco. Que ele poderia fazer muito mais. Mas, não fazia. Aí eu cansei, né? Se eu que ralei pra conseguir as minhas coisas nunca nada pra mim foi fácil, que eu acordo cedo e ele estava lá, ele ia dormir na hora que eu levantava. Eu estava chegando em casa, ele tinha a cara de pau de me mandar voltar e ir na padaria comprar pão e tinha ficado o dia inteiro em casa. (risinhos...) tinha o próprio fato do companheirismo mesmo, de não estar junto nas coisas. Sabe parece que eu fui ser uma mãe solteira com um filho adolescente em casa. E existem as responsabilidades da casa, e eu não tinha com quem dividir as coisas, ficava tudo comigo (Sofia, 31 anos).

C) FILHOS

Como mencionado anteriormente, nossas entrevistadas pertencem a dois grupos etários, aquelas que têm entre 31 e 35 anos e as que estão na faixa dos 41 aos 49 anos. Enquanto que as que pertencem ao segundo grupo tiveram filhos, as outras não tiveram filhos com o ex-cônjuge. Mas, mesmo as que não tiveram filhos, em algum momento da entrevista, abordaram este assunto.

Lara informou que ela e o ex-marido pretendiam ter filhos e que, certa vez, chegou a suspeitar que estava grávida e ele ficou feliz com a ideia. Mas, ela percebeu que não era o momento certo, pois o relacionamento não estava indo bem:

Sim... na verdade a gente estava pretendendo ter filhos, tipo um ano depois que eu me separei. Mas... eu lembro que até um mês, ou uns dois meses antes de eu me separar... é... eu brinquei com ele dizendo que estava atrasada ou alguma coisa assim, e aí... eu lembro que ele ficou até meio feliz. Ah, se viesse agora seria legal. Mas eu senti que não era aquele momento... Não era o momento certo. Que eu sabia que não estava muito bem, né (Lara, 35 anos).

Atualmente, Lara e o atual marido decidiram juntos planejar o filho do casal e que, apesar de ser muito criticada por isso, pretende se dedicar mais à administração da casa e aos filhos quando isso ocorrer. Ela ressalta que não deseja ser sustentada por ele, mas, antes, pretende apenas dedicar-se mais à família, uma vez que, com a vinda dos filhos, as tarefas domésticas vão se multiplicar:

É. Isso a gente já conversou. Assim, a gente está pensando ver se o filho vem. É... E... Ele compartilha dessa minha opinião que isso... é uma coisa minha, e sei que sou criticada por várias pessoas. Eu dou maior força na carreira dele, no trabalho dele. Porque, por mim, eu quero diminuir mesmo minha carga horária. Meu trabalho. Eu quero trabalhar somente pro que é pra mim.

Entendeu? Eu acho que é... é e não que eu queira ser sustentada por ele. Não é isso. É ele poder administrar tudo e eu poder me dedicar à nossa família. A minha par.. A minha doação maior vai ser administrar mais. Porque eu acho que quando vem filhos, o trabalho é triplicado ou quadruplicado. Entendeu? Tem muito mais coisa para se fazer. E eu quero me dedicar a ele sim. Né? (Lara, 35 anos).

Já Luana, apesar de não ter mencionado se o assunto foi discutido durante o convívio com seu ex-marido, relata que percebe que mesmo hoje, onde existem diversas formas de conjugalidade, a sociedade ainda cobra da mulher um modelo tradicional de família, em que ela tem que estar casada e ter filhos, perfil este no qual ela parece não estar enquadrada, uma vez que não se decidiu ainda se quer ou não ser mãe. Atualmente, em outro relacionamento, comenta que ainda não decidiu se quer ou não filhos, pois ela sente que seu investimento profissional e o reconhecimento que vem agregado a ele preenchem sua vida. Para ela, ter filho é mais uma cobrança social:

Existe essa cobrança muito grande, de que você tem que ser bem casada, de que você tem que ter alguém, de que você tem que ter um filho. E eu não sinto de verdade essas necessidades. Eu acho que assim, eu posso ter um filho, hoje eu tenho uma pessoa, um namorado entendeu? E aí você fala assim ah! Você pode ter um filho, mas honestamente, não me resolvi com relação a isso, não sinto essa necessidade como uma coisa imprescindível, eu não sinto, porque tem várias coisas que me preenchem e uma delas é o meu trabalho, algumas são as coisas que eu consigo conquistar através dele, o respeito das pessoas, de eu ser uma profissional de que hoje os clientes procuram a mim, dizem eu quero que ela faça (Luana, 33 anos).

Esta questão da opção ou não pela maternidade e da cobrança por parte da sociedade a que se refere Luana foi trabalhada em pesquisa realizada por Patrícia Barbosa (2008), intitulada “Novas visões sobre maternidade e família: mulheres que optaram por não ter filhos”. A autora concluiu que “a cada dia, parece que a maternidade se torna mais uma questão de opção de cada mulher do que um destino natural, o que leva um número cada vez maior de mulheres a optar por adiar a maternidade ou mesmo por não se tornar mães” (p. 174). Luana acredita que as diversas mudanças ocorridas com as mulheres, contudo, não as livraram de antigas expectativas e preconceitos por parte da sociedade:

As mulheres com toda sua delicadeza e aptidão conseguiram se sair melhor do que imaginavam, mas não estão preparadas pra enfrentar os preconceitos da sociedade mesmo. E os modelos de que tem que ser a melhor mulher, cuidar do filho (Luana, 33 anos).

Donatela relata que decidiram juntos ter um filho, mas, devido ao problema do alcoolismo que enfrentava com o marido, a responsabilidade pela criação da menina foi totalmente sua e, por isso, durante esse período não trabalhou. A filha sentia os reflexos do comportamento agressivo do pai e era uma criança assustada, chegando a enfrentar problemas na escola. Ela tinha como exemplo de figura masculina o avô, pai de Donatela, uma vez que ela não teve apoio da família do marido e tampouco dele:

A decisão de ter Mirela foi dos dois ... assim foram longos dez anos de bebida, muita bebida, entendeu? Muitos problemas, só não houve graças a Deus agressão física, mas agressão verbal, vexames, enfim inúmeras coisas. E aí nesse período eu não trabalhei, fiquei dez anos sem trabalhar, porque a Mirela era uma criança assustada né? Como todo filho de alcoólico era uma criança assustada, que tinha medo de tudo, era insegura demais e isso começou a ter reflexos na escola, né? ... E aí assim, ele nunca ficou sozinho, a Mirela tinha cinco anos de idade quando ele ficou sozinho com ela a primeira vez. Ele não ficava sozinho com ela pra eu tomar banho! Ele nunca trocou uma fralda, nunca deu uma mamadeira, ele nunca deu comida à Mirela! Ele não levava pra escola. Ele não sabe... Tanto que a Mirela quando fez nove pra dez anos, quando ela fez (pausa) não! Oito, oito anos, ela começou um acompanhamento com uma psicóloga e logo nas primeiras avaliações, a psicóloga conversando comigo, me perguntou é... porque, quer dizer, ela sabia mais ou menos a história, mas ela ficou assim muito impressionada com isso e falou assim, Donatela, a figura do seu pai é muito marcante na vida da Mirela não é? Eu falei assim é! Porque o papel de pai ela colocou no meu pai, entendeu? O papel de pai era o meu. Porque era quem tava com ela o tempo todo. Porque eu tava sempre com eles e com ela, o pai dela nunca estava! Tá entendendo? (Donatela, 49 anos).

Donatela ressalta que sua preocupação com a filha era tal que esperou que ela estivesse mais madura para que pudesse tomar a iniciativa de pedir a separação:

Eu segurei a barra da minha filha e acho que eu faria tudo igual, tudo de novo, não faria nada diferente porque eu não me arrependo em momento nenhum de... de ter me dedicado da maneira que eu me dediquei, me dedico até hoje, porque a gente conseguiu resgatar a Mirela, né? Se não, não teria sido, senão não sei o que teria sido da cabeça dela, o que teria acontecido com ela, né? ... O que me importa é o que eu acho que eu fiz o que eu tinha que fazer, que eu esperei o suficiente pra Mirela crescer, pra Mirela ter a cabeça dela já arrumadinha. Arrumada não né? Meio difícil (risos) Mais ou menos com o entendimento das coisas (Donatela, 49 anos).

Donatela ressalta que a filha e o marido só começaram a se relacionar mais quando ela já tinha treze anos e ele parou de beber. Porém, devido ao temperamento difícil do pai, típico do alcoólico, como a arrogância e a prepotência, a filha só começou a conviver melhor com ele depois de amadurecer e aprender a lidar com isso:

Ele... Mirela começou a conviver mais estreitamente com o pai dela, ela já tinha uns treze anos. Foi quando ele parou de beber e começou a tentar a resgatar algumas coisas. Mas ele tem um temperamento muito difícil, porque o alcoolatra quando ele para de beber (pausa) ele (pausa) ele deixa de ficar num estado de embriaguez vamos dizer assim, mas ele continua com os desvios de comportamento do alcoolismo, porque aquilo ele carregou a vida inteira. Então, a prepotência continua, a arrogância continua, é... enfim, uma série de características que são comuns no dependente alcoolico, no portador de alcoolismo, né? É... ele continua tendo. Até hoje, então, até hoje eles não se bicam. Só que hoje ela convive mais facilmente, porque ela amadureceu também e aprendeu a conviver, aprendeu que determinadas coisas ela não pode modificar, então não adianta. Então você tem que ter sabedoria pra lidar com isso e não adianta você querer mudar coisas que não tem como, né? Você não vai (Donatela, 49 anos).

Já Flora e Paola afirmam ter sido apoiadas pelos maridos nos cuidados com os filhos. Eram eles que ficavam com as crianças quando elas não estavam em casa.

No caso de Flora, isso foi mais frequente quando seu primeiro filho era pequeno e ela, além de trabalhar, cursava faculdade à noite. Apesar disso, quando chegava em casa, a tarefa de cuidar dos filhos era dela, como podemos observar na fala abaixo:

É, meu ex-marido ele me ajudava bastante. Eu não posso reclamar no que diz respeito à... tarefas domésticas... com criança. Ajudava, cuidava... pegava, trocava fralda, fazia... fazia o que fosse necessário e tarefa doméstica ele me ajudava muito... final de semana. É.. mas dava pra conciliar porque eu tinha uma... uma moça que me ajudava em casa. No caso a gente tinha uma diarista que ia lá, limpava a casa, então... quando eu tinha que voltar... voltar da faculdade, a maioria das vezes até ele dava comida ao meu filho e ele já tava até dormindo. Algumas vezes não... Eu não tinha aula, eu voltava pra casa, fazia uma comida, aproveitava pra ler um material ou outro, assistia um pouco de televisão ficava um pouco com meu filho. ... Quando a minha filha nasceu eu já estava formada. E aí, eu já era mãe em período integral quando eu chegava em casa. A minha tarefa era ser mãe. Eu não tinha que... Continuava não precisando fazer faxina, mas também não tinha mais o estudo tomando parte do tempo que eu tinha disponível pra minha família (Flora, 44 anos).

Quanto à Paola, apesar de nunca terem conversado a esse respeito, como ela tinha um horário de trabalho estendido e o marido um horário mais flexível, os cuidados com os filhos acabaram sempre ficando, naturalmente mais por conta dele. Apesar de contarem com a ajuda de uma babá, ele era a figura mais presente do casal na vida dos filhos:

Normalmente a gente saía cedo, acordava todo mundo junto. Eu arrumava as crianças, aí saía todo mundo, ele saía ia pra um lado e eu pro outro. Mas, ele que tava sempre disponível, ele que fazia o dever com as crianças, ele que levava pro médico, ele que (pausa) toda rotina obrigatória era com ele ... Aí sim, além de eu trabalhar muito, ele tem o horário flexível. Eu trabalho muito

e até tarde e ele, além de trabalhar num horário normal de 5 às 6, ele tem flexibilidade de um dia sair às 3, outro dia chegar às 11. Então acaba que ele tá realmente muito disponível e eu realmente zero disponível (pausa) ... Então, (pausa) como sempre foi assim, nunca houve uma conversa, tipo você se incomoda de ser pai e mãe das crianças enquanto eu tô trabalhando e no fim de semana eu volto a ser mãe. Nunca teve porque desde o primeiro dia isso foi automático. Não me lembro de nunca ter tido uma conversa. Sempre teve uma babá, uma empregada. Mas, enfim, a presença da família era ele (Paola, 43 anos).

As entrevistadas comentaram que um dos maiores dilemas relacionados à mulher que se encontra no mercado de trabalho é o sentimento de culpa que a maioria delas enfrenta ao deixar os filhos em casa para trabalhar, como afirmou Luana. Paola concorda que a culpa é um sentimento constante resultante do conflito de deixar os filhos em casa para trabalhar e ressalta que ficou perdida em meio a mãe, sogra e babá e não aguentaria ficar assim o tempo todo. Paola concorda que possa haver culpa, mas ela não sentiu. Segue trecho da fala das duas a esse respeito:

Se você trabalha tem que ter uma babá, mas como se é melhor você acompanhar? Acho que são dilemas que as mulheres vivem hoje. E aí quem se separa e tem filho é ainda pior, é mais difícil ainda. Porque o filho é mais dependente, mas aí vem aquela história da culpa (Luana, 33 anos).

Mas, em relação à mulher eu vejo ainda, não é o meu caso, mas eu vejo muito, atrapalha muito à mulher nesse crescimento que ela tá querendo, nessa posição que ela tá querendo assumir na sociedade, no mercado de trabalho especificamente que é, acho que é tudo junto o mercado de trabalho e a sociedade, é a culpa, tem muita mulher ainda que tem culpa. Culpa de não ficar com as crianças de noite, culpa de não ser ela que viu o primeiro passo. O sofrimento, como eu falei antes, de deixar a criança na creche, porque queria ficar em casa. Gente! Como assim? Você não ia aguentar! Não ia aguentar! Eu mal aguntei ficar, pois foram 4 meses, mais um mês de férias e mais 15 dias de amamentação, então cinco meses e meio. No final do quarto mês eu já tava desesperada! Porque você não tem assunto pra conversar com a babá. As mães e sogras circulando na sua casa e você... que ótimo que elas estejam ali, mas não comigo! Eu quero curtir a minha casa, os meus filhos, a babá lá, e eu ali no meio. Eu quero fazer! É... Então assim, eu acho que ainda tem muita culpa de uma forma geral da mulher (Paola, 43 anos).

Rubin e Wooten (2007), autores de um estudo que explora a experiência de mulheres graduadas que escolheram ficar em casa ao se tornarem mães, informam que um dos desafios enfrentados é a culpa. As participantes estudadas descreveram sentir culpa em não fazer nada pelos filhos, assim como sentem culpa por não fazerem uso de seus conhecimentos educacionais. A culpa parece, assim, ser um sentimento constante em suas vidas.

Os autores também informam que essa dificuldade foi mais percebida nas mulheres que eram menos incentivadas pela família a trabalhar fora. As mulheres que permaneceram o tempo todo em casa exercendo o papel de mães recebem menos *feedback* positivo, mas, pelo menos, não se sentem pressionadas a se dividir entre o investimento profissional e os cuidados com a família.

Apesar disso, Paola parece não ter vivido o dilema maternidade x carreira, e voltou ao trabalho tranquila, acreditando que poderia, com isso, proporcionar outros ganhos à família:

Voltei no quarto mês super tranquila também, sem nenhum grilo, não chorei nenhum dia deixando a criança na creche. Achava que aquilo era como funciona a vida de uma mulher. É assim! E pronto! ... Deixávamos durante todo o dia na creche e então depois a gente contratou a babá. Mas, assim, tenho amigas que choravam 3 meses porque tinham deixado a criança na creche, chegava no trabalho todo dia chorando porque tinha deixado a criança na creche, inclusive isso foi super tranquilo ... Fui lá trabalhei, tive filhos, me dediquei, abri mão de muitas coisas muitas vezes, do convívio com a família, com as crianças, do crescimento... o primeiro passo não foi eu que vi, a primeira comidinha não foi eu que dei, mas foi uma troca que eu decidi fazer. Tive uma perda sim, mas tive milhares de outros ganhos (Paola, 43 anos).

Flora informa que seu emprego lhe proporcionava um salário fixo, independente de seu vínculo com a faculdade de pedagogia. Assim, parou a faculdade enquanto seu filho era bebê e, ao retornar, teve a preocupação de escolher um curso que fosse próximo à sua residência e, ainda assim, cursava poucas matérias, de modo a não comprometer todo o tempo que lhe restava quando retornava do trabalho e poder, desta forma, dedicar um tempo a seu filho:

Depois que eu terminei o meu segundo grau eu fiquei uns cinco, seis anos sem estudar. Até porque eu estava no começo de emprego, e apesar de eu ter começado antes de namorar, eu ainda estava muito no começo da minha vida profissional e aí eu só resolvi estudar pra fazer uma faculdade depois que eu senti que o trabalho estava fluindo mais naturalmente e que eu tinha tempo para me dedicar um pouco e para investir mais. Comecei a estudar a faculdade de pedagogia. Depois, eu engravidei do meu primeiro filho, e aí resolvi parar até porque meu emprego não tinha nenhum vínculo direto com a minha formação, porque meu salário era fixo. Eu parei, cuidei do meu filho até dois anos, dois anos e meio e aí... Quando ele já estava maiorzinho, tava frequentando creche... eu resolvi voltar a estudar. Na época ele me apoiou. Eu continuava estudando de noite, mas ao invés de eu voltar a estudar esse curso de pedagogia, eu resolvi... estudar numa faculdade perto de casa. E aí eu acabei mudando o meu foco, perdi algumas matérias, mas acabei concluindo o curso de pedagogia mais próxima de casa. Terminei. Vim a concluir, meu filho já estava com cinco anos e pouco. Passei mais uns 3 anos puxando uma matéria ou outra, tentando conciliar o fato de eu ainda estar com criança

pequena dentro de casa e ter que voltar do trabalho e... E não queria, de uma hora pra outra, me dedicar tão somente a estudo (Flora, 44 anos).

4.3.2 INVESTIMENTO PROFISSIONAL E IMPORTÂNCIA DO TRABALHO

Nesta categoria objetivamos melhor conhecer quando e como nossas entrevistadas começaram a investir em suas carreiras, bem como qual a importância atribuída por elas ao trabalho, como veem a inserção da mulher no mercado de trabalho, a dupla jornada feminina e a independência financeira da mulher, entre outras questões relacionadas à mulher e trabalho. Para isso, dividimos a análise nas seguintes subcategorias: Investimento Profissional; e Importância do Trabalho.

A) INVESTIMENTO PROFISSIONAL

A maioria das entrevistadas trabalhava antes do casamento e continuou investindo em sua carreira profissional após o matrimônio. Para todas as entrevistadas, o provimento financeiro e as atividades domésticas devem ser partilhadas pelos cônjuges. Todas elas, contudo, contavam com uma rede de ajuda com quem podiam dividir as tarefas do dia-a-dia, e que incluía membros da própria família, empregadas, babás ou faxineiras.

A maioria de nossas entrevistadas sempre quis trabalhar e ter uma carreira. Além disso, para algumas delas, o salário que recebiam complementava a renda familiar, ou permitia que elas não dependessem do marido, como se pode observar nas falas de Flora e Lara, abaixo:

O relacionamento e a minha vida profissional, elas, eles, andaram juntos desde o princípio. Na verdade, a minha vida profissional é... já tinha se iniciado quando a gente começou a namorar ... Então como ele não cobrava muito que eu tivesse dinheiro pra pagar contas dentro de casa, e eu tinha minha... minha consciência de que o meu dinheiro também tinha que reverter pro bem da família, eu acabava é... projetando esse... esse meu salário pra suprir necessidades das crianças, né? ... Eu demorei mais três anos pra completar o curso, tendo aproveitado algumas matérias, perdido outras, mas eu prossegui e concluí. Por uma questão de honra. Uma questão pessoal minha (Flora, 44 anos).

E aí, eu não consegui me adaptar e aí eu comecei a trabalhar em algumas confecções... Trabalhei em duas confecções... Mas eu não estava mais feliz. Eu vi que aquilo não era mais o que eu queria fazer. Cheguei a ficar dois anos

desempregada, sem trabalhar, estudei um tempo, e aí na confecção na última confecção que eu trabalhei... Aí eu voltei para trabalhar em loja, como vendedora, de baixo... e depois eu fui pra confecção. Aí lá eu ralava muito. Eu era muito... Era um trabalho muito físico. E virar prum lado e virar pro outro, e você faz entrega, tira nota, sobe escada, e aí eu vi que eu não queria muito fazer aquilo mais. Não queria mais depender daquele tipo de pessoa e aí eu, foi justamente mais ou menos um pouco antes que eu comecei a me espiritualizar, comecei a olhar mais pra dentro de mim, né. Então, eu me dei conta que eu queria fazer alguma coisa pra que eu pudesse ajudar o outro a se olhar também. E aí foi que abriu a massoterapia pra mim e aí eu comecei a estudar, comecei a fazer curso, aí apareceu uma oportunidade de um trabalho no escritório, onde eu fiquei dois anos me preparando, estudando, eu tinha tempo para pensar, na minha... no meu novo investimento, né. E aí depois disso eu larguei e comecei a trabalhar só com isso mesmo. Que é o que eu faço hoje (Lara, 35 anos).

Já Luana e Paola afirmam ter começado a trabalhar desde muito novas. No caso de Luana, porque gostava de estudar e não queria ficar dependendo dos pais, que não tinham uma boa situação financeira e, assim, ela podia para pagar suas despesas e Paola porque, como ela mesma se define, sempre foi uma pessoa muito prática que, inclusive, fez sua escolha profissional pensando em uma carreira que pudesse lhe trazer retorno financeiro rapidamente e na qual não tivesse que despender muito tempo com estudo:

É eu comecei a trabalhar bem cedo, assim trabalhar fora com 15 anos, 16 anos! Com 17 eu já estava na faculdade, tava começando a faculdade, pois fiz 17 no início do ano. E sempre gostei de estudar estudiosa eu fiz a faculdade, trabalhava em dois lugares, dois estágios e fazia faculdade a noite. Permaneci assim a faculdade inteira que o estágio era por uma bolsa na faculdade e o outro estágio era tipo pra pagar passagem e essas coisas assim entendeu? Pra fazer cópias, despesas em geral. Na verdade, todas as minhas despesas a partir do momento que eu comecei a trabalhar, meu pai já não tinha uma situação muito boa, aí ele parou de me dar tudo mesmo e eu virei independente, não me dava roupa, não me dava mais nada (Luana, 33 anos).

Eu fiz faculdade de administração. ... Eu gostava de uma coisa mais prática, pegava pra fazer, aproveitar e fazer outra coisa e enfim, então tudo era o mínimo necessário ali pra ficar bem, pra não perder tempo depois, pra não ter nenhum problema na escola nem nada. Mas queria, sempre gostei de sair, de fazer outras coisas. Então quando eu decidi pela faculdade foi o mesmo pensamento. Eu quero uma coisa que eu possa começar a ganhar dinheiro rápido e que eu possa, enfim, que eu possa ganhar dinheiro rápido. Não quero ficar estudando 25 mil anos como a minha irmã médica, o meu irmão diplomata também anos e anos estudando. É uma carreira muito bacana, mas é um começo super lento, depois de anos, já casado ganhando mesada dos meus pais, porque o dinheiro não dava pra sobreviver, enfim, eu não queria

nada disso. Aí fui fazer minha faculdade e no primeiro período que eu entrei na faculdade, eu comecei a trabalhar (Paola, 43 anos).

Já Donatela, apesar de ser formada em direito, não exerceu a profissão no início do casamento para cuidar melhor da filha. Mas, após uma traição do marido, percebeu que teria que aguentar ficar em casa, pois não tinha como se sustentar sozinha. Nesse momento, reviu seus objetivos e resolveu voltar a investir na carreira:

Eu comecei a criar objetivos na minha vida e focar nesses objetivos, então eu falei assim (pausa) eu tenho duas saídas, ele me disse que se eu saísse de casa ele não ia me dar pensão porque eu tinha uma profissão né? Claro que ele teria que dar, mas seria uma coisa temporária. Eu ainda ter mais uma coisa pra trabalhar na cabeça da Mirela que era a separação, é... ia ter que voltar a viver com meus pais e ia ser tudo muito complexo, porque a minha relação com meus pais sempre foi boa, mas assim a minha relação com minha mãe é que sempre foi difícil né? Então voltar pra casa num momento assim ia ser muito complicado. Então eu resolvi ficar, engolir o sapo né? Aí ele fez juras eternas, que nunca mais ia fazer etc, etc, eu acreditei, mais ou menos, e resolvi começar a pensar na minha vida né. Foi quando eu fui fazer um curso de pós-graduação pra voltar a estudar. E aí comecei a trabalhar num escritório de um juiz (Donatela, 49 anos).

Algumas entrevistadas assinalaram que, ou não tiveram o apoio do cônjuge para investir na carreira, como foi o caso de Donatela, ou ele simplesmente se manteve indiferente em relação à sua formação profissional e investimento no mercado de trabalho, como foi o caso de Flora. Donatela, inclusive, teve que se manter afastada do trabalho no início de seu casamento para cuidar da filha, pois o marido apresentava problemas com alcoolismo. Depois, quando voltou a investir na carreira, seu marido ficou inconformado com seu crescimento profissional e começou a criar problemas. A dedicação ao trabalho também incomodava o marido de Lara:

Ele se formou em administração. Eu ainda fazia faculdade. Estava no segundo ano de direito. (a entrevistada recebeu uma ligação e pediu desculpas, mas tinha que atender). Aí ele fez administração e tinha recebido uma herança do avô dele e aí com o dinheiro dessa herança ele juntou com o pai e eles compraram um apartamento e a gente foi morar nesse apartamento, né? Aí eu fazia direito na época, a família dele é toda da área de direito, né? E aí, assim... mas, nunca me ajudou em nada, nem estágio (risos), emocionalmente também não ... surgiu a oportunidade de eu dar aula. Aí eu comecei a dar aula de direito, aí fui buscando meu espaço, né? Continuei advogando, comecei a dar aula. Aí depois fui coordenar o curso, depois fui pra diretora da unidade na universidade e aí daí pra frente eu continuei trilhando meu caminho profissional que incomodava muito a ele, que aí eu precisava viajar e aí ele

criava muitos problemas, ele telefonava pro hotel e falava que eu tava com um homem na cama, falava que eu tinha amantes (Donatela, 49 anos).

Não tinha pressão de família. Meu companheiro, meu marido, na época não me obrigava a estudar ou deixar de estudar (Flora, 43 anos).

Eu comecei a crescer um pouquinho no meu trabalho. Ele começou a não entender a minha dedicação pro meu trabalho, que na época eu gostava muito. Eu fazia outras coisas (Lara, 35 anos).

O investimento em uma carreira profissional é visto, algumas vezes, como o investimento em um crescimento pessoal, algo que traz orgulho para a pessoa e pode servir de exemplo para a família, como aponta Flora:

Era mais uma questão de orgulho pessoal de dizer que eu queria... ser a primeira talvez na minha família, que eu venho de uma família grande, são oito irmãos junto comigo. Oito e eu sou a filha mais nova e eu queria ter prazer de ser a primeira a terminar meu curso superior. Apesar de não ter uma vinculação direta com o meu trabalho, eu queria ter o orgulho, aquela sensação de dizer mais tarde que eu tinha um nível superior e que eu tinha concluído para os meus filhos... até pra servir de exemplo. Sei lá, eu quis terminar (Flora, 44 anos).

Como apontaram algumas entrevistadas, o crescimento profissional pode também, muitas vezes, ser utilizado como uma válvula de escape, uma rota de fuga para os problemas cotidianos, como se pode ver na fala de Luana abaixo:

Mas eu tô fazendo 11 anos de formada e eu sempre gostei muito do meu trabalho e eu acho que é uma coisa que ajuda também porque você não fica só pensando em um problema ou em outro. Você se ocupa com algo que você gosta. É bem cansativo, acho que às vezes a tendência é você mergulhar no trabalho né? Pra fugir dos problemas, mas de um modo geral é bem legal (Luana, 33 anos).

Ainda a respeito do investimento da mulher em uma carreira profissional, Paola ressaltou que é o homem que tem que aprender a lidar com isso e não a mulher. Na sua opinião, a mulher está trilhando o caminho dela e, apesar de ainda sofrer preconceito, está conquistando cada vez mais espaço. Assim, a questão maior seria, então, o casal combinar os acertos a serem feitos em casa:

Eu acho de novo, que o aprendizado tá muito mais no homem do que na mulher. Então a mulher é... ganhando espaço no mercado, equiparando salários e tal, ainda tem muita diferença, tem preconceitos nas empresas e tal mas, tá cada vez mais natural. É... nos altos escalões inclusive, né? Porque na verdade na pirâmide, quanto mais na pontinha mais difícil é pra todo mundo, então isso seria mais difícil pra mulher também, né? Então acho que o grande

segredo não é o que a mulher faz, mas como o homem vê isso, na verdade. Porque a mulher tá fazendo. Fui lá trabalhei, tive filhos, me dediquei, abri mão de muitas coisas muitas vezes, do convívio com a família, com as crianças, do crescimento... o primeiro passo não foi eu que vi, a primeira comidinha não foi eu que dei, mas foi uma troca que eu decidi fazer. Tive uma perda sim, mas tive milhares de outros ganhos. Então assim, a minha parte tava resolvida e acho que a parte mais difícil era como que o homem vê isso. Então como que combina? Como que faz o acerto em casa. Eu acho que é muito mais isso do que qual é o caminho da mulher. Qual é a relação que a mulher consegue fazer pra continuar nesse caminho, entendeu? Como compartilhar isso com o companheiro (Paola, 43 anos).

B) IMPORTÂNCIA DO TRABALHO

Todas as nossas entrevistadas ressaltaram a importância da inserção da mulher no mercado de trabalho. Muitas delas tocaram nesse assunto ao falar que é a partir do investimento na profissão que as mulheres deixam de ficar dependentes financeiramente dos maridos ou de outras pessoas. Deste modo, conseguem ter uma melhora na qualidade de vida e, inclusive, melhorar a vida da própria família. Por outro lado, elas relataram que esse crescimento profissional vem, muitas vezes, acompanhado de sentimentos de culpa, e é preciso aprender a lidar com essa questão:

Mesmo... mesmo que o meu ex-marido fosse de uma família bem mais rica ou tivesse bem mais condições financeiras de não precisar que eu trabalhasse, ainda assim eu trabalharia. Porque eu acho que é importante pra gente, até dentro da relação ter a possibilidade de achar que a gente não está totalmente desamparada ... Então eu, como mulher, ou como ser humano, eu sempre pensei que independente da situação do companheiro que eu arranjasse, do esposo que eu tivesse, eu teria que ter um trocadinho meu pra, pra eu me sentir livre no sentido que eu não precisasse ouvir desaforo. Porque a gente nunca sabe a realidade que está na porta das outras pessoas. A gente vê as coisas acontecerem, mas eu ficava com medo de eu repetir um padrão desse tipo de mulher que, que deixa o mundo passar, que vive o papel de mãe e esposa e depois vê o relacionamento ruir e num, não consegue mais se situar no mercado de trabalho. Ou que não sabe mais como vai viver sem o dinheiro do companheiro (Flora, 44 anos).

Sobre a mulher no mercado de trabalho o que eu tenho visto, a gente falou antes que a mulher entra e o homem tem que se adaptar à nova vida. Mas, em relação à mulher eu vejo ainda, não é o meu caso, mas eu vejo muito, atrapalha muito a mulher nesse crescimento que ela tá querendo, nessa posição que ela tá querendo assumir na sociedade, no mercado de trabalho

especificamente que é, acho que é tudo junto o mercado de trabalho e a sociedade, é a culpa tem muita mulher ainda que tem culpa. Culpa de não ficar com as crianças de noite, culpa de não ser ela que viu o primeiro passo (Paola, 43 anos).

Meu trabalho continuou sendo uma coisa muito importante no meu crescimento profissional, uma coisa bem legal e que eu acho que realmente aí muitas mulheres pensam que é mais fácil crescer profissionalmente do que ser feliz no relacionamento e eu ouvi isso de algumas amigas, mas eu acho que uma coisa não tem nada haver com a outra né? (Luana, 33 anos).

Luana se refere às mudanças em relação ao papel da mulher nos casamentos tradicionais e contemporâneos, citando como exemplo a divisão de papéis na sua família e como ela percebe que isso ocorre atualmente:

Meu pai trabalhava fora e minha mãe cuidava da casa, era um papel bem definido, ela não se preocupava com dinheiro, com fila de banco, era ele quem fazia. Minha mãe cuidava da casa, cuidava dos filhos, bordava, fazia um monte de atividades paralelas a cuidar de casa e dos filhos e tinha o dinheiro dela pra gastar com o que ela quisesse. Não era muita coisa, ele realmente era quem dominava na casa. E hoje não, a mulher tem que trabalhar, ser bonita, tem que malhar, falar inglês, estar rindo sempre (Luana, 33 anos).

Luana diz apresentar, desde muito nova, comportamentos conflitantes com os valores que vivenciava em casa, próprios de um modelo de educação mais tradicional, e viu no casamento uma forma de passar a ter mais liberdade:

Eu tenho amigas que eram criadas pra achar um marido rico e parecia coisa de novela, eu vivi isso entendeu? Então eu fui vivendo, fazendo minhas coisas, trabalhando e correndo atrás. Então com 16 anos eu comecei a ficar totalmente independente pra resolver tudo. E aí meu pai mesmo estranhou, porque aí eu era uma menina completamente independente e ele querendo me conduzir com algumas regras e isso até contribuiu de certa forma pra que eu me casasse. Porque quando a pessoa não tem muita liberdade, não tem o espaço dela, ela quer construir coisas que ela goste e ter o espaço dela né? E a questão da liberdade, coisas que eu não podia fazer, passei a fazer porque eu me casei. Eu não podia viajar com namorado, eu não podia uma porção de coisas e depois que eu me casei, eu posso fazer tudo (Luana, 33 anos).

Ao falar sobre sua percepção da convivência de novos e antigos modelos no que diz respeito à questão da inserção da mulher no mercado de trabalho e sua independência financeira nos dias atuais, Flora menciona o progresso das mulheres em seu caminho de busca por uma igualdade profissional, ainda que ela permaneça responsável pelos cuidados da casa e dos filhos. Luana e Paola, a esse respeito, referem-se ao fato de que, antes, a dependência

financeira feminina era um fator que, muitas vezes, determinava a manutenção de um casamento, mesmo que insatisfatório:

É... Eu acho que essa condição mudou muito. É... por mais que a mulher ainda arque com o serviço doméstico, mas o ingresso da mulher no mercado de trabalho possibilitou a ela, um pouco da liberdade de não precisar de homem pra tudo, pra dinheiro. Mas... Não que toda relação seja ideal... A gente ainda... ainda presencia situações em que a mulher tem mais ou menos liberdade, com ou sem dinheiro, mas o que eu vejo, no todo, é que... apesar dessas mudanças, não estamos num mundo perfeito onde tenha essa igualdade que parece que tem... A gente pode ter um pouco de igualdade profissional no mercado de trabalho, mas eu acho que com relação a família eu ainda acho... e tenho a certeza de que o peso maior ainda é para a mulher. Mas, se a gente pensar historicamente, hoje a gente está bem melhor do que nossas mães. Que... que eram obrigadas a se sujeitar, ou quando casavam com um homem que era um pouco mais machista ou de uma família em que, de repente, tinha condição financeira pra bancar a casa como era um pouco desse meu relacionamento que o meu ex-marido tinha condições de bancar a casa se eu ficasse como dona de casa, mas ele nunca me pediu isso. É uma situação que, isso sim mudou, acho que o homem hoje já não exige muito isso da mulher que ela fique em casa cuidando de filho. Até porque ninguém ganha tanto assim e todo dinheiro é bem-vindo dentro de casa. Mas, eu acho que se a gente for parar para pensar por este lado, independente lado financeiro, a gente já teve um grande progresso com relação ao que a gente vê de nossas mães, de nossas avós (Flora, 44 anos).

Tem coisas que eu não ia suportar e eu acho que a dependência econômica que prevalecia muito mais no passado seria um diferencial muito grande pra manter um relacionamento (Luana, 33 anos).

É... eu acho que a vida hoje tá tudo muito acessível, a própria independência da mulher permite que ela possa sair e entrar a hora que ela quiser, porque ela tem a independência dela. Eu acho que durante a história do mundo, a mulher ficava em casa porque ela não tinha pra onde ir. Então o homem sustentava e ela tinha que ficar lá querendo ou não querendo. E o homem sabendo que ela ia ficar lá querendo ou não querendo fazia o que queria. Então ficava aquele combinado, você finge que não sabe... não é? E isso não é mais a realidade, isso não vale mais hoje. Porque a mulher não precisa ficar. Porque tanto faz é uma decisão dela e não dele, ele vai levar um pé na bunda. Vai falar: meu amigo dá licença que eu não quero mais, eles que se virem (Paola, 43 anos).

Luana (33 anos) relata que, no seu dia-a-dia profissional, enfrenta, além do preconceito por ser mulher, o não reconhecimento, principalmente por parte dos homens, por ser muito nova:

E muitas das vezes quando eu negocio uma coisa mais importante, num monte de homens e tal, eu percebo que eles não me levam a sério, enquanto a

situação não chega num nível crítico. Porque eles presumem que você por ser mulher, por ser aparentemente mais nova, você tá mais propensa a negociar, a ser mais maleável, e quando eu falo ah! Não vale a pena, não vai, então, deixa eu espero... Os homens não levam a sério. A primeira imagem que eles tem é que você trabalha pro outro, que você é empregada do outro, que você não tem experiência, e eu passo muito por isso. Tem um advogado de cabelo branco e eu. Eu me formei há dez anos, mas todo mundo acha que ele é mais experiente que eu, apesar dele ter se formado ano passado (Luana, 33 anos).

Luana também comenta que, se as mulheres pretendem continuar galgando degraus e conquistando sucesso, devem estar preparadas para enfrentar esses preconceitos, ir contra a opinião corrente de que uma mulher bem sucedida profissionalmente não pode ter sucesso também no plano afetivo, podendo se tornar uma pessoa infeliz. Ela, por exemplo, ressalta que investe no trabalho por gostar do que faz e pelas conquistas alcançadas através dele:

Eu acho que é tudo muito novo entendeu? Tanto pra mulher como pro homem. A mulher foi muito além do que ela mesma esperava, né? E aí pra você que tá enfrentando esse sucesso como mulher você tem que estar preparada também pra enfrentar preconceitos mesmo, de modelos de que mulheres bem sucedidas que não podem ter sucesso na parte afetiva essas coisas todas. Porque existe uma corrente no sentido contrário, existem os modelos que já estão prontos aí. Acho isso uma coisa bem interessante, porque se você não for um pouco desapegada desses modelos, você realmente se insere numa coisa muito infeliz. Porque primeiro que realmente eu gosto do meu trabalho, gosto das coisas que eu conquisto através dele. É algo que eu sinto que estou fazendo por mim (Luana, 33 anos).

Lara, por ter tido uma mãe que sempre trabalhou fora e ter sentido falta da presença dela, pensa um pouco diferente das demais entrevistadas. Apesar de concordar que a mulher tem que trabalhar fora, acha que, para que a mulher não deixe de lado os cuidados com o lar e os filhos, deve buscar um emprego de tempo parcial, porque assim pode ter mais tempo para se dedicar à família:

Eu acho muito importante a participação da mulher no mercado de trabalho. Mas eu tenho um pensamento um pouco diferente. Eu acho muito importante. Ao mesmo tempo eu acho muito importante a presença da mulher dentro de casa, como a cuidadora do lar. Então, eu acho complicado a mulher trabalhar fora o dia inteiro e perder essa coisa de cuidar do lar e da família que a mulher tinha antes. Então, apesar de minha mãe ter sempre trabalhado fora, ter sempre... Eu sempre tive esse modelo, mas eu senti sempre muita falta da presença dela. Mais tempo. Então eu acho que perdeu muita coisa da estrutura familiar quando a mulher começou a ter que ir trabalhar fora, né? Então, por isso que eu acho que eu também vi nessa minha carreira hoje, esta possibilidade. Como eu posso não ter que estar dentro em um lugar de tal hora tal hora, todos os dias, eu posso ter alguns horários para dedicar à minha

família, né? Durante a semana, sem prejudicar o final de semana. Ou à noite chegar cansada do trabalho. Entendeu? Hoje eu almoço em casa quase todo dia, praticamente. Eu cuido da casa durante a semana. Porque aí no final de semana eu estou disponível para meu marido para a gente sair, para a gente se divertir nós dois juntos. Sem ter que botar roupa na máquina, é..., lavar um banheiro, fazer alguma coisa dentro de casa (Lara, 35 anos).

Lara comenta que a inserção da mulher no mercado de trabalho e a necessidade de encarar mais os problemas, mudou a posição da mulher de conciliadora para participante ativa nos conflitos domésticos. Em sua opinião, a mulher deveria se sujeitar mais, ser mais resignada, aceitar certas coisas, algo que é próprio, segundo ela, do feminino:

Feminilidade de ser mais resignada, de ser mais... de aceitar algumas coisas, de não impor certas coisas. De falar quando tem que falar. De calar quando tem que calar, e não entrar em conflito. Por que o homem já tem isso muito forte dentro dele. Eu sei. Então quando a mulher entra com conflito, porque está com essa energia de ter que ir à luta, por que tem que ir trabalhar, acaba que a relação fica conturbada. Entendeu? Cabeça com cabeça batendo. Então eu acho que é papel da mulher nessa relação ter essa observação do que é certo, de ser mais resignada, de aceitar algumas coisas. Entendeu? Eu acho que é essa muita coisa do feminino. Entendeu? (Lara, 35 anos).

Como aponta Figueira (1986), vivemos um momento de transição, em que há uma convivência de antigos e novos costumes e padrões de comportamento. Essa convivência do novo e do tradicional pode ser observada na fala de Donatela quando afirma que, apesar de ainda vivermos em uma sociedade machista, hoje, não só a independência financeira da mulher é tida como de suma importância para o reconhecimento e respeito por parte das pessoas, de modo geral, como também é fundamental para o desenvolvimento de uma relação mais harmoniosa e de cumplicidade entre o casal:

E eu acho que a gente ainda vive uma sociedade machista, a gente ainda vive uma sociedade que coloca no casamento a solução pros problemas da mulher né? Infelizmente ainda é assim! A minha mãe ainda acha que a Mirela vai casar pro marido sustentar né? E eu digo pra ela, não faça isso! Enquanto você não tiver sua independência financeira, não se case! Por que? Porque a cabeça das pessoas de hoje, né? Não são como a dos nossos pais que tem 50 anos de casados. Naquela época era assim, a mulher cuida da casa e dos filhos e o homem cuida de prover a família. Mas, hoje não é assim... hoje cada um tem que prover e cada um tem que tomar conta dos filhos e da casa. Tem que dividir, né? A coisa tem que ser assim se não a coisa não dá certo. Evidente que vai ter um momento em que um vai tá pior, outro vai tá melhor. Às vezes um vai tá numa fase desempregado e o outro vai segurar. Pra isso que tem que ser... tem que tá junto. Agora não pode ser só com um, porque senão não dá certo, não dá, não dá porque querendo ou não querendo, isso dá poder à

pessoa, entendeu? Dá poder, a pessoa se sente poderosa porque ela tem o domínio e aí (Donatela, 49 anos).

Também a respeito dos novos papéis de homens e mulheres atualmente, Sofia comenta que é importante a participação dos dois na dinâmica familiar. Independente do fato de um dos dois, seja o homem ou a mulher, ficar trabalhando em casa ou cuidando dos filhos, os dois, para ela, devem contribuir para o bom funcionamento da família e da relação, algo que não acontece no caso de seu marido:

Não sei... o que eu acho é que se ele trabalhasse oito horas por dia em casa, não teria problema nenhum. Entendeu? E não fingir que estava trabalhando. Sabe, eu acho que isso não depende, não é o fato de estar em casa ou não ou simplesmente isso é uma opção, do marido ficar em casa para cuidar dos filhos. Mas está com os filhos, tá fazendo alguma coisa, tá contribuindo com a família, com a relação. Você não tá morando dentro da casa simplesmente. Uma pessoa que está ali participando da dinâmica da família. Eu acho que se são felizes, tá valendo. Estão bem assim? Não vejo problema nenhum (Sofia, 31 anos).

Outro ponto importante a ser ressaltado aqui é o da dupla jornada de trabalho da mulher, percebida por algumas entrevistadas, como Flora, como sendo uma questão cultural, ainda muito enraizada, que continua a atribuir à mulher a culpa por todos os problemas com a casa e os filhos:

Eu tenho amigas que... por conta de trabalhar o dia inteiro, chegar em casa e ainda se aporrinhar com o marido, que quer que faça isso, faça aquilo e criança gritando e um monte de outras situações que não aguenta, e... e começa a descuidar do casamento, a descuidar da sua imagem, do seu corpo e talvez até muitos desses relacionamentos terminem porque a mulher acaba virando um trapo e... Nesse de virar trapo a mulher não consegue... e... Não consegue dar conta desses múltiplos papéis que ela é obrigada a enfrentar. Porque culturalmente se a casa está suja, a porca é a mulher. Se... se o filho está ruim na escola e não estudou, a nota ruim não é o pai que não prestou a atenção, é sempre a mulher (Flora, 44 anos).

Todas as nossas entrevistadas relataram ter empregadas ou faxineiras com as quais partilham a maioria dos serviços da casa. Elas comentam que, embora até pudessem realizar algumas tarefas, isso não era a regra:

Desde os primeiros meses a gente teve faxineira e aí ficava fácil. E como também não sujava muito era bem tranquilo (Luana, 33 anos).

Tarefas domésticas nenhum dos dois nunca fez. Assim, às vezes pegar e fazer uma comida, a gente sempre curtiu, mas tarefa doméstica nunca fizemos.

Tinham os cuidados com as crianças, a babá tava ali, mas quando tinha alguém perto a criança ficava com a gente, isso era obrigatório. Entrou alguém em casa, a mulher some, era assim a regra. Então assim, vou sair de novo, devolve, ou uma ou outra, não ficava babá e pai ou mãe, ou um ou outro (Paola, 43 anos).

Mas eu não tive, e (pausa) essa rotina como muitas mulheres que infelizmente saem de manhã e chegam de noite, com marido reclamando, que quer comer isso que quer fazer aquilo, (pausa) que a casa está suja, que tem que passar pano, que tem que lavar isso, lavar aquilo. (pausa) Comigo isso não acontecia. Então, apesar de eu ter uma rotina de trabalho complicada, como toda mulher moderna tem e todo esse compromisso social de arcar, ainda, com os trabalhos domésticos, eu não tive (Flora, 44 anos).

Flora e Paola relatam que suas tarefas ao chegar em casa se restringiam aos cuidados com os filhos e que, mesmo isso, também era dividido com os maridos:

Então eu já era profissional durante o dia e mãe integral durante a noite. No período do... no período que meu filho estava pequeno eu não ficava muito em casa. Quer dizer, ficava de noite, mas tinham dois, três dias na semana que meu ex-marido tinha que segurar um pouco, botar pra ver um desenhinho, dar comida, que é pra eu poder cumprir as tarefas da faculdade. Quando a minha filha nasceu eu já estava formada. E aí, eu já era mãe em período integral quando eu chegava em casa. A minha tarefa era ser mãe (Flora, 44 anos).

E no meu caso específico sempre foi dividido. Mas, minha visão é que os homens estão tentando equilibrar essa relação. A minha sempre foi muito equilibrada, quando eu chegava em casa já tava tudo feito. Então a minha segunda jornada era muito mais lúdica do que de obrigações e fazer comida ou acordar cedo de manhã pra deixar o almoço pronto. Eu não tinha nada disso, nem nunca teve. Então era chegar e brincar com as crianças, chegar e jogar um jogo, então sempre já foi bem dividido (Paola, 43 anos).

No artigo “Serviço doméstico fica mais caro e gera novo perfil de trabalhadora”, Guimarães (2012) informa que o perfil dos trabalhadores domésticos no Brasil vem se modificando e eles estão se tornando cada vez capacitados. Isso leva a um aumento do salário médio dos trabalhadores domésticos, segundo Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, de 9,7% em relação ao ano anterior, percentagem esta maior do que a dos demais trabalhadores. Também encontramos no artigo o relato do economista Marcelo Neri que informa que, no futuro, o Brasil será como nas economias desenvolvidas, onde ter empregado doméstico é considerado um luxo. Assim sendo, acreditamos que a situação de nossas entrevistadas, em que todas contam com ajuda externa vai se tornar cada vez mais rara e talvez altere um pouco a situação por nós encontrada, ou aumentando a carga horária da

mulher, o que traria para elas maior sobrecarga de trabalho, ou levando a uma maior participação masculina na esfera doméstica.

Flora, por exemplo, comenta que ela e o marido tiveram a possibilidade de ter uma empregada doméstica com quem podiam contar para a execução das tarefas da casa e, assim, não precisaram se preocupar com as atividades domésticas, auxílio este com que muitas mulheres atuais já não podem contar por falta de condições financeiras, ficando, assim, sobrecarregadas. Como aponta Flora,

Olha... é... talvez a minha situação seja até uma situação meio atípica, uma vez que, como a gente está conversando eu não precisei ser tão doméstica pra cuidar das coisas. Mas eu acredito que um dos maiores pesos da, na vida de uma mulher é quando infelizmente as condições financeiras não são suficientes pra que ela consiga, ou o marido, pagar uma empregada, pra pagar alguém pra ficar em casa, como acontecia na minha casa, pra cuidar das coisas (Flora, 44 anos).

Sobre essa questão da divisão de tarefas no ambiente doméstico, Flora também relata que percebe que muitas mulheres tem que se dividir entre o trabalho fora de casa o dia todo e as tarefas domésticas e cuidados dos filhos ao chegar em casa. Por não conseguir dar conta de tudo com a perfeição esperada, muitas delas são chamadas de descuidadas, uma vez que antes, a mulher se dedicava em tempo integral aos cuidados do lar e dos filhos. Segundo ela, esta sobrecarga de trabalho da mulher atual que, muitas vezes, não conta com a ajuda do marido, pode, de uma forma ou de outra, levar à separação:

Mas eu entendo que (pausa) pra maioria das mulheres é uma tarefa complicada e que (pausa) talvez isso (pausa) não sei qual é o foco da sua pesquisa, talvez seja isso, muitas vezes o caso de separação. Porque a gente vê mulheres, eu tenho amigas que (pausa) por conta de trabalhar o dia inteiro, chegar em casa e ainda se aporrinhar com o marido, que quer que faça isso, faça aquilo e criança gritando e um monte de outras situações que não aguenta, e (pausa) e começa a descuidar do casamento, a descuidar da sua imagem, do seu corpo e talvez até muitos desses relacionamentos terminem porque a mulher acaba virando um trapo e (pausa) Nesse de virar trapo a mulher não consegue (pausa) e (pausa) Não consegue dar conta desses múltiplos papéis que ela é obrigada a enfrentar. Porque culturalmente se a casa está suja, a porca é a mulher. Se (pausa) se o filho está ruim na escola e não estudou, a nota ruim não é o pai que não prestou a atenção, é sempre a mulher (Flora, 44 anos).

Apesar de não se enquadrar nesse perfil, Luana acha que não só a sociedade como também a própria mulher se cobra muito com relação aos padrões pré-estabelecidos no que diz respeito aos cuidados consigo e com a casa e, para algumas pessoas, ainda hoje o trabalho

feminino fora de casa parece não dispensar a mulher da responsabilidade pelos serviços domésticos. Ela relata que chegou a ouvir de sua ex-cunhada que ela não fazia nada pois, quando chegava do trabalho à noite, a faxineira já tinha cuidado das tarefas domésticas, algo que, para ela, era um alívio:

Eu acho que assim, a gente se cobra muito, como mulher a sociedade cobra muito e você se cobra mesmo, você adota determinadas ideias que você tem que ser bonita, você tem que ser simpática, você tem que ser dona de casa, você tem que né? Tem que... todo mundo tem. Você acumula muita função. Mas como eu sempre fui muito ligada ao trabalho, à vida fora de casa eu não me senti obrigada a cuidar de tudo assim. Por exemplo, uma situação quando eu tava casada e encontrei uma pessoa e ela falou assim, acho que foi minha ex-cunhada, ah! Mas a menina vai na sua casa quando? Ah! Segunda, quarta e sexta, ela vai lá deixa um arroz pronto e faz uma faxina. Então você não faz nada? Eu falei olha, depende, eu trabalho o dia inteiro e à noite tem que ter pelo menos uma comida. Porque a pessoa não tem noção do que você faz na rua também entendeu? ... Por exemplo, a minha realidade sempre foi trabalhar muito e chegar cansada em casa a noite. Porque eu fazia as coisas, eu não passo fome, porque se eu tiver que fazer, eu vou fazer mesmo! Eu janto, eu gosto de comida e tal. Mas assim, eu ficava cansada. Então quando eu consegui colocar alguma pessoa pra ajudar, que nem foi tão caro, porque ela ia metade do dia lá e arrumava as coisas, foi um alívio pra mim. Não era pesado ficar arrumando tudo, fazendo comida todo dia. Mas eu não me senti obrigada assim. Mas existem alguns modelos que tem na cabeça da gente que as mulheres tem que dar conta de tudo (Luana, 33 anos).

Sofia comenta que pagava uma faxineira, mas que até não se incomodava de fazer uma limpeza de vez em quando. Quanto à cozinha, realmente não gostava de cozinhar e por isso pagava uma pessoa para fazer a comida:

Eu trabalhava muito mais que ele. Bem, eu não sei... eu pago uma faxineira de 15 em 15 dias. Eu não sou nenhum pouco dona de casa eu prefiro pagar pra alguém fazer. Eu acho que cada um tem que se virar do seu jeito, se você gosta de cozinhar ou não pode pagar pra alguém fazer... já eu posso me dar ao luxo de pagar alguém pra fazer pra mim. Eu não cozinho, porque não gosto... e não pensando: Ai meu Deus se eu cozinhar eu vou ser Amélia. Varrer casa não me incomoda, até que eu varro de vez em quando. Cozinhar não, eu pago pra alguém cozinhar e ninguém vai morrer de fome (Sofia, 31 anos).

Mas, o que mais a incomodava não era o fato dela pagar alguém para fazer os serviços domésticos, mas sim do ex-marido ficar o dia inteiro em casa e não fazer nada, além de não tomar nenhuma atitude para mudar a situação:

Acho que a pior coisa era o fato dele fingir que trabalhava. Entendeu, porque a maior parte das vezes ele não estava trabalhando e eu sabia, quer dizer eu desconfiava e quando a gente veio morar junto eu pude ter certeza. Ele nunca

procurava um emprego melhor, que ganhasse mais que fizesse alguma coisa. Era muito acomodado. Lógico, né? Ficava em casa, acordava a hora que ele queria, ficava jogando vídeo-game. Era muito cômodo pra ele, e eu pagando as contas. Assim, era muito fácil. Ele só ajudando dentro das condições que ele podia, mas também não procurava melhorar e era uma das coisas que me incomodava. Quer dizer foi uma das principais coisas. Assim, porque se ao mesmo tempo ele não pudesse ter a condição financeira, mas pelo fato dele estar em casa ele podia fazer muito mais coisa que ele não fazia. Entendeu? Simplesmente lavar a louça dele. Sabe, ele ficava em casa, era o mínimo que ele poderia fazer e nem isso ele queria fazer (Sofia, 31 anos).

Donatela também experimentou uma rotina diferente daquela das mulheres que dividem com os maridos as responsabilidades pelas tarefas domésticas e cuidados com os filhos. Ela chega a chamar seu marido de “senhor”, provavelmente em uma alusão aos senhores de engenho que, na época do Brasil colônia, ocupavam lugar central no seu grupo familiar e tinham todos a seus pés:

É, numa determinada fase a gente tinha várias empregadas, eu sempre tive empregada, uma empregada eu sempre tive, né? Mas, ele nunca fez compras de mercado, sabe? Ele não participava de atividades domésticas. Não participava. (pausa) Ele era aquele senhor (risos). Ele chegava e queria tudo pronto e enfim, que estivesse do jeito que ele gostava, as coisas tinham que ser do jeito que ele gostava. Enfim... (Donatela, 49 anos).

Ainda com relação à divisão de tarefas, Lara compara seu ex-casamento com uma brincadeira de casinha, em que ela chegava em casa cansada e sem ânimo para fazer nada. Essa experiência é bem diferente da que tem hoje, quando chega do trabalho e vai organizar as coisas para cozinhar:

Era meio difícil porque eu lembro que a noite eu ficava muito cansada, né. Porque minha estrutura até física era outra. Então, eu chegava em casa eu não tinha ânimo de fazer nada. Eu só ia e tomava banho e deitava (pausa) Num ... É, (pausa) Não tinha (pausa) Não tinha o que eu tenho hoje, de chegar, cozinhar, que que vai, como é? O que é o que você vai comer. Num tinha (pausa) Num tinha isso (pausa) Era uma brincadeira de casinha (pausa) Vamos dizer assim (Lara, 35 anos).

A entrevistada também informa que não tem grandes recordações do cotidiano do casal, mas informa que procurava no ex-marido um cuidado de pai e não encontrar isso por falta de maturidade dele foi um caminho para a separação. Ela assinala, ainda, que também ela acabava não se sentindo no dever de cuidar da relação:

Não tenho muitas recordações do dia-a-dia assim com ele. De como era... mas era... eu acho que era muito, eu acho que eu esperava muito dele no cuidado, uma coisa muito de pai, né, e ele como não tinha (riso) muita maturidade para

ser nada disso, né. Ainda bem, né! Porque também se fosse, ele poderia suprir uma carência minha e eu não ter tido coragem de me separar, né! ... Então eu acho que eu esperava muito assim, ser cuidada por ele (voz infantilizada). Então eu não me sentia na obrigação de cuidar da relação, entendeu?! (Lara, 35 anos).

Paola chega a afirmar que, apesar da mulher estar sobrecarregada por acumular trabalho e família, ela ganhou muito ao entrar no mercado de trabalho. Ela passou a ter acesso ao convívio com outras pessoas, a ter outros amigos, não se limitando ao mundo do marido:

É... (pausa) Eu acho que a mulher ganhou muito com essa história toda. Pela oportunidade de trabalhar, ver outras coisas, ter outros amigos e não ter aquele mundo limitado da vida do marido, ela tem a vida própria dela. Aí vem o contraponto que é de fato a mulher ser de fato sobrecarregada. Assim, poxa, será que é esse o preço mesmo? Que você tem que pagar pra você ter acesso a vida externa, ao mundo? (Paola, 43 anos).

Por outro lado, Paola ressalta que, as mudanças decorrentes da entrada da mulher no mercado de trabalho afetou a ambos os cônjuges. A dupla jornada hoje é vivenciada por ambos, ainda que acredite que isso esteja sendo mais difícil para os homens do que para as mulheres:

Então o que eu vejo hoje é que cada vez mais essa dupla jornada é pros dois. Não é da mulher mais, só. Eu vejo isso muito. Se fizer um apanhado geral aqui, eu diria que 100% das minhas amigas, os casais, tem um monte separados, mas é... essa dupla jornada é do casal, não é mais só da mulher. Acho que isso foi o fato seguinte. Teve liberação, mulher no trabalho, independência e não sei o que, mas o que veio agora, que eu acho que está sendo muito mais difícil até pela estrutura cerebral do homem, que a mudança tá acontecendo muito grande agora com os homens. Eu não acho que hoje essa dupla jornada seja um fardo, porque não é exclusiva da mulher. Não é mais, não vejo mais isso (Paola, 43 anos).

Ao ser questionada sobre como vê o papel de homens e mulheres nas relações atuais, Paola reafirma sua opinião de que a igualdade entre os sexos está sendo conquistada, pouco a pouco, no cotidiano, e que as mulheres estariam se utilizando de artifícios para que os homens passem a fazer determinadas tarefas antes só realizadas por elas, como cozinhar, fazendo uso de sutilezas como “É charmoso o homem que cozinha!”. Assim, as mulheres estariam, aos poucos, conseguindo levar os homens a dividir as tarefas domésticas:

Acho que teve um salto muito grande, muito recente assim, questão de sei lá, menos de 10 anos. E os homens tão conseguindo entender, tão começando a entender como pode ser feita essa divisão. Não tem nada que a mulher faça que o homem não possa fazer né? Na vida cotidiana, ali na rotina da casa, na rotina dos filhos. Eu acho que é muito novo ainda. A história que a mulher fez

foi toda muito acelerada né? Assim, 30 anos, 40 anos... E o homem tem 10 digamos, dessa nova vida. Então é tudo muito novo, fresquinho ainda. E aí eu acho que a gente acaba usando uns artifícios, tipo assim, ah! É legal o homem que cozinha! Ah! É charmoso o homem que cozinha? Então coloca ele pra cozinhar! Ah! Homem não varre casa... Por que não? Na minha história, como eu falei, essa parte, ninguém nunca fez nada. Mas, eu tenho amigos que fazem e assim, o homem cuida da casa. Se o homem troca a lâmpada, conserta maçaneta então ele também varre. Por que não? Talvez as mulheres estão usando alguns artifícios pra ir abrindo essas portas, tipo já que você tá trocando a lâmpada tira o pó do lustre. Então, sabendo usar isso a gente vai mostrando os caminhos e vai realmente dividindo (Paola, 43 anos).

Paola também acha que é responsabilidade das mulheres mostrar aos homens que cuidar dos filhos pode ser um ganho para eles, uma vez que esta aproximação traria maior intimidade para a relação entre pai e filho. Assim, trocar fraldas e dar banho, não seria simplesmente uma obrigação, mas pode vir a ser um momento de carinho e prazer para o homem. Os homens acabam percebendo isso se tornam mais participativos:

O cuidado com as crianças é uma coisa muito bacana também, porque até pouco tempo atrás homem não trocava fralda. Eu tenho um irmão que casou há 20 anos atrás e não trocava fraldas e teve uma segunda filha há 4 anos atrás e ele ficava olhando assim, ué agora tudo mudou e agora eu tenho que trocar fralda? E agora? Por que eu tenho que trocar fralda? Mas, eu acho que rapidamente eles percebem o ganho que eles tem com isso, do convívio com os filhos, da intimidade com o filho, de dar um banho, escolher uma roupa. Não é só jogar bola ... E aí eu acho que eles muito rápido percebem que só ganham com isso. Então de novo, acaba sendo nossa responsabilidade como mulher abrir as portas e mostrar os caminhos. Assim, você tá trocando a fralda não é porque eu quero que você fique com a mão cheia de coco, mas porque eu quero que você tenha um momento de intimidade com os seus filhos e essa é a hora. É na hora do banho, no próprio fazer dormir... tudo bem eu tenho que amamentar, mas curte um pouco também não é agora o sacrifício é seu, mas sim agora o prazer, eu vou te transferir parte de um prazer que é exclusivo meu e vou te dar um pedacinho desse prazer também que é cuidar de um bebê. E aí assim, pronto assim se faz um caminho. E acho que as respostas estão sim muito boas, porque eu tenho visto de uma forma geral os homens muito participativos (Paola, 43 anos).

Para Luana, o avanço no crescimento profissional das mulheres, apesar de ter um reflexo na situação financeira do casal e na luta pela igualdade entre eles, cria novas dificuldades para ambos que se encontram diante de uma nova realidade. Luana acredita que os homens estão intimidados e as mulheres frustradas com as novas cobranças. No caso das mulheres, segundo Luana, elas se sentem um pouco frustradas porque, além de ter que ser as

melhores mães, elas têm que ser também as melhores profissionais, algo bastante difícil de ser alcançado:

Hoje financeiramente eu acho que há uma contribuição. Como as mulheres avançaram muito no sentido de crescer, de enfrentar as coisas sozinhas, de lutarem pela igualdade quando você tá fazendo um negócio, quando você tá trabalhando e tudo mais, os homens estão muito mais mitigados, muito mais amedrontados, mais acovardados, entendeu? E aí acho que é uma dificuldade tanto do homem quanto da mulher de enfrentar essa nova realidade ... A identidade deles, que sei lá criaram na cabeça deles ou na nossa mesmo de homem que cuida, banca, protege caiu por terra ... E as mulheres também um pouco frustradas por causa das cobranças que elas tem socialmente, porque tem quem ser as melhores profissionais, as melhores mães, um amor incondicional pelos filhos, tem que ter, tem que querer. Tem que ter filho, tem que perder sua vaidade e ninguém aguenta preencher todos esses requisitos (Luana, 33 anos).

Ainda relacionando ao novo papel feminino, que envolve a conciliação da maternidade com a vida profissional, Paola comenta que, por preconceito e medo do julgamento por parte da sociedade, muitas mulheres, ao se tornarem mães, abrem mão do seu crescimento profissional para se dedicar aos filhos. Por outro lado, ela se refere a dois casos de sucesso profissional, inclusive o seu próprio sucesso, que mostram que isso é possível. Mesmo sendo julgadas por não estarem totalmente presentes na criação dos filhos, elas souberam dosar a importância de ser uma pessoa feliz e realizada profissionalmente e não uma mãe frustrada e infeliz por não ter se dedicado como gostaria ao trabalho. Ela ressalta a importância da firmeza da mulher na sua tomada de decisão após pesar e dosar a sua atuação profissional e a maternidade quando ambas são importantes para ela:

E eu acho que ainda tem muito mulher que abre mão de um crescimento profissional por causa disso, porque tem medo de deixar. Eu tenho uma amiga que a história dela é muito parecida com a minha, ela é totalmente acelerada, acho que é um pouco mais agressiva do que eu. Isso dela querer sucesso profissional e tal e ela foi convidada uma época pra trabalhar em São Paulo e ela tinha um bebê de oito meses. Quando ela voltou de licença convidaram pra ela ser promovida, ela trabalha em hotel, em São Paulo. E aí, nesse nosso grupo das meninas, ela foi muito julgada. Só eu que falei, cara vai, porque sua oportunidade é agora, seus filhos estão lá e estarão pra sempre, quer dizer não vai ver a criança dar o primeiro passo, mas vai passar o fim de semana com ela e feliz, porque não adianta você ficar aqui e ver e ser infeliz, abrir mão e ser infeliz. Tem que saber o quanto você quer isso, o quanto vai te dar prazer. Porque se você não for e ficar frustrada por não ter ido, vai ser muito pior pros seus filhos do que sua ausência. A sua presença amarga é muito pior do que a sua ausência feliz. E eu falava isso e quase que fui linchada na mesa! Como assim, vai deixar um bebê de oito meses? Eu falei assim, gente eu não deixei?

Eu não tava em São Paulo, mas quando chegava em casa tava todo mundo dormindo. Qual a diferença? Sabe, confiava no Raul que estava lá. É... formando eles e explicando porque eu não estava lá e que no fim de semana eu tava e toda vez que eu tava, eu tava rindo e feliz e animada e saindo. Tava ali total, inteira... Ela acabou indo, ela fica 3 dias lá, 2 dias cá intercalando, assim como eu (Paola, 43 anos).

No discurso de Paola encontramos o uso da expressão “inversão de papéis” entre o homem e a mulher, ao se referir ao fato de que o homem fica responsável pelos afazeres domésticos e os filhos enquanto a mãe vai trabalhar. Segundo ela, a sociedade ainda não estaria preparada para essa mudança nos papéis sociais de homens e mulheres e, por isso, a mulher tem que ter convicção da atitude de que está tomando, do prazer que isso lhe traz e não ter dúvidas acerca de suas escolhas:

Então de novo a sociedade não tá preparada ainda pra isso. Por que que a mãe tem que tem que ver o primeiro passo? Por que não pode ser o pai? O pai estaria trabalhando, só que é a mãe que tá trabalhando e não sempre foi assim? Um fica e o outro sai? Então inverte ela sai e ele fica. Eu acho que ainda atrasa muito essa história pra mulher, porque tudo que ela vai fazer é meio com o pé atrás. Assim eu acho que tudo que você faz tem que fazer com convicção, ter certeza e com prazer. Se não for com prazer não adianta nada, vai jogar tudo fora no final (Paola, 43 anos).

4.3.3 SEPARAÇÃO CONJUGAL, RELACIONAMENTO COM O EX-CÔNJUGE E NOVAS EXPERIÊNCIAS

Finalmente, no que diz respeito à terceira categoria, buscamos observar no discurso de nossas entrevistadas diversas experiências pelas quais passaram que podem ter levado seus casamentos ao fim e ao pedido de separação. Observamos também como é seu contato e sua relação com os ex-maridos, bem como de que forma reestruturaram suas vidas após o término do relacionamento. Assim, esta categoria está subdividida nas seguintes categorias: Separação Conjugal e Relacionamento com o Ex-cônjuge; e Novas Experiências.

A) SEPARAÇÃO CONJUGAL

Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que, em 2010, 70,5% das separações não consensuais foram requeridas pelas mulheres. Parece que

nossa amostra, até certo ponto, confirma essa tendência. Entre nossas entrevistadas, a metade, isto é, três delas pediram a separação, em dois casos a separação foi solicitada pelos maridos e em um deles a separação foi pedida de comum acordo. Se considerarmos separadamente as que tinham filhos e as que não tinham, apenas uma das que tinha filhos tomou a iniciativa da separação, o que pode apontar para o fato de que a existência de filhos pode tornar mais difícil para a mulher o pedido de separação ou, pelo menos, levar ao seu adiamento.

➤ Grupo das mulheres que tomaram a iniciativa pela separação:

Donatela – 49 anos, advogada, 23 anos de casamento, uma filha

Lara – 35 anos, massoterapeuta, 2 anos de casamento, sem filhos

Sofia – 31 anos, administradora, 2 anos de casamento, sem filhos

➤ Grupo das mulheres em que os maridos tomaram a iniciativa pela separação:

Paola – 43 anos, administradora, 16 anos de casamento, um casal de filhos

Luana – 33 anos, advogada, 2 anos de casamento, sem filhos

➤ Separação em comum acordo:

Flora – 44 anos, pedagoga, 14 anos de casamento, um casal de filhos

Cada uma de nossas entrevistadas apresentou uma série de motivos que possivelmente levou seu relacionamento conjugal ao fim. A maioria afirmou que o relacionamento não tinha mais futuro e todas concordaram que a relação não andava bem:

Fui eu que tomei a iniciativa, fui eu que saí de casa ... e eu, era a minha hora ou era ali ou não era, entendeu? Não dava mais pra esperar. Cheguei num ponto que eu não tinha mais, se eu ficasse mais eu ia me acovardar, eu já tava com 42 anos, ia fazer 43 então eu não dava, ou eu tomava uma atitude ou eu não tomava (Donatela, 49 anos).

No dia da separação, aí teve um dia que aí, aí eu vinha pensando nisso, o que é que eu vou fazer?! Num sei se eu num vô. Como é que eu vou. Eu não sabia como que eu ia falar. Como é que eu vou falar. Aí, teve um dia que eu tava... A gente era sócio de um clube, aí eu fui pra piscina, ele chegou depois e eu não conseguia nem beijá-lo. Foi difícil até para beijar ele. Tava me dando uma coisa assim, eu falei, não, hoje eu preciso falar. Se eu não falar como é que vai ser o dia de amanhã?! Que eu já não tava aguentando... já não conseguia mais imaginar o dia de amanhã. Aí cheguei, falei assim, nem lembro direito como eu falei mas ele ficou, ele ficou assim, muito surpreso. Achou que eu

queria um tempo. Tanto é que fiz minha mudança pra minha mãe. Ele achou que eu ia levar meia dúzia de roupa e eu tava levando tudo. Ele falou, você não vai só pensar uns dias... Mas a ficha não caía pra ele (Lara, 35 anos).

Eu várias vezes conversava com ele e dizia pra ele as coisas que ele fazia que me incomodavam que eu via que não eram só coisas ligadas ao dia-a-dia eram coisas ligadas à vida como um todo e ele não entendia o que eu falava, sei lá não levava a sério e aquelas coisas foram incomodando, incomodando e ele não procurava melhorar, não fazia nada, até que se tornou insuportável pra mim e eu resolvi separar e ele simplesmente aceitou, falou que não iria mudar e foi (Sofia, 31 anos).

É (pausa) é uma história complicada, porque até hoje eu não sei o que exatamente aconteceu. Um belo dia ele acordou e falou quero conversar com você. Acordou não, foi uma sexta-feira a noite. A gente chegou do cinema e ele falou quero me separar! (pausa) Aí claro! Achei que houvesse outra e não tinha outra ... Eu quase morri! (risos) Ele falou pra mim não é nada com você, nada com você. Nunca vou me casar de novo, não penso em ter outra mulher. É (pausa) foi ótimo tudo aquilo que a gente construiu, faria tudo de novo, mas agora não quero mais isso. E acabou. Há alguma coisa que eu possa fazer pra reverter isso? Ele disse não. E eu disse então tá, eu não fiquei discutindo (Paola, 43 anos).

Daí ficamos casados exatos dois anos praticamente porque fez assim dois anos dia 17 de dezembro e dia 31 de dezembro ele foi embora, juntou as coisas dele e foi embora. Mas logo que a gente casou eu achei que ele é... ficou insatisfeito na convivência, na casa morando com outra pessoa. Aparentemente seria uma imaturidade, porque mudou de casa, porque estranha tudo, eu acho que qualquer pessoa estranha mesmo, entendeu? ... é... não foi uma coisa boa, mas ao mesmo tempo, ele não me ameaçava mais de ir embora (Luana, 33 anos).

Quando a gente resolveu separar a gente já estava praticamente amigo... a relação da gente já tinha esfriado. Como eu já te disse, a gente namorou dez anos em antes de casar. Demorou muito tempo pra casar, depois a gente casou e ainda ficamos quatorze anos juntos. No final, foram vinte e quatro anos de relacionamento. Dez, dez anos de namoro e quatorze anos casados em baixo do mesmo teto. É (pausa) pelo menos no meu caso, chega uma hora em que a relação estava desgastada. É como se o próprio vício do tempo, ou como se a gente fosse perdendo o outro um pouquinho todo dia, e chega uma hora em que você (pausa) vê que você não tem mais um relacionamento. Você não tem mais um companheiro (pausa) Você tem o pai dos seus filhos, que tá contigo ali em baixo do mesmo teto, mas você já não tem mais a mesma admiração, o mesmo desejo sexual e (pausa) aí vai esfriando. E chega uma hora que (pausa) são duas pessoas embaixo do mesmo teto e a estória que te juntou, de repente já não está tão forte. Acho que foi assim que aconteceu comigo. Num (pausa) num houve uma situação em que a gente brigou, ou que foi uma, uma

situação externa ou uma dificuldade financeira que fez o relacionamento ruir (Flora, 44 anos).

Paola comenta que quando o ex-marido pediu a separação parecia já estar certo disso. Como a relação dos dois sempre foi equilibrada, sem discussões, ela tomou um choque. Não teve chance de pedir uma reconsideração e, assim, teve que acatar a decisão dele. Foi um período muito difícil para ela, que passou por insônias e momentos de choro, mas depois começou a focar nos filhos e na carreira e conseguiu se reerguer, chegando inclusive a ser promovida no trabalho:

Já tava totalmente resolvido. Inclusive ele tava fazendo terapia e quem indicou o terapeuta fui eu acredita? O cara deve ter ajudado ele a tudo (risos). Não precisava ser radical, podia ter ido me preparando aos poucos e tal. Começava a sumir sei lá. Qualquer coisa! Brigava! A gente nunca brigou (pausa) nunca discutimos. Não percebi nada diferente, nada, nada Eu quase morri! Eu passei 3 meses, muito tempo pra mim, muito ruim, muito ruim, fiquei 3 meses quase sem dormir, virava 3, 4, 5 noites sem dormir ... Então, no final eu tava péssima, assim velha, cansada, olheiras, só trabalhando e ninguém soube nada no trabalho e um ano depois que o povo foi descobrir que eu tinha me separado. E (pausa) assim, nada podia mudar ali na relação com as crianças, na relação com o trabalho. A mamãe ficou com ódio dele, querendo matar ele, até porque era louca por ele, né? Ficou com muita raiva dele. E aí eu foquei durante, falei agora vou me concentrar nos meus filhos e no meu trabalho. Fazer o que? Os filhos já tem a vida deles regrada, toda rotina, quem busca, quem leva, quem estuda e eu não podia mudar muito isso até porque não tinha como. Então agora é carga total no trabalho, já fui promovida esse ano e aí pronto e aí foi. Não ia ficar me lamentando, chorava, chorava, chorei meses e meses (Paola, 43 anos).

Mesmo assim, Paola acredita que o relacionamento dos dois não deu errado, foi um casamento que “foi bom enquanto durou”:

Foi realmente tudo bem rápido e tal. Deu muito certo. Eu sempre falo que dando um salto rápido, mas assim eu não tenho como não falar, mas assim, acho que não foi um casamento que deu errado. Foi um casamento que acabou. Deu muito certo desde o início, mas de repente acabou. Enfim, foi um tempo muito bacana, bem vividos (Paola, 43 anos).

Donatela afirmou que desde o início do casamento teve que aprender a conviver com o problema do alcoolismo do ex-marido e todos os conflitos que esse tipo de problema pode gerar. Como mencionado por ela anteriormente, um desses problemas diz respeito às traições conjugais e ao fato de não assumir responsabilidade pela criação da filha do casal. Após ter iniciado sua carreira tardiamente, Donatela se manteve no casamento até se sentir segura profissionalmente e poder sair da relação. Nesse meio tempo, o marido aderiu ao A. A.

(Alcoólicos Anônimos⁷) e, segundo ela, aos olhos dos outros, se tornou um marido dedicado e bom pai de família, mas a relação não se sustentava mais e ela pediu a separação:

Ele parou de beber nesse período, ele resolveu aceitar o A. A. e parou de beber e Mirela já ia fazer onze anos quando ele parou de beber. Enfim, aí ele virou o marido ideal aos olhos de todo mundo, né? Parou de beber, dedicado à família, porque aí já tinha tido mais dois casos extra-conjugais nessa ocasião, mas aí ele virou ideal. Só que quando ele virou ideal, é... não dava mais, porque aí meu coração já tava muito endurecido, porque eu já tinha passado tudo que eu tinha que passar entendeu? Aí eu realmente eu fui muito, muito, muito fria. É eu digo isso sem pudor (pausa) porque eu pensei em mim. Eu falei assim, agora é a minha vez, eu vim até aqui, não vou ficar, é... não vou sair dessa relação de qualquer maneira. Eu acho que a gente construiu um patrimônio, eu tenho uma parcela grande nessa história porque eu passei uma porção de coisas, né? Eu segurei a barra da minha filha e acho que eu faria tudo igual, tudo de novo, não faria nada diferente porque eu não me arrependo em momento nenhum de... de ter me dedicado da maneira que eu me dediquei, me dedico até hoje, porque a gente conseguiu resgatar a Mirela, né? Se não, não teria sido, senão não sei o que teria sido da cabeça dela, o que teria acontecido com ela, né? E... continuei vivendo com ele por um tempo até que eu me senti segura profissionalmente pra, pra sair da relação. E aí ele ficou muito irritado, porque ele não queria, aí ele disse que eu tinha outro, que eu tinha não sei o que, que eu tenho não sei que mais e enfim (pausa) não me importa, não me importa, né? O que me importa é o que eu acho que eu fiz o que eu tinha que fazer (Donatela, 49 anos).

Donatela relata que lamenta que o casamento tenha terminado de uma maneira tão negativa, principalmente para o ex-marido que até hoje não suporta estar no mesmo ambiente que ela. O relacionamento dos dois foi acabando e ela foi percebendo que não se adequava mais ao estilo de vida dele:

É (pausa) vai acabando, vai minando, é como uma chama que acaba. E aí, assim, eu lamento muito, apesar de não concordar com o estilo de vida dele e tal, mas, eu lamento muito de que as coisas tenham terminado de uma maneira, pra ele especialmente, é (pausa) negativas dessa forma. Deixa eu explicar, é como eu te falei, ele não foi nem ao enterro do meu pai, né? Ele é uma pessoa que ele, se ele estiver em um lugar eu não posso estar. Ele não divide o mesmo ambiente comigo (Donatela, 49 anos).

Quando questionada sobre como foi a decisão de tomar a iniciativa da separação, Lara relata que passou por uma situação difícil. A convivência dos dois não era boa, ganhavam pouco e quando ela começou a crescer profissionalmente, ele não a apoiou. Isso fez com que

⁷ Alcoólicos Anônimos: Irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. Definição retirada do site oficial: <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>

ela começasse a prestar atenção em outros homens e a ter medo de ficar em casa, quando, na verdade, tinha era medo de encarar o término do casamento. Relatou ter desenvolvido síndrome do pânico e acredita que, caso não tivesse se separado, sua situação iria piorar ainda mais:

Só que a gente ganhava muito pouco. Não podia fazer muitas coisas. Era bem apertado. E aí, eu comecei a crescer um pouquinho no meu trabalho. Ele começou a não entender a minha dedicação pro meu trabalho, que na época eu gostava muito. Eu fazia outras coisas. E, aí, comecei a ver que não estava me sentindo bem ali, naquela relação. Comecei a ter vontade de olhar para outros homens, comecei a ter vontade de estar com outras pessoas, e, aí, eu comecei a ficar com medo até de ficar dentro de casa. Eu tinha medo de ficar dentro de casa. Achava que ia aparecer uma bala perdida. E teve um dia que acordei com uma mulher gritando no meio da madrugada na rua. E fiquei muito impressionada. Na verdade eu estava começando a fazer uma síndrome do pânico. Se eu não tivesse tido a atitude de me separar eu ia me afundar ... Tinha medo. Chegava a fechar a porta do quarto e ficava trancada dentro do quarto. Tinha medo que alguém entrasse. Medo que acontecesse alguma coisa ali. Eu acho que, na verdade, era o medo da relação. De ter que encarar. Ou encarar a relação ou encarar o término da relação. Entendeu? (Lara, 35 anos).

Flora aponta que, apesar de, muitas vezes, ter se sentido sobrecarregada, como muitas outras mulheres, este não foi o principal motivo para o término de seu casamento. A relação com as famílias de origem também era satisfatória. Já quando se trata de filhos, ela ressalta que este sempre foi um fator de conflito, pois havia discordâncias entre eles na maneira de lidar com as crianças, já que, ela era mais superprotetora do que o marido. Porém, como ela mencionou anteriormente, o fim do relacionamento foi resultado de um desgaste natural da relação, o que pode ser percebido quando ela relata que, no fim do relacionamento, eles viviam como amigos, pais dos filhos, mas não como marido e mulher:

Apesar de eu ter uma rotina de trabalho complicada, como toda mulher moderna tem. E todo esse compromisso social de arcar, ainda, com os trabalhos domésticos, eu não tive... eu não posso dizer que eu tenho, na verdade,... ou tive durante a minha vida, essa cobrança. Até por conta de que eu trabalhei desde nova e meu marido também. Então a gente, como eu falei, a gente tinha essa possibilidade de encaixar uma pessoa para fazer isso. ... Não posso dizer que a dupla jornada, ou ter que voltar pra casa e enfrentar o papel de dona de casa, tenha sido a responsável pelo término do meu relacionamento. ... Eu tinha uma relação muito próxima com minha família e ele também. Então não é.. Eu acho que não foi a causa do nosso rompimento, do nosso relacionamento não teve muito a ver... Filho sim! Filho sempre é um motivo pra, pro casal brigar. Um concorda com uma coisa, o outro acha que tem que ser aquilo, o outro já acha que não deve ser assim... Geralmente eu

era um pouco mais protetora do que ele, fazia mais questão de coisas com relação às crianças (Flora, 44 anos).

Ao falar sobre sua separação, Luana comenta que a sociedade às vezes cobra que os envolvidos passem por um período de luto, de questionamento de porque o relacionamento não deu certo, de quem foi a culpa, quem foi o “incompetente”. Mas, no caso dela, apesar de se sentir culpada no início, o que restou foi um sentimento de alívio por terem cessado as ameaças dele ir embora:

Assim, inicialmente quando eu me separei, eu me senti culpada, vê se você entende o que eu quero dizer, fiquei pensando o que que eu fiz? O que que aconteceu? Onde é que eu errei? Onde é que eu não consegui agradar? Onde é? isso tava muito vivo. Depois, algumas respostas foram vindo aos poucos, talvez na dose certa pra eu poder entender. ... As pessoas cobram uma tristeza, um luto, quando de repente é um alívio, sabe? Mesmo que você goste, uma coisa é você gostar da pessoa, outra coisa é você estar triste porque se separou. Porque você às vezes tá vivendo uma pressão, uma coisa tão ruim, que você fica aliviada de não estar vivendo aquilo. E aí as pessoas te cobram um luto achando que você tem que ficar triste. Você tá triste por outro motivo e não porque se separou. Você tá triste porque você acha que você foi incompetente. Será que você não conseguiu manter alguma coisa, será que é assim, será que aconteceu com todo mundo? Será que toda vez que eu me relacionar com alguém vai ser assim? Porque às vezes aquela situação ali te faz muito mal. Eu me senti profundamente aliviada, embora tenha ficado triste e tal, mas eu me senti aliviada. Pelo menos me ameaçar, ele não ameaçava mais. E a frase, assim, do chão ninguém passa (Luana, 33 anos).

Luana assinala, ainda, que, de maneira geral, a independência das pessoas pode estar levando elas a um maior questionamento das coisas, como acerca do convívio familiar, ou a se desvencilhar de antigos padrões, inclusive da culpa religiosa, o que pode estar, de certo modo, contribuindo para a separação dos casais:

Eu acho que o que contribui muito é... (pausa) eu não sei como vou dizer, acho que a formação, a base familiar que cada um tem e a possibilidade que você tem no mundo de um modo geral. Talvez na época da minha mãe, dos meus pais, você tivesse mais rotulado ter que estar casada, ter que manter uma família, ter que cuidar dos filhos. E quem se aventurou e fez diferente disso enfrentou muito mais do que enfrenta hoje né? E essa questão de você ter mais independência, mais possibilidades, eu acho que assim, nosso país está em crescimento, as pessoas estão viajando mais, as pessoas estão mais, um país novo, faz com que você mude a sua forma de raciocinar. Começa a questionar determinadas coisas que de repente você não questionaria ... E aí eu não sei se a religiosidade, mas normalmente quase todas as religiões fazem você se sentir culpado pelo que dá errado. ... Agora, somado à base que você

tem da sua família, do tipo de criação que você teve de repente você vai conseguir se desvencilhar de alguns padrões ou não. Aí vai ser uma coisa diferente pra você enfrentar. Não é uma falsa liberdade, você realmente tem essas opções. Se você vai conseguir enfrentar essas novidades é que é uma coisa diferente. Isso contribui muito. Você tem muitas opções hoje pra você viver feliz e não necessariamente precisa ter casado ou estar casado (Luana, 33 anos).

Sofia afirma que um relacionamento deve proporcionar felicidade e se isso não ocorre é melhor optar pela separação. Ela diz que não adianta ficar em uma relação desgastada, tentando mudar a pessoa, porque isso não vai acontecer:

Ah! Eu acho que quando você está em um relacionamento você tem que estar feliz. Se você não está feliz você tem que se separar. Ficar empurrando uma coisa, ficar em uma situação que desgasta que te faz mal, você não vai chegar a lugar nenhum. Porque as pessoas não mudam (a entrevistada dá um risinho) nem você e nem o outro. Você se adapta cede um pouquinho aqui, e ali e tal, mas ninguém muda, não adianta, a essência não muda. Por isso eu acho que é válido, porque casou não tem que ficar sofrendo não (Sofia, 31 anos).

Quando solicitada a falar sobre os motivos que poderiam influenciar o casal a decidir pela separação, Sofia informou que isso talvez dependa da idade das pessoas. Ela relaciona a questão à independência das mulheres mais novas, que buscam um companheiro e não alguém que pague suas contas. Quanto às mulheres mais velhas, afirma não saber, mas talvez esta decisão esteja relacionada a um desgaste da relação:

Eu acho que depende muito talvez da faixa etária. Eu acho que hoje em dia as pessoas na nossa idade se separam talvez mais cedo porque nós hoje em dia somos muito mais independentes, a gente não quer um homem pra pagar as contas, a gente quer um companheiro. Se o cara não tá dando conta, a gente não precisa ficar em um casamento pra poder pagar as contas pra poder sobreviver ou porque a sociedade acha um absurdo mulher separada. Hoje em dia não tem mais isso. Não está feliz se separa. Mas as pessoas de uma certa idade eu já não sei eu acho difícil, ou se desgasta mesmo. Aí eu já não sei é outra vivência é outra sei lá. Talvez eu não saiba dizer porque exatamente (Sofia, 31 anos).

Sobre esse assunto, Sofia também ressalta que percebe que as mulheres levam as coisas mais a sério do que os homens, acrescentando que os problemas na relação começam a aparecer quando não há um equilíbrio na divisão das responsabilidades:

Eu acho que tudo se resume em que as mulheres levam muito mais a sério do que os homens. Os homens levam muito mais na brincadeira, as mulheres levam a coisa assim, mais certinha. Por isso que não dá certo porque um fica

muito mais sobrecarregado que o outro e assim não dá, tem que ter um equilíbrio senão não dá certo. Porque senão fica chato, as responsabilidades existem. Se não divide, sempre alguém tem que tomar a frente e aí esse que fica à frente sempre fica o papel do chato. Não é que a pessoa quer ser chata é que alguém tem que fazer. As coisas tem que ser feitas, o gnomozinho verde não existe pra tomar conta da casa. Entendeu? Aí começam os problemas (Sofia, 31 anos).

Donatela acha que as famílias de origem contribuíram, de alguma forma, para a dissolução do seu casamento. Como começaram a namorar jovens, desde cedo as famílias interferiram na relação e, como a família dele era muito ligada à parte material, isso gerou muita competição. Além disso, o ex-cônjuge só pensava em negócios, achava que ela devia estar sempre disponível, desvalorizando, assim, o trabalho dela. Além disso, o alcoolismo do marido teve um peso muito grande na separação deles:

Olha eu acho que a família teve um componente importante, foi um componente importante a família, teve um pouco de intromissão aí, tanto de um lado tanto de outro, né? Por nós termos começado a namorar muito jovens e as famílias terem acompanhado isso, então tinha uma certa, uma certa ingerência, tinha uma certa interferência das famílias. É, uma competição muito grande gerada pela família dele, né? Então, é muito ruim você ficar o tempo todo competindo. Você compra uma coisa, o outro tem que comprar, o outro tem que comprar. Sabe aquela coisa assim, sempre tudo muito ligado ao material, tudo muito focado no material. E aí era muito chato, muito chato, né? Sem falar da forma dele mesmo, dessa forma de não valorizar o trabalho, meu trabalho. De achar que eu tinha que estar sempre disponível pras atividades que ele queria propor. E (pausa) enfim foi acabando, né? ... E ele é uma pessoa extremamente apegada ao material, né? É uma pessoa que vive só pra ter, pra acumular, né? Então é uma pessoa que vive sob tensão o tempo todo. É uma pessoa que tá sempre fazendo grandes negócios... fechando grandes negócios... e tal (entrevistada gesticula bastante). ... O alcoolismo teve um peso muito grande, um peso enorme, porque ele destrói tudo, destrói tudo, é muito ruim (Donatela, 49 anos).

Quando questionada sobre o que achava que mais incomodava um e outro no relacionamento e que pode ter desencadeado a separação, Luana se referiu a uma suspeita de bissexualidade do ex-cônjuge, que pode explicar uma série de desentendimentos dele com a família de origem, bem como porque para ele era insuportável a convivência dos dois, apesar do pouco tempo que passavam juntos. Eles trabalhavam durante todo o dia, só se vendo à noite e, nos fins de semana, ele mentia dizendo que ia à casa dos pais e ia para a casa de amigos para festas e churrascos. Além disso, Luana informa que outras pessoas também

vieram falar com ela sobre a bissexualidade do marido, algo que a família dele provavelmente sabia e nunca iria aceitar:

Existe uma suspeita quase confirmada de que ele é bissexual. Só que ele nunca vai confirmar isso, ele nunca vai assumir, a família dele nunca vai aceitar. E eu acho que essa seja a grande questão, porque ele era muito voltado pra parte financeira, mas nem isso fez com que ele ficasse comigo. Depois de muito tempo eu fui refletindo. Porque quando a gente se separou eu tinha entrado pra sociedade há pouco tempo. Então a chance de eu conseguir crescer eram muito grandes, o investimento tava sendo feito e eu não escondi isso dele. Ao contrário dele, que escondeu dinheiro, escondeu o que ele tava fazendo, o que ele ganhava e tal. E nem isso fez ele ficar. Depois eu cheguei a essa conclusão entendeu? E aí tinha um amigo de longa data que ficava muito junto com ele e aí veio uma desconfiança de uma pessoa que não te conhece, que fala com alguém que te conhece e fala ah! Não, mas eles dois tem um caso. Mas assim, eu não tenho provas. Então a situação é bem por aí. A família dele nunca vai aceitar entendeu? ... E depois disso tudo eu fui percebendo que ele tinha bloqueios, sei lá problemas, dificuldades com a família dele que tinham sentido (Luana, 33 anos).

Para Luana isso também poderia explicar os rompimentos na época do namoro e noivado, uma vez que ele terminou o relacionamento aparentemente sem motivo algum por duas vezes:

Por isso as idas e vindas no namoro. É... as incertezas dele, as coisas dele de Ah! Não quero, Ah! Não sei. Por que não vai querer se tá tudo certo, se tá tudo bem. Bem, e aí aparentemente, bem, a gente não convivia tanto né? A gente trabalhava o dia inteiro e convivia à noite e nos finais de semana, mas essa convivência pra ele era insuportável. Era uma coisa que incomodava a ele, que o deixava infeliz. E ele não era de noitada, de boate, de beber, de fumar, nada assim. Não era (Luana, 33 anos).

Luana se refere também ao fato de que, por ser muito católica, sua ex-sogra pediu a ela para concordar com a anulação do casamento, o que foi negado por Luana. Luana comenta que, diante da insistência da ex-sogra em levar adiante o processo, deu a entender que falaria a respeito da bissexualidade dele:

Os pais dele são muito católicos, praticantes e eles dão palestras pra casais. ... E quando a mãe dele falou pra mim que podia anular o nosso casamento e não era só uma suposição, já que ela conhece os passos. Ela conhece outras pessoas e tal, ela já tinha todos os argumentos prontos quando ela veio e comentou comigo. Ela já sabia todo o trâmite, achando que eu era advogada e sabia toda a parte de direito canônico. Eu falei assim olha vocês tão procurando conhecer uma pessoa que não tem necessidade. Eu não preciso remexer nisso, na minha vida. É uma coisa que me magoa e eu não preciso ajudá-lo. Eu falei assim olha pra mim não existe mais aquela pessoa que entrou na igreja naquele dia. Então pra mim não faz diferença nenhuma. Eu

posso casar em qualquer lugar hoje em dia porque vai ser a mesma. Não por conta daquelas convicções que eu tive naquele dia. Não vai ser a mesma coisa. O momento não existe mais e eu não preciso reviver isso pra ajudá-lo. Porque a consideração que você teria por um amigo, um vizinho teria por mim, eu acho que ele não teve. Aí ela falou ah! Mas, eu pensei que vocês fossem amigos... aí eu falei é a gente não é inimigo, mas também não é amigo. E falei pra ela olha eu não aceito e o tiro pode sair pela culatra. Se ele vier com alguma mentira, porque ele vai ter que inventar alguma mentira pra poder anular e eu receber, a resposta pode ser bem pior que a mentira que ele inventou. (pausa) A mãe dele não falou nada, a mãe dele ficou muda e não retrucou. Eles poderiam dar entrada individualmente porque seria uma ação contra mim e aí eu teria o direito de resposta, tipo uma defesa. Porque ele ia alegar algum fundamento lá e aí poderia ser uma traição, poderia dizer que não houve amor verdadeiro, ou sei lá ele poderia dizer que o casamento não foi consumado. E ela pontuou essas coisas pra mim. Então, por isso que eu sei, ela pontuou. Aí eu falei isso não é, isso não é, se foi traição foi de parte dele aí eu não tenho culpa. Agora a resposta pode ser bem pior, pode até dar a minha ação mesmo, agora ele não vai conseguir casar de novo (risos). Aí ela ficou calada, ela não falou nada, não perguntou nada (Luana, 33 anos).

B) RELACIONAMENTO COM O EX-CÔNJUGE

Donatela acha que o ex-marido não a perdoa até hoje pois, com a separação, fizeram a partilha dos bens e, como ele é muito apegado à parte material, não se conforma de ter tido um prejuízo financeiro:

Eu acho que a gente construiu um patrimônio, eu tenho uma parcela grande nessa história porque eu passei uma porção de coisas né? ... E aí, aquela coisa, mas você vai deixar tudo pra trás? Você vai deixar um casarão? Não sei quantos carros na garagem, não sei quantos empregados? Eu falei gente, isso não é o mais importante, né? Graças a Deus eu sou uma pessoa completamente desapegada. Assim, é... Eu acho que muito mais importante do que coisas são as pessoas né? E a gente é não o que a gente tem, mas é o que a gente carrega de dentro da gente de formação, de caráter. Eu acho que isso aí não tem nada que vale mais do que isso né? é a minha paz, né? É a minha paz! Então, a gente fez uma divisão de bens justa, né? E ele não me perdoa porque ele perdeu alguns tostões né? (Donatela, 49 anos).

Donatela assinala que sua atual relação com o ex-marido é tão complicada que, apesar de todo o apoio que ela e o marido receberam da família dela durante todo o casamento, seu ex-cônjuge não compareceu ao sepultamento do pai dela e nem se manifestou, apesar de toda a família dele ter comparecido:

Mas o pior de tudo isso sabe o que é? É que papai faleceu né? E ele não deu um telefonema, a família dele toda foi ao sepultamento do meu pai, toda! Os primos, os tios, a mãe, o pai, a irmã, todo mundo foi. Ele não foi, nem telefonou, nem mandou um telegrama! E olha, meu pai foi muito bom pra ele, meu pai foi muito bom pra ele! Meu pai tinha um carinho enorme por ele, papai (pausa) Agora, quando houve a separação, normal, é meu pai! Ele ficou do meu lado! Mas, em momento nenhum ficou contra ele, só disse olha eu não tenho que me interferir, ela teve os motivos dela (Donatela, 49 anos).

Já Paola relata que ela e o ex-marido tiveram a preocupação de tentar não brigar. Ela comenta que, apesar de ressentida, fez um esforço grande para que eles, que sempre tiveram um relacionamento amigável, não se tornassem inimigos para que os filhos não fossem afetados. Hoje, as crianças são o principal foco da relação deles:

A ideia era não brigar, porque a gente não brigou antes vai brigar depois por que né? Então hoje a gente tem uma relação, a gente se fala, claro que gira tudo em torno das crianças, não quero ser amiguinha, acho que não tem nada haver ser amiguinha, mas quando tem um evento e que tá todo mundo e que tá ele também, não tem o menor problema. No seu relacionamento, sempre foi tudo muito amigável, sempre fluiu bem então fugiria disso sermos inimigos hoje. É... na verdade eu fiz um esforço grande pra entender isso, né? Porque na verdade na minha cabeça ele acabou com a minha vida. Eu era muito feliz e gostava da minha vida, daquele conjunto de tudo que a gente fez e tudo que a gente poderia fazer ainda, né? ... Por que agora a gente vai brigar? Toda vez que se falar vai ter que ficar xingando, as crianças vão ter que ficar ouvindo isso? Quero que eles fiquem bem (Paola, 43 anos).

O ex-marido de Paola continua exercendo o papel de cuidador dos filhos. Assim, a entrevistada afirma manter com o ex-marido uma relação de dependência:

E até porque eu preciso dele ainda, eu prefiro que ele fique com as crianças do que com a babá, eu prefiro que ele leve ao médico. Então, continua uma relação de dependência. E não tem motivo assim... o que que eu posso fazer se ele não gosta mais de mim? Matar ele? Então... paciência, né? Que pena! É um negócio meio de conformismo, não tem o que brigar, não tem o que lutar, e é muito estranho você se deparar com uma situação pela qual você não pode brigar, não pode correr atrás, não posso correr atrás, porque não tinha o que eu pudesse fazer. ... Ah! Toda vez que eu olho pra ele eu fico triste... não! Porque da mesma forma que ele falou não tem nada que você possa fazer, aquilo ficou marcado na minha cabeça, não tem nada que eu possa fazer, então porque que eu vou sofrer? Vira a página é uma coisa muito assim, virou a página. Nossa história tá no portaretrato, ficou na cara das crianças, não sei, agora é outra história (Paola, 43 anos).

C) NOVAS EXPERIÊNCIAS

Algumas entrevistadas afirmaram que, após terem passado por uma primeira experiência de casamento, não se veem mais vinculadas a um tipo de relacionamento nos moldes de um casamento tradicional. Elas acrescentaram que, diante de tantas possibilidades e maneiras distintas de se relacionar, perceberam que não precisam estar vinculadas a um modelo antigo de conjugalidade. Luana, por exemplo, afirma que hoje tem um companheiro, mas sua relação atual é muito mais consciente:

Agora, somado à base que você tem da sua família, do tipo de criação que você teve de repente você vai conseguir se desvencilhar de alguns padrões ou não. Aí vai ser uma coisa diferente pra você enfrentar. Não é uma falsa liberdade, você realmente tem essas opções. Se você vai conseguir enfrentar essas novidades é que é uma coisa diferente. Isso contribui muito. Você tem muitas opções hoje pra você viver feliz e não necessariamente precisa ter casado ou estar casado. Hoje eu tenho um companheiro, mas é uma coisa muito mais consciente, muito mais pensada do que uma coisa lúdica de como eu casei a primeira vez. Não era uma coisa tão pensada... (pausa). E eu acho que aí sim, quando você começa a ver as possibilidades você vê que as coisas precisam ser pensadas de maneiras diferentes. De repente podem viver cada um na sua casa, pessoas que se gostem mesmo, não necessariamente você tem que viver debaixo do mesmo teto, entendeu? Eu acho que existem diversas possibilidades. E hoje você tem casais que se separam e estão se reencontrando, voltando o relacionamento, outros casando de novo. Contribui muito a diversidade de modelos que você tem hoje (Luana, 33 anos).

Luana assinala que, apesar das mudanças e novos modelos de conjugalidade, quando tem que informar seu estado civil e informa ser divorciada, ainda hoje percebe uma certa surpresa e preconceito por parte das pessoas e se admira ao pensar como isso seria há alguns anos atrás, acrescentando que só aos poucos as pessoas vão mudar essa maneira de pensar:

Contribui muito a diversidade de modelos que você tem hoje. Apesar que isso ainda é novo, ainda pesa muito na cabeça das pessoas aquele tradicional, falar que eu sou divorciada, parece que eu to falando que eu sou doente entendeu? Tipo todo mundo olha quando eu vou falar em algum lugar o meu status, como assim essa garota é divorciada? Imagina isso há 50 anos atrás. Imagina quando começou uma pessoa a ser diferente, sei lá não aguenta. Então ainda tem esse preconceito mesmo, entendeu? Mas eu acho que só aos poucos as pessoas vão mudando mesmo (Luana, 33 anos).

Luana afirma, ainda, se sentir mais madura e segura para se relacionar novamente:

As coisas mudarem pra melhor, como pessoa, pra eu poder me relacionar novamente, pra você gostar de uma pessoa mesmo com defeitos, como ela te trata. Então, assim eu acho que veio tudo aos poucos na medida certa, no momento certo (Luana, 33 anos).

Donatela afirma que se casou novamente e que as filhas dos relacionamentos anteriores dela e do companheiro os veem como um exemplo de casal. Ela comenta que a maturidade e a vida lhes trouxeram certa experiência e informa que, para que um relacionamento seja equilibrado, é necessário que haja admiração entre ambos e que os dois devem ser “protagonistas de sua própria história”:

É... não... por exemplo: eu casei, né? Eu casei de novo. Então eu acho interessante que tanto a Mirela tanto as duas filhas do Samuel, né? Elas olham pro nosso relacionamento como modelo. Assim, elas olham aquilo assim, com admiração, sabe? É legal isso assim... essa semana mesmo eu tava falando isso com ele. É legal porque elas falam: ah! Eu queria tanto ser assim... E aí eu falo, mas até a gente chegar aqui, a gente passou por outros relacionamentos. Ele passou por vários, eu passei por um, depois eu tive um outro namorado antes de encontrar ele, e assim, as coisas não são assim à toa, né? O relacionamento maduro requer maturidade. Claro! E hoje, eu tenho 49 anos, ele tem 45 então é esperado que a gente seja maduro, mas eu acho que a gente tem um equilíbrio no relacionamento que também vai da admiração, né? Porque eu acho que é muito importante num casal, é... (pausa) ter admiração de ambos, não adianta eu, não adianta um idolatrar o outro e o outro olhar pra mim como coadjuvante. Eu acho que todos os dois tem que ter o papel principal. Você tem que ser protagonista da sua história. Eu, eu digo que eu segurei muito holofote do outro entendeu? Eu segurava o holofote pro outro brilhar! Então chega uma hora que você cansa, você também quer ter sua luz, né? (Donatela, 49 anos).

Ao ser questionada sobre como percebe as relações conjugais hoje, Donatela listou uma série de requisitos que devem existir para que, segundo ela, um relacionamento possa dar certo, como amor, respeito, confiança, admiração, entre outros:

Então eu acho que o relacionamento pra dar certo, hoje, tendo maturidade, tendo vivido dois relacionamentos diferentes então, eu acho que assim, que primeiro tem que ter respeito, antes de qualquer coisa. Amor evidente! Respeito, é... Confiança, claro! Admiração, é importante admirar, né? Ter... poxa que legal! Donatela faz isso. Poxa que legal! Samuel faz aquilo. Sabe? É... valorizar o outro não só como ser humano, mas como profissional também! Valorizar o trabalho do outro é importante, sabe? Porque... hoje a vida profissional é cada vez mais dentro do seu dia-a-dia, né? Você passa mais tempo trabalhando às vezes, do que em casa! Então, se você tem um relacionamento que não valoriza aquilo que você faz, pensa bem... O outro vai achar que aquilo é pequeno, que aquilo é bobagem, vai achar que aquilo não tem nada haver (Donatela, 49 anos).

Já Lara, ao falar sobre o assunto, comenta que acha que atualmente as pessoas estão preocupadas em se divertir o tempo todo, sair com amigos, ir à festas e, com isso, não se preocupam muito com seus relacionamentos:

Eu acho que é essa cultura do... todo mundo estar se divertindo o tempo todo. Todo mundo tem que estar feliz o tempo todo, né? Ninguém pode... querer passar um final de semana dentro de casa. Ai, que saco ficar dentro de casa! A gente não curtiu, não saiu com os amigos. Não foi a uma festa. Não foi a um show. E essa, essa facilidade com que essas coisas acontecem. E as pessoas ficam mais disponíveis para isso. Acaba com que muitas vezes não se olha muito para a relação. Quer se viver mais isso. Entendeu? Quer se viver mais isso. Acaba que fica... As mulheres... Pros homens as mulheres ficam mais fáceis. Pras mulheres os homens ficam mais fáceis. E esta coisa de querer experimentar outras coisas, e não olhar pro que pode ser uma coisa verdadeira ali, né? De construção. Virar um oba-oba. Cultura do oba-oba (Lara, 35 anos).

Paola ressalta que os casamentos atuais estão fadados ao fim quando o relacionamento passa por qualquer conflito. Ela fala que a falta de investimento na relação facilita a separação e o encontro de um novo parceiro, mas isso pode ser revertido com o esforço de ambos, levando a uma reorganização do casal:

E eu acho que acabou ficando muito fútil essa relação, essa instituição do casamento. Porque por mais que seja até que a morte nos separe, não precisa chegar num extremo. As pessoas não estão querendo mais.... é... como é tudo compacto é... as pessoas não estão querendo se dar ao trabalho de fazer a coisa dar certo porque é muito mais fácil passar pra outro, experimentar outro. E assim, por que pra sempre? Não, se tá mais ou menos, vamos ver se no próximo vai ser mais legal. Então, prazer, muito obrigada, separa as coisas, divide as crianças. Virou uma coisa banal isso. Ninguém tá querendo se dar ao trabalho pela facilidade que é, não porque as pessoas não querem. Eu acho isso gravíssimo, gravíssimo. Não é assim que se faz uma relação. Eu acho que tem que ter um esforço sim. O que levou essas duas pessoas a ficarem juntas no início? E o que aconteceu no meio daquele caminho? (Paola, 43 anos).

A fala de Paola reforça a visão de Bauman (2004) de que o mundo pós-moderno, marcado pelas consequências da globalização e pelas novas ondas de informação, se reflete também nas relações, que são cada vez mais fluidas.

Para algumas entrevistadas, as mudanças e transformações pelas quais passaram a família estão intimamente relacionadas às conquistas alcançadas pelas mulheres em seu caminho em busca da igualdade. Elas ressaltam, no entanto, que muitas pessoas parecem ainda não considerar esses avanços ou não saber como agir frente a essa nova realidade:

Como as mulheres avançaram muito no sentido de crescer, de enfrentar as coisas sozinhas, de lutarem pela igualdade quando você tá fazendo um negócio, quando você tá trabalhando e tudo mais, os homens estão muito mais

mitigados, muito mais amedrontados, mais acovardados, entendeu? E aí acho que é uma dificuldade tanto do homem quanto da mulher de enfrentar essa nova realidade. Então eu acho que os homens de um modo geral estão muito acovardados, no sentido de que assusta essa coisa toda (Luana, 33 anos).

Sofia também acha que houve uma mudança tanto para o homem quanto para a mulher e isso pode ser percebido na forma como as mães atuais educam suas filhas para que sejam mais independentes. A entrevistada acha, contudo, que ainda não se encontrou um ponto de equilíbrio na educação dos meninos e, assim, acredita que os homens “viraram uns bananas”:

Ah! Eu acho que os homens viraram uns bananas! (gargalhada da entrevistada). Eu acho que as mães erraram na educação dos homens. Acertaram nas mulheres, educaram as mulheres mais independentes e os homens ao invés daquela coisa ah! Que o homem tem que ser machista e na verdade viraram uns bananas. Não tem mais aquela ideia dos nossos pais que o homem é o provedor da família que faz uma ideia de que o homem seja machista, não. Hoje as mulheres também podem. Então, assim, eu acho que hoje são poucos os homens responsáveis que vão tomar decisão. Estão muito irresponsáveis e as mulheres estão bem mais conscientes das coisas (Sofia, 31 anos).

Paola acredita que a independência da mulher proporciona que ela possa ter mais oportunidades de escolha na hora de decidir pela continuidade ou não de uma relação, podendo os casais hoje entrar e sair de um relacionamento de forma muito mais fácil. Em sua opinião, contudo, as pessoas estão pulando etapas, como o namoro, que seria uma fase de conhecimento mútuo, e indo direto morar junto, como um experimento.

Duarte e Rocha-Coutinho (2011), em seu estudo, referiram-se a este tipo de relacionamento como “namorado”. Esta seria uma nova forma de relação entre jovens que, após um curto período de namoro decidem morar juntos sem necessariamente objetivar um vínculo duradouro. As autoras ressaltam, no entanto, que esse tipo de relacionamento, assim como os casamentos contemporâneos, também requer do casal um certo grau de comprometimento. Na visão de Paola, contudo, isto banalizaria os relacionamentos, fazendo com que as relações percam o valor e a graça:

Então assim, quando você decide casar com uma pessoa ou ir morar junto não é porque você tem certeza absoluta que aquela é o seu par, o homem da sua vida, a mulher da sua vida. Porque era assim, quando eu casei com o Raul eu tinha certeza absoluta que ele era o homem da minha vida e durante 16 anos ele era o homem da minha vida. Hoje as pessoas não precisam achar que é pra vida inteira porque sabem que se não for... Então eu vejo os relacionamentos, eu vejo os casamentos muito mais rápidos e muito mais curtos. Quer dizer o

gatilho é muito mais rápido, mas a história é muito mais curta. As pessoas não se deram o tempo de se conhecerem, então vamos experimentar. Na verdade, isso é o namoro, o namoro é isso. Você conhece a pessoa e vê se dá certo, se der certo você continua, se não der certo, você termina. O casamento virou essa etapa aí do namoro. Não tem mais namoro, você pega conhece, e legal aí vamos morar juntos? Aí experimenta. Casamento não é um experimento. Casamento era pra ser uma coisa definitiva e não é mais. Hoje o casamento é um experimento então vamos ver se vai dar certo. Pode ser com festa, sem festa, pode ser formal, mas rola a junção das escovas de dentes como um experimento. Se não der certo a gente separa. Como tá tudo muito fácil, ninguém mais dá valor ao relacionamento. O ganho que é você ter uma pessoa junto com você, diferente de você, se aprende uma coisa todos os dias. Você tem um companheiro, uma companhia. Mas eu vejo de uma forma geral que as pessoas não estão mais preocupadas com isso. Agora claro que isso só acontece porque a mulher é independente hoje e ela pode se dar ao luxo de sair de um relacionamento na hora que ela quiser. Mas que isso é o problema da independência da mulher? Eu acho que não. Eu acho que não tem nada haver com isso. Acho que é muito mais uma questão social do que mercado de trabalho e tal. Acho que é a relação que não tem mais valor. Acesso a tudo... *internet*, tudo muito fácil. Acho que a palavra é essa muito fácil. Perdeu a graça (Paola, 43 anos).

Luana comenta que, após uma separação, as pessoas, ao investirem em uma nova relação, querem que as coisas sejam melhores do que antes e que tudo deve resultar de escolhas e não de uma relação de dependência de qualquer tipo. Ela assinala que se encontra agora envolvida em um novo relacionamento que é fruto de uma opção pessoal e não resultado de algum tipo de imposição ou obrigação:

É uma questão que tem muito assim dos dois poderem viver independentes economicamente ... Independente de você estar com a pessoa, você vive bem sozinho ... E se você quer está ali na relação é porque você quer estar com a pessoa ... Em alguns momentos, com a pessoa que eu estou me relacionando, eu falei que estava com por opção e isso é uma honra. Eu não tô com você porque eu quero ter um filho, eu não tô com você porque eu dependo, eu tô porque eu quero. A gente tem que tentar que as coisas fiquem melhores, ou seja lá o que for, mas é opcional, não é nada imposto, ninguém é obrigado. Até porque quem já se separa vence alguns tabus, sabe? (Luana, 33 anos).

Lara afirma que, diferentemente do que ocorreu no primeiro casamento, em que a questão financeira ajudou a desestruturar a relação, pois não sabia o que o marido fazia com o dinheiro, no relacionamento atual ela e o companheiro dialogam sobre o assunto e se organizam bem financeiramente. Ela aponta, ainda, que ambos fazem planos para que ele possa ser capaz de prover financeiramente a família para que ela possa se dedicar mais à família, trabalhando apenas para pagar suas coisas:

Tem que se organizar. E..., eu e meu marido a gente tem uma boa conversa financeira. A gente se entende muito bem financeiramente. Dá mais certo nossa relação porque a gente não tem muita desavença nisso. E a gente fez um pacto quanto a isso. Como eu seguro mais, não sou tão gastadora, e ele é mais, fomos combinar que eu juntaria. E como, eu sou a instável, né, da relação financeira, é preciso eu mesmo guardar. Porque no período de baixa de dinheiro, ter mais tarde de onde tirar. Não depender só dos clientes. Aí, eu guardo, e ele gasta. Apesar que, claro, tem momentos, que tem que ser diferente. ... A gente almeja que a gente não dependa tanto assim do meu para eu dedicar todo o tempo à família. Ele suprir financeiramente tudo, e eu trabalhar, assim, pouco tempo, pro meu suporte. Entendeu? (Lara, 35 anos).

Apesar de Lara não ser contra o fato das mulheres trabalharem fora, acha que a mulher tem que ter tempo disponível para os cuidados com a casa e a família e, assim, acredita que seu trabalho fora de casa deve ser dividido com as atividades do lar. O melhor para ela, inclusive, seria que ela tivesse um trabalho em tempo parcial:

Então é tudo compartilhado, é tudo conversado, sempre... é tudo combinado. E eu me sinto bem. Eu me sinto feliz em estar fazendo isto pela gente, pela família. Não que eu ache que seja uma obrigação minha, mas eu acho que posso fazer mais sim porque eu estou mais em casa, porque eu estou mais disponível. Mas eu também não acho que a mulher tenha que estar em casa o tempo todo. Não é isso. ... Eu sei que não dá para ser com todas as mulheres. Que muitas trabalham o dia inteiro, etc e tal. Mas eu acho isso muito sacrificante para o bem estar da família. A mulher trabalha o dia inteiro e chega em casa e ainda tem que dar conta de marido, e se tiver filho, do filho, e casa e administrar o lado mulher também, que precisa ser cuidado, então eu acho que isso perdeu muito. Eu acho que ela tem que estar no mercado de trabalho sim, mas não dessa maneira de entrega... total (Lara, 35 anos).

Quando questionada sobre como vê a relação financeira dos casais hoje, Donatela afirma ser importante que todos os trabalhos e funções exercidos por homens e mulheres sejam reconhecidos da mesma forma, pois todos são necessários e, portanto, são dignos de admiração e respeito. Ela acrescenta, ainda, que a independência financeira de ambos deve ser vista de maneira natural pelo casal e funcionar para que o casal tenha um orçamento equilibrado, para o qual ambos contribuem sem obrigação de prestar contas do que cada um pagou:

Eu acho que todo trabalho ele é digno de admiração sob algum aspecto, porque todo trabalho é necessário, você precisa de todas as atividades produtivas. Então você tem que ter, eu acho que é essa maneira de lidar com o trabalho, né? E (pausa) a independência financeira, eu também acho que ajuda muito. Por que? Porque os dois vivem sozinhos, eles não dependem um do outro pra viver (pausa). Se eu tiver que viver sozinha, eu vivo, eu me sustento. Se ele tiver que viver sozinho, ele vive, ele se sustenta. Mas uma coisa é a

gente viver juntos, então a gente divide as contas. Então tudo é dividido, naturalmente, não é nenhuma neura, tipo quanto você gastou? Eu gastei tanto, então tá me devendo tanto, não é isso. Mas é assim, um paga uma conta daqui, outro paga outra conta dali, um paga o mercado hoje, o outro paga o mercado amanhã. E assim a gente consegue ter um equilíbrio, tem um orçamento equilibrado, né? Ninguém fica completamente desfalcado, nem pesado pra nenhum dos dois (Donatela, 49 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos foram os fatores que influenciaram as mudanças e transformações da família contemporânea e que, de alguma forma, podem ter contribuído para o aumento da separação de casais. Entre eles encontram-se fatores sociais e econômicos, como a diminuição do poder da igreja sobre a sociedade, a globalização, a modernização e urbanização do país, a revolução sexual e os movimentos feministas.

Não podemos afirmar, contudo, que a “crise” da família contemporânea, como afirma Jablonski (1991) foi decorrência da globalização ou da emancipação feminina, por exemplo. Estamos vivendo uma série de mudanças que, em conjunto, estão nos levando à quebra de paradigmas modernos, já bem enraizados em nossa cultura e, assim, difíceis de serem erradicados. Desta forma, novos e antigos padrões de vida e comportamento têm convivido em nossa sociedade.

Na análise das nossas entrevistas podemos perceber a convivência do antigo modelo de família, que atribuía às mulheres os cuidados com a casa e os filhos e ao homem o provimento financeiro do lar, com o modelo contemporâneo, em que a mulher está inserida no mercado de trabalho e luta pela igualdade de direitos e deveres entre os sexos. E é nesse rearranjo e convivência de condutas distintas que se situa parte dos conflitos atuais.

Cabe ressaltar aqui que, como aponta Almeida (2007), as mulheres das camadas mais baixas da população sempre trabalharam, enquanto que as mulheres de classe média passaram a participar mais ativamente do mercado de trabalho no decorrer da década de 1970. Assim, apesar de serem também afetadas pelas mudanças, isto se dá de forma distinta do que ocorre com as mulheres de classe média.

Atualmente, mesmo quando não são o principal provedor financeiro da casa, as mulheres, de maneira geral, consideram indispensável sua independência financeira. Isso às mulheres proporciona maior valorização pessoal, aumento da auto-estima, bem como dá a elas maior segurança e o desenvolvimento de uma relação mais harmoniosa e de cumplicidade entre o casal. Além disso, se o casamento não for satisfatório, elas não ficarão dependentes desta situação somente pela dificuldade em se sustentar financeiramente.

A análise de nossas entrevistas aponta que a independência financeira da mulher também proporciona maior qualidade de vida ao casal e aos filhos. A junção dos proventos de marido e mulher proporciona à família, entre outras coisas, a possibilidade de contar com a

ajuda de profissionais domésticos para a realização das tarefas, momentos de lazer mais frequentes, acesso a melhores escolas e cursos para os filhos. Além disso, a possibilidade de sobreviverem sozinhas traz para as mulheres a possibilidade de opção, ou seja, de poder permanecer no casamento por escolha própria.

A presença de uma rede de apoio, como familiares e empregadas domésticas, babás ou faxineiras também parece essencial quando se fala em um maior investimento profissional por parte das mulheres. Especialmente no caso das mulheres com filhos, que requerem uma atenção maior por parte dos pais, quando estes não necessitam se ocupar tanto dos afazeres domésticos, sobra mais tempo para que se dediquem aos filhos quando estão em casa.

Podemos constatar que nossa amostra, composta por mulheres de classe média, difere da maior parte da população brasileira, pois todas as entrevistadas contavam com algum tipo de ajuda profissional (empregadas ou faxineiras) para a realização das tarefas domésticas e aquelas que tinham filhos também recebiam auxílio de familiares e/ou babás para o cuidado das crianças. Como já mencionado em nossa análise, como aponta Guimarães (2012), o novo perfil de trabalhadores domésticos no Brasil está cada vez mais capacitado, o que elevou o salário desses profissionais. Arcar com os custos do auxílio de empregados domésticos está se tornando, assim, cada vez mais difícil.

Quando as mulheres passaram a participar mais ativamente do mundo público e a desempenhar papéis antes somente realizados pelos homens, deu-se, também no casamento uma redefinição dos papéis desempenhados por ambos. Torres (2000) aponta que, pelo menos no caso dos casais mais jovens, os homens passaram a participar mais do cotidiano doméstico, contribuindo nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos, por exemplo.

Isto não pode ser observado na nossa amostra uma vez que os casais mais jovens não tinham filhos. De qualquer modo, as mulheres dessa faixa etária por nós entrevistadas relataram não ter tido ajuda dos maridos na manutenção da casa. Já no grupo das mulheres na faixa dos 40 anos, que tiveram filhos, apenas em um dos casos, a mulher afirmou que o marido agia como se fosse “um senhor de engenho”, não participando de maneira nenhuma das atividades domésticas e nem da criação da filha. Nossas outras entrevistadas afirmaram ter recebido dos maridos o apoio necessário nos cuidados com os filhos, proporcionando a elas a possibilidade de continuar investindo em suas carreiras. Como ressaltou uma das entrevistadas, esse convívio traz para os homens a possibilidade de vivenciar momentos de carinho e prazer e proporciona maior aproximação e intimidade na relação entre pai e filho.

Ainda a esse respeito, nossas entrevistadas, em sua maioria, afirmaram perceber que, atualmente, a maior mudança está sendo vivenciada pelos homens. As mulheres galgaram um longo caminho para a conquista do seu espaço na esfera pública e essa contrapartida não foi ainda realizada, ao menos integralmente, pelos homens.

Tais resultados confirmam os dados encontrados nos estudos de Féres-Carneiro (2001), de que são as mulheres que sentem maior necessidade de buscar mudanças, principalmente quando isso se refere à expectativa de melhora na relação conjugal e na convivência familiar, ao contrário dos homens que se mostram mais acomodados.

Na análise dos discursos de nossas entrevistadas observamos alguns exemplos de valorização dos novos papéis assumidos por homens e mulheres, tanto no âmbito privado, do lar, da família, quanto no espaço público, da rua, do trabalho. Os discursos apontam também para o fato de que, em muitos aspectos, a sociedade ainda não estaria preparada para a mudança nos papéis sociais de homens e mulheres e, por isso, a mulher tem que ter convicção da atitude de que está tomando, das escolhas, que está fazendo e do prazer que elas trazem. Ela não pode ter dúvidas, por exemplo, quando deixa os filhos sob o cuidado de outras pessoas para ir trabalhar.

Podemos perceber também no relato de nossas entrevistadas, como aponta Figueira (1986), que vivemos um momento de transição, em que há uma convivência de antigos e novos costumes. Algumas das mulheres, mesmo referindo-se a padrões contemporâneos de comportamento, apontam para uma insatisfação por estarem na posição de provedoras da família, pelo fato de seus maridos serem muito acomodados e não tentar mudar a situação. Ou seja, na verdade, ao menos subliminarmente, elas gostariam de seguir o modelo antigo em que o homem era o principal responsável pelo provimento financeiro da família.

Uma de nossas entrevistadas com filhos afirma que ela só pode se dedicar ao trabalho e à profissão porque, enquanto ela trabalhava, o marido cuidava das crianças e das questões gerais ligadas à casa. Em outro momento da entrevista, contudo, ela “confessa” que pode ter havido um incômodo por parte dela com relação a isso, pois imaginava que seria natural ele se incomodar em ganhar menos. O marido não ter alcançado sucesso profissional e ter se acomodado a essa situação foi, inclusive, motivo de discussões do casal.

Desta maneira, pode-se dizer que, apesar de já ser amplamente difundido e uma realidade para parte da população brasileira o fato de que a responsabilidade pelo sustento da casa também poder ser da mulher, isso ainda não é amplamente aceito, nem mesmo pelas próprias mulheres, e pode vir a se tornar motivo de conflito entre o casal.

Outro assunto abordado por nossas entrevistadas diz respeito à percepção atual delas sobre o relacionamento amoroso. Após terem passado por uma primeira experiência de casamento, não se veem mais vinculadas a um tipo de relacionamento nos moldes de um casamento tradicional. Elas assinalaram que, diante de tantas possibilidades e maneiras distintas de se relacionar, perceberam que não precisam estar vinculadas a um modelo antigo de conjugalidade, listando, inclusive, uma série de requisitos fundamentais para que um relacionamento possa dar certo, como amor, respeito, confiança e admiração, entre outros.

Na revisão da literatura mencionamos um estudo multicultural que procurou identificar as características presentes em relacionamentos de longa duração. Norgren *et al* (2004) referem-se a esse estudo e desenvolveram estudo semelhante com a população brasileira, apontando as seguintes características como importantes: “boa habilidade de resolução de conflitos; confiança entre os cônjuges; compromisso com o outro; apreciação, amor e respeito mútuos; habilidade em dar e receber; comunicação aberta e honesta entre os parceiros; sensibilidade aos sentimentos do outro; sistema de valores e interesses em comum; crença na dimensão espiritual da vida” (p. 577). Em países como os Estados Unidos, a Alemanha, a África do Sul e o Chile as características apontadas foram similares às que foram consideradas importantes para os brasileiros: “ser amado, respeitado, sentir-se seguro, compartilhar desejos e sonhos” (p. 583), entre outras. Esses resultados vão ao encontro do que observamos no discurso de nossas entrevistadas. Foi a ausência de um ou mais desses pré-requisitos que, segundo elas, levou à dissolução do vínculo conjugal.

Em nossa pesquisa encontramos dois casos de infidelidade conjugal. Para Féres-Carneiro (1999) e Goldenberg (2003), a infidelidade é um conceito relativo, pois depende do acordo estabelecido pelo casal, sendo, assim, algo próprio de cada casamento. Nossos dados se assemelham àqueles da pesquisa realizada por Féres-Carneiro (1999) em que a infidelidade foi o fator mais apontado como possível causa de separação. Para Goldenberg (2003), inclusive, as mulheres dão mais prioridade à fidelidade do que os homens.

Na nossa amostra, em um dos casos, a traição conjugal do marido para nossa entrevistada acabou se tornando uma mola propulsora para seu investimento profissional, e sua posterior independência financeira e iniciativa no pedido de separação. Em outro caso, o relacionamento extra-conjugal foi vivido pela própria entrevistada, e segundo ela, foi o interesse por outros homens que a levou a pedir a separação. Podemos observar que, nos dois casos, apesar da separação estar relacionada também a outros conflitos vivenciados pelo casal,

foi a traição, ou seja, a ruptura do acordo sexual do casal que acabou de uma forma ou de outra resultando na separação.

Outra questão por nós observada foi que, atualmente, a convivência de valores e crenças, por vezes antagônicas, como individualidade e conjugalidade, constituem, para os casais, um desafio diário a ser vencido e vivido por eles, o que talvez merecesse ser objeto de mais estudos sobre o tema.

Outro ponto a ser ressaltado é o fato de que, inicialmente, o fato das participantes do nosso estudo ter ou não filhos não foi levado em consideração, mas, no decorrer do trabalho, nos chamou a atenção o fato de que o período de permanência no casamento foi bem mais elevado no caso das mulheres que tinham filhos. Isto nos levou a pensar que a presença dos filhos talvez constitua um fator de adiamento da decisão pela separação. Encontramos no discurso das mulheres com filhos afirmações como a de uma das entrevistadas de que foi pela filha que esperou mais para tomar a decisão pela separação, apesar dos conflitos diários, ou a de outras duas entrevistadas que assinalaram que a presença dos filhos manteve o casamento satisfatório por mais tempo. Estatísticas do Registro Civil do IBGE podem reforçar nossa suposição, uma vez que elas apontam para o crescimento nas dissoluções de casais sem filhos, que passaram de 26,1% do total, em 2000, para 40,3%, em 2010.

Podemos concluir afirmando que a maior participação feminina no mercado de trabalho, que proporcionou à mulher maior independência financeira e autonomia para realizar-se sem depender de um homem para sustentá-la trouxe a necessidade de uma redistribuição de papéis na vida familiar não apenas relacionada à divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres como também uma redefinição do próprio lugar de homens e mulheres na sociedade, de modo geral, e no convívio familiar, em particular.

Todas essas alterações na sociedade acabaram por influenciar a vida conjugal. Nesse sentido, inclusive, não podemos afirmar que o aumento das separações conjugais está necessariamente associado a uma maior participação feminina no mercado de trabalho. Ao longo do trabalho pudemos perceber que muitas questões estão em jogo numa separação. Assim, limitar a apenas uma seria simplificar todo um processo que geralmente envolve inúmeros outros motivos. As transformações que vêm afetando a sociedade e a família são múltiplas e diversas. Novos arranjos surgem e estão em constante mutação e, ao mesmo tempo, convivem com valores arcaicos o que, inclusive, muitas vezes, até podem levar a conflitos no casamento. Por estarem estas questões em constante mudança, acreditamos que novos estudos serão necessários para que se possa tentar melhor acompanhar e entender essas

mudanças que influenciam nossa vida diária. Nosso estudo não teve a pretensão de esgotar um tema tão rico e complexo mas, ao contrário, servir como ponto de partida para o desenvolvimento de novas pesquisas que possam nos ajudar a melhor entender as questões aqui trabalhadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCOÓLICOS ANÔNIMOS (A.A.). **Site oficial**. www.alcoolicosanonimos.org.br Acesso em: 2 de outubro de 2012.
- AL-ANON. **Site oficial**. www.al-anon.org.br Acesso em: 2 de outubro de 2012.
- ALMEIDA, A. M (1987). Notas sobre a família no Brasil. *In*: ALMEIDA, A. M. **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ.
- ALMEIDA, C. (2012). Nasce um novo tipo de família: a mosaico. **Jornal O Globo** 18 de outubro de 2012.
- _____. (2012). Novos tipos de família já são maioria no Brasil. **Jornal O Globo** 26 de agosto de 2012. Disponível em: <http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/8/26/novos-tipos-de-familia-ja-sao-maioria-no-brasil>. Acesso em: 30 de setembro de 2012.
- ALMEIDA, L. S. (2007). Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. **Revista do Departamento de Psicologia**. v. 19, n. 2, Niterói: UFF, Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000200011>. Acesso em 10 outubro 2012.
- ALVES, J. E. D. (2008). A família mosaico. *In*: **APARTE – Inclusão Social em Debate**. Rio de Janeiro: UFRJ. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/a_familia_mosaico_16nov08.pdf. Acesso em 22 de outubro de 2012.
- ARAÚJO, M. de F. (2002). Amor, Casamento e Sexualidade: velhas e novas configurações. *In*: **Psicologia, Ciência e Profissão**. v. 22, n. 2. Brasília: CFP. p. 70-77.
- ARIÈS, P. (1981). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara.
- BARBOSA, P. Z. (2008). **Novas visões sobre maternidade e família: mulheres que optaram por não ter filhos**. 181p. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- BAU, C. H. D. (2002). Estado atual e perspectivas da genética e epidemiologia do alcoolismo. *In*: **Revista Ciência e saúde coletiva**. v. 7, n. 1. São Paulo: ABRASCO. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232002000100017>. Acesso em: 13 de setembro de 2012.
- BAUMAN, Z. (2004). **Amor Líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BRITO, L. (1993). **Separando – um estudo sobre a atuação do psicólogo nas varas de família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UERJ.
- CARNEIRO, E. A. e CARNEIRO, E. C. A. (2007). **Notas introdutórias sobre a análise do discurso**. Disponível em: <http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introductorias-analise-do-discurso-fundamentos.html>. Acesso em: 28 de agosto de 2010.
- CARVALHO, M. (2000). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez.

- COELHO, S. V. (1996). **Além de dois: representações de gênero na comunicação do casal**. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Filosofia. Belo Horizonte: FAFICG – UFMG.
- COSTA, Jurandir Freire (1989). **Ordem Médica e Norma Familiar**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Graal.
- DEL PRIORE, M. (2006). **História das Mulheres no Brasil**. 8ª Edição. São Paulo: Contexto.
- DINIZ, G. (2011). Conjugalidade e violência: reflexões sob uma ótica de gênero. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. Casal e Família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____ (1999). Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. *In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.). In: Casal e Família: Entre a Tradição e a Transformação*. Rio de Janeiro: NAU.
- DINIZ, G. e COELHO, V. (2005). A história e as histórias de mulheres sobre o casamento e a família. *In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Família e Casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PUC-RIO. p. 138-157.
- DONZELOT, J. (1980). **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal.
- DUARTE, J. P. e ROCHA-COUTINHO, M. L. (2011). "Namorado": uma forma contemporânea de conjugalidade? *In: Revista Psicologia Clínica*. v. 23, n. 2. Rio de Janeiro: PUC-RIO. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652011000200008>. Acesso em: 1º de outubro de 2012.
- FÉRES-CARNEIRO, T. (2001). **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: NAU.
- _____ (1999). Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau Editora. p. 96-117.
- _____ (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *In: Revista Psicologia Reflexão e Crítica*. v. 11, n. 2. Porto Alegre: UFRGS.
- FIGUEIRA, S. (1986). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. *In: FIGUEIRA, S. (org). Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- FLICK, U. (2009). **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed.
- FOUCALT, M. (1979). **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal.
- FRASSON, C. B. (2007). Análise do discurso: considerações básicas. *In: Cadernos da FUCAMP*, v. 6, n. 6. Minas Gerais: FUCAMP. Disponível em: <

<http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/101>>. Acesso em: 28 de agosto de 2010.

GIDDENS, A. (2003). Os contornos da Alta Modernidade. *In: Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p.17-39.

GOLDENBERG, M. (2009). **A Arte de Pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª edição. Rio de Janeiro: Record.

GOLDENBERG, M. (2003). Novas famílias nas camadas médias urbanas. *In: Terceiro Encontro de Psicólogos Jurídicos*. Rio de Janeiro: EMERJ/ESAJ. p. 18-26.

GOLDENBERG, M. & TOSCANO, M. (1992). **A Revolução das Mulheres: um balanço do feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan.

GUIMARÃES, L. (2012). Serviço doméstico fica mais caro e gera novo perfil de trabalhadora. **Clipping de Notícias do Ministério do Planejamento**. Disponível em: <https://conteudoclipingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/7/5/servico-domestico-fica-mais-caroe-gera-novo-perfil-de-trabalhadora>. Acesso em 27 de setembro de 2012.

HALL, S. (2001). **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 5ª edição. Rio de Janeiro: DP&A.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) – **Estatísticas do Registro Civil 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2031&id_pagina=1>. Acesso em: 27 de março de 2012.

JABLONSKI, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 203-228.

_____ (2005). Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências? *In: FÉRES-CARNEIRO, T. Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PUC-RIO. p. 93-110.

_____ (1995). A difícil extinção do boçalossauo. *In: NOLASCO, S. (org.). A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco. p. 156-165.

_____ (1991). **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir.

JORNAL O DIÁRIO DE MOGI (2012). Pessoas que moram juntas sem ter oficializado o casamento. Definição retirada da internet: <http://www.odiaridomogi.inf.br/panorama/nacional/8169-aumenta-uniao-consensual-no-pais.html>. Acesso em: 20/10/2012

LIPOVETSKY, G. (2000). **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras.

MACFARLANE, A. (1990). **História do casamento e do amor**. São Paulo: Companhia das Letras.

MARRI, I. G. e WAJNMAN, S. (2007). Esposas como principais provedoras de renda familiar. *In: Revista brasileira de estudos de população*. v. 24, n. 1. São Paulo: ENSP / FIOCRUZ. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982007000100003>. Acesso em: 27 de setembro de 2012.

MINAYO, M.C. (2008). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11ª edição. São Paulo: Hucitec.

NORGREN, M. B; P.; SOUZA, R. M.; KASLOW, F.; HAMMERSCHMIDT, H. e SHARLIN, S. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *In: Estudos de Psicologia*. v. 9, n. 3. Natal. p. 575-584.

ORLANDO, G. (1998). **Direito de Família**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense.

PASSOS, M. C. (2003). A família não é mais aquela: alguns indicadores para pensar suas transformações. *In: Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. p. 13-25.

PERROT, M. (org.) (2009). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PNAD) – **Dados sobre mulheres chefes de família**. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/22/mulheres-chefes-de-familia-nao-sao-mais-pobres-e-nem-sozinhas-diz-pesquisadora.htm> Acesso em: 03 de outubro de 2012.

PREUSS, M. R. G. (1998) Casa e família: entre o ideal e a realidade. *In: Série Documenta nº 9*, ano VI, EICOS / Cátedra Unesco de Desenvolvimento Durável. Rio de Janeiro: UFRJ. P. 117-133.

PROST, A. e VINCENT, G. (org.). (2009). **História da vida privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras.

REINALDO, A. M. S. e PILLON, S. C. (2008). Repercussões do alcoolismo nas relações familiares: estudo de caso. *In: Revista Latino-Americana de Enfermagem*. v. 16. Ribeirão Preto: USP. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692008000700005>. Acesso em: 13 de setembro de 2012.

ROCHA-COUTINHO, M. L. (2011). De volta ao lar: mulheres que abandonaram uma carreira profissional bem sucedida com o nascimento dos filhos. *In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). Casal e Família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 133-148.

_____ (2006). A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. *In: Estudos de Psicologia*, v. 11, n. 1. Natal: UFRN. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/261/26111108.pdf>. Acesso em: 19 de setembro de 2012.

_____ (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *In: Temas em Psicologia da SBP*, v. 12 n. 1. Ribeirão Preto: SBP. Disponível em: http://www.sbponline.org.br/revista2/vol12n1/art01_t.pdf Acesso em: 15 de maio de 2011.

_____ (1998). A análise do discurso em Psicologia: algumas questões, problemas e limites. *In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q. & RODRIGUES, M. M. P. (orgs.) Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 317-345.

RUBIN, S. E. & WOOTEN. (2007). Highly educated stay-at-home mothers: a study of commitment and conflict. *In: The Family Journal*, 15; 336.

SINGLY, F. (2000). O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar. *In: PEIXOTO, et al. Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV. p. 13-19.

SITE UNIVERSO ON LINE – UOL (2011). **Entenda a diferença entre casamento e união estável**. Disponível em: <http://mulher.uol.com.br/casamento/noticias/infomoney/2011/10/31/entenda-a-diferenca-entre-casamento-e-uniao-estavel.htm> Acesso em: 20 de outubro de 2012.

TORRES, A. (2000). A individualização no feminino, o casamento e o amor. *In: PEIXOTO, et al. Família e Individualização*. Rio de Janeiro: FGV. p. 135-156.

VAITSMAN, J. (1995). *Indivíduo, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. *In: DADOS – Revista de Ciências Sociais*, v. 38, n. 2. Rio de Janeiro: Rocco.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; MOSMANN, C. e VERZA, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *In: Psicologia Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 2. Brasília: UNB. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722005000200008>. Acesso em: 30 de setembro de 2012.

ANEXOS

ANEXO I - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Qual a sua idade?

Qual a sua profissão?

Há quanto tempo você está separada?

Quanto tempo permaneceu casada?

Conte-me sua história com seu ex-marido: como se conheceram, namoro, noivado, casamento.

Quanto tempo namoraram? Durante este período ficaram algum tempo separados? Por que?

Como foi o seu processo de separação?

Tiveram filhos?

Não: Por que? Foi uma decisão dos dois? De que maneira essa decisão pode ter influenciado no relacionamento de vocês?

Sim: Foi uma decisão dos dois? Como influenciou na vida do casal? Como compartilhavam as responsabilidades?

Você trabalhava antes do casamento?

Como começou sua vida profissional?

Que tipos de investimento tem feito ao longo dos anos na sua carreira?

O que você acha da participação da mulher no mercado de trabalho?

Nos dias de hoje como você percebe a influência da inserção da mulher no mercado de trabalho na vida conjugal? Como era no seu casamento?

Fale um pouco da dupla jornada de trabalho que muitas mulheres enfrentam

Como você vivenciava a dupla jornada de trabalho? Dividia as responsabilidades nos cuidados de sua casa com alguém? O que você dividia?

Vocês compartilhavam as responsabilidades da casa? Como vocês lidavam com a divisão das tarefas no dia-a-dia de vocês? Essas divisões eram vivenciadas em comum acordo? O que seu marido achava?

Como você vê o papel do homem e da mulher nas relações conjugais hoje?

O que você acha que mais incomodava ao seu marido no casamento? E a você?

Acha que você trabalhar fora incomodava seu marido de alguma maneira?

Como você acha que deveria ser a divisão financeira dos casais?

Como se dava a divisão financeira no seu casamento?

Qual dos dois ganhava mais? Isso influenciava na divisão financeira?

(se a mulher ganhava mais):

Como se dava a relação de vocês com o fato de você ganhar mais que seu marido?

O que você acha que mais contribuiu na separação dos casais?

E no seu caso?

Fique a vontade para fazer algum comentário geral a respeito da separação conjugal.

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Franciny Freitas Azevedo, psicóloga, mestranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), está conduzindo uma pesquisa como parte de seu trabalho final para conclusão de curso e gostaria de sua participação.

A pesquisa tem como objetivo examinar o investimento da mulher em uma carreira profissional e seu impacto na vida conjugal.

Você está sendo convidada a participar desta pesquisa por já ter sido casada no civil, e ter se separado. Ter trabalhado fora enquanto casada e possuir nível superior completo.

Como parte do estudo, sua contribuição será participar de uma entrevista em que serão abordados alguns tópicos com o intuito de melhor compreender e investigar de que modo as questões relacionadas à inserção da mulher no mercado de trabalho influencia a dinâmica familiar e a vida do casal, podendo, inclusive, levar à separação conjugal.

A entrevista será individual e se dará em sala com privacidade. Sua participação será sigilosa e somente a pesquisadora e sua orientadora terão acesso aos dados transcritos que serão utilizados no trabalho final de conclusão do curso.

Sua entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Depois os dados serão apagados. Você deve permitir o uso do gravador e quando quiser que o desligue, é só falar. Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar.

Importante salientar que a entrevista será na verdade uma conversa, onde não existem respostas certas ou erradas. As perguntas serão feitas de forma ampla e sua resposta é livre. Nossa conversa deve durar 1 hora.

Sua participação é voluntária e você pode recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento ou até mesmo deixar de responder a alguma pergunta. Sua recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

A participação nessa pesquisa não traz complicações. Já o benefício em participar da entrevista é a oportunidade de poder falar sobre seus sentimentos e razões relacionados ao processo de separação conjugal com uma escuta isenta da pesquisadora e poder contribuir no embasamento da pesquisa.

Caso reste alguma dúvida com relação à pesquisa após a entrevista, você poderá entrar em contato através do seguinte endereço: Franciny Freitas Azevedo - Instituto de

Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Praia Vermelha, Av. Pasteur, s/n, Urca, Rio de Janeiro, RJ.

Pelo presente instrumento manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento em participar da entrevista acima descrita e permito também seu registro em meio audiovisual e por escrito. Atesto também que recebi uma cópia deste termo de consentimento.

Local e data

Franciny Freitas Azevedo

Pesquisadora

Entrevistada